

SÉRGIO DANIEL NASSER

**“EU VOU ENTRAR NO MUNDO”
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES MIGRANTES
NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO 1980-2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
2008

SÉRGIO DANIEL NASSER

**“EU VOU ENTRAR NO MUNDO”
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES MIGRANTES
NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO 1980-2007**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social, sob orientação do Professor Drº Paulo Roberto de Almeida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N267e Nasser, Sérgio Daniel.
“Eu vou entrar no mundo”: experiências de
trabalhadores
migrantes na região de Ribeirão Preto - 1980-2007 /
Sérgio Daniel Nasser. – 2008.
115 f. : il.

Orientador: Paulo Roberto de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História social - Teses. 2. Trabalhadores - Ribeirão Preto
(SP)-
Teses. 3. Migração interna - Ribeirão Preto (SP) - Teses. I.
Almeida,
Paulo Roberto de. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa
de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

Dissertação apresentada em 27 de fevereiro de 2008. Banca Examinadora:

Professor Drº Paulo Roberto de Almeida
(Orientador)

Professor Drº Rinaldo José Varussa

Professor Drº Sérgio Paulo Morais

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram de maneira direta e indireta para a elaboração coletiva deste trabalho. Um grande beijo aos meus pais e irmãos por todo tipo de apoio prestado desde o período da graduação. Um beijo para a Yana pela ajuda prestada em várias etapas do processo de construção dessa dissertação. Grande abraço aos colegas de curso pelas discussões conjuntas e convivência. Grande abraço aos colegas da graduação, mestrado e doutorado que participaram das discussões preciosas do grupo de história oral. Grande abraço ao amigo René D'afflito, pela atenta revisão ortográfica do texto. A todos os amigos, é claro, aquele abraço.

Durante a pesquisa conheci várias pessoas sem as quais as reflexões que seguem ficariam prejudicadas. Assim, agradeço profundamente aos trabalhadores migrantes que gentilmente relataram suas experiências nas entrevistas, em especial ao companheiro Gilvam. A todas as outras pessoas entrevistadas na pesquisa. Aos funcionários do Arquivo Público de Ribeirão Preto, em especial à Tânia, pela atenta colaboração. Aos agentes pastorais da Pastoral do Migrante de Guariba, especialmente ao Padre Garcia e à Irmã Inês, sempre gentis e atenciosos comigo, indicando documentos essenciais para a pesquisa. Aos companheiros do Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS, em especial à Maucia. Aos técnicos administrativos da UFU e do Curso de História, em especial Gaspar, João Batista, Luciana, Maria Helena e Abadia. Aos professores do curso de História, em especial aos professores da Linha de Pesquisa *Trabalho e Movimentos Sociais* e à professora Maria de Fátima. Ao professor Sérgio Paulo Moraes pela participação nas bancas de qualificação e de defesa. À professora Célia Rocha Calvo pela participação na banca de qualificação e pelas sugestões e discussões ao longo do curso. Ao professor Rinaldo José Varussa pela participação na banca de defesa. Aos professores de outras universidades que colaboraram em discussões internas do Programa de Mestrado em História, em especial às professoras Déa Ribeiro Fenelon e Yara Khoury. À CAPES, pela bolsa que possibilitou a conclusão desta pesquisa no último ano. Em especial, agradeço profundamente ao professor Paulo Roberto de Almeida, que me orientou na graduação e agora neste trabalho, a quem sou grato pelas sugestões, pela orientação e pelo companheirismo.

Minha vida dá um livro.
(Alagoano Gilvan, morador de Jardinópolis - SP, 31/12/2006)

RESUMO

Nesta pesquisa foram analisadas as experiências de trabalhadores migrantes que chegaram à região de Ribeirão Preto nas décadas 1980, 1990 e 2000. Procuramos compreender as ações desses sujeitos na transformação da região, bem como os conflitos vivenciados com outros grupos locais pela conquista do espaço e do direito de pertencimento ao local.

Pela análise das entrevistas realizadas com os trabalhadores, pudemos observar as formas de sobrevivência criadas por esses sujeitos na região de Ribeirão Preto, baseadas em relações de cumplicidade que viabilizam a chegada, a permanência e a sobrevivência no local.

Abordamos, ainda, as tensões em torno da questão da migração para a região de Ribeirão Preto a partir dos anos 1980, quando setores locais passaram a debater a presença do migrante, construindo interpretações que, muitas vezes, criminalizavam a presença desses sujeitos e cobravam a intervenção pública por meio da criação dos centros de triagens.

Palavras-Chave: trabalhadores migrantes; experiência; região de Ribeirão Preto.

ABSTRACT

In this research have been analyzed the experiences of migrants workers that arrived at the region of Ribeirão Preto in decades 1980, 1990 and 2000. We seek to understand the actions of these citizens in the transformation of the region, as well as the conflicts that they experienced with other local groups for the conquest of the space and the right of belonging in the place.

For the analysis of the interviews realized with the workers we could observe the forms of survival created by these citizens in the region of Ribeirão Preto, based in complicity relations that make possible the arrival, the permanence and the survival in the place.

We still observed the tensions around the question of the migration for the region of Ribeirão Preto from years 1980, when local sectors have started to debate the presence of the migrant in the place, constructing interpretations that, many times, criminalized the presence of these citizens and charged the public intervention by means of the creation of the centers of selections.

Words-key: migrants workers; experience; Region of Ribeirão Preto.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
--------------------------	-----------

Capítulo I.....	24
-----------------	----

INTERPRETAÇÕES DE TRABALHADORES MIGRANTES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

Capítulo II.....	54
------------------	----

INTERPRETAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DO TRABALHADOR MIGRANTE NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

Capítulo III.....	80
-------------------	----

RELAÇÕES DE CUMPLICIDADE – CONSTRUINDO CAMINHOS PARA A SOBREVIVÊNCIA

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
----------------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.....	110
--------------------------	------------

FONTES.....	114
--------------------	------------

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa reflete sobre as experiências de trabalhadores migrantes, oriundos de várias regiões do Brasil, que chegaram à região de Ribeirão Preto nas décadas de 1980, 1990 e 2000.

O contato com esses sujeitos iniciou-se durante a realização da monografia de conclusão do curso de História, na qual eram investigadas as transformações ocorridas na cidade de Jardinópolis, situada a 20 km da cidade de Ribeirão Preto. Essas transformações foram caracterizadas pelo crescimento de bairros habitados por pessoas de outras cidades da região e do país.

A partir do contato com as experiências desses sujeitos começamos a refletir sobre a presença significativa de trabalhadores pobres que chegavam constantemente à região de Ribeirão Preto, situada no interior do estado de São Paulo, à procura de trabalho.

O olhar para o cotidiano dos trabalhadores oriundos de outras regiões do país revelou uma região marcada por disputas pelo direito de pertencimento ao local, nas quais desigualdades, sonhos, promessas, expectativas e frustrações permeiam as vivências analisadas.

A partida do local de origem, a chegada à região de Ribeirão Preto, a busca do emprego, o desemprego, o estudo dos filhos, a saúde da família, a saudade da terra natal, o sonho da estabilidade, a projeção de uma vida sem privações fazem parte do universo de relações sociais vivenciadas nas trajetórias desses trabalhadores, assim como as relações com o poder público, com os empregadores, com outros habitantes das cidades que chegam e com sujeitos que possuem experiências semelhantes.

É interessante observar no cotidiano desses trabalhadores as disputas pelo direito de ser reconhecidos como membros daquela sociedade em que passam a viver. Nos bairros habitados pelos trabalhadores migrantes, geralmente localizados nas periferias das cidades, o reconhecimento parece mais atingível, uma vez que vários sujeitos se encontram em situações semelhantes. Entretanto, em outras partes da cidade as relações sociais vivenciadas são mais tensas, muitas vezes caracterizadas pela negação do reconhecimento como sujeitos do local, por setores da cidade hostis às transformações locais e à presença de famílias de outras regiões do país.

Segundo o antropólogo Antônio A. Arantes, o tema da cidadania está ligado a atributos como *estar situado em e pertencer a*, nos quais o sujeito compartilha valores, experiências,

interesses e memórias com outros sujeitos, inseridos numa coletividade na qual todos os membros se sentem imbricados em relações de solidariedade e *valores profundos, carregados de conteúdos emocionais e força simbólica*.¹

O pertencimento implica em ser reconhecido pelos membros do meio em que vive e *situar-se num espaço físico compartilhado, pertencer é possuir uma localização no mapa social*² legítima.

A análise das vivências desses sujeitos na região de Ribeirão Preto nos situa numa abordagem historiográfica que problematiza a questão dos sujeitos na história. Abordagens da história social têm enfrentado essa questão procurando compreender a ação dos sujeitos mais comuns no processo histórico.

Richard Hoggart problematizou, na década de 1950, algumas abordagens sobre as classes trabalhadoras inglesas, destacando que olhares *saudosos* para as formas de resistência e/ou exploração construíram uma visão protetora e piedosa que perdeu a compreensão *real* dos sujeitos analisados.

Hoggart ressalta a experiência de ser oriundo das classes proletárias por ele pesquisadas, alertando que se por um lado conseguiu transmitir com mais veracidade a sensação de vida do proletário, por outro, o pesquisador nessa condição corre maior risco de interpretar o novo, advindo das mudanças, como pior do que o antigo, devido a um olhar influenciado pelo que chamou de *lente deformadora da nostalgia*.³

Os sujeitos estudados pelo autor são aqueles representativos de uma *visão comum* sobre o cotidiano, diferente de uma concepção marxista ortodoxa que trabalhava com lideranças sindical, religiosa e política como definidoras da consciência de classe. A escolha do sujeito comum para análise não significa que há um grupo homogêneo, pelo contrário, o autor ressalta a existência de grandes diferenças entre esses sujeitos; entretanto, as generalizações realizadas *significam apenas que a maioria das pessoas do proletariado consideram que assim se deve pensar ou agir neste ou naquele caso*.⁴

Em suas análises, Hoggart evita a polarização entre resistência X conformação, não utilizando modelos preestabelecidos que definam as classes de forma esquemática, totalmente passivas ou ativas. Resistência e conformação estão presentes nas relações experimentadas

¹ ARANTES, Antônio A. Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempo de globalização. In: _____. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 133.

² Ibid., p. 133.

³ HOGGART, Richard. **As utilizações da Cultura 1**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973, p. 21.

⁴ Ibid., p. 27.

pelas classes populares, que devem ter sua cultura analisada na própria autonomia e nas relações com outras classes.

Seguindo caminhos teóricos semelhantes ao autor, Edward Thompson, referenciando-se também no materialismo histórico, sugere que para o historiador os conceitos não podem ser estáticos, utilizados como modelos que devem abarcar toda a realidade analisada. Pelo contrário, os conceitos históricos são elásticos, dizem respeito a realidades particulares e por isso devem ser utilizados como expectativa, e nunca como regra, frente às evidências de uma dada realidade analisada.⁵

Nessa perspectiva historiográfica, a teoria surge como auxiliar do historiador nas indagações sobre o objeto analisado, jamais definindo *a priori* os resultados da pesquisa. Os resultados, então, devem surgir da análise rigorosa das evidências levantadas junto às fontes selecionadas pelo pesquisador, nas quais as experiências dos sujeitos estudados serão compreendidas com o auxílio e não pela teoria predeterminada.

Assim, o trabalho do historiador torna-se um diálogo entre as perguntas definidas pelo pesquisador e as evidências elencadas nas fontes selecionadas. O conhecimento histórico, no olhar de Thompson, constitui-se como provisório, incompleto, seletivo, limitado e definido pelas questões levantadas pelo historiador, mas nem por isso inverídico.⁶ A pesquisa que parte de um contexto predeterminado jamais pode ser um diálogo, pois se limita previamente a uma teoria fechada, restando ao pesquisador encontrar o melhor local para encaixar seu objeto na estrutura preestabelecida.

A problemática de pensar o sujeito na história, dialogar com as evidências na pesquisa e analisar as experiências de grupos sociais excluídos nas relações vivenciadas no processo histórico influenciou as reflexões da Linha de Pesquisa *Trabalho e Movimentos Sociais*, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, da qual parte esta pesquisa. A Linha dialoga com outras linhas de pesquisa de diversas universidades brasileiras, através, principalmente, da participação nas discussões do projeto PROCAD/CAPES intitulado *Cultura, Trabalho e Cidade: muitas memórias, outras histórias*, liderado por professores das Linhas de Pesquisa *Cultura e Trabalho* e *Cultura e Cidade* do Programa de Pós-Graduação da PUC-SP.

Em 2004, as discussões decorrentes das pesquisas internas e dos debates realizados pelo PROCAD culminaram na publicação do livro *Muitas Memórias, outras Histórias*, o qual

⁵ THOMPSON, Edward P. Intervalo: a lógica histórica. In: _____. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 56/57.

⁶ Ibid., p. 49/50.

aprofunda questões tais como: o lugar dos sujeitos na história; as disputas pelo direito de pertencer à cidade; processos de disputas através de diversas memórias, geralmente, caladas ou classificadas como sem importância por uma memória que se coloca como a História; a necessidade de se pensar memórias e histórias no plural para se compreender e valorizar as experiências dos mais diversos sujeitos nos próprios modos de viver; a importância do compromisso político do historiador e o envolvimento com os problemas do tempo em que vive; a problematização das fontes utilizadas e da escrita do texto historiográfico.

Em balanço realizado por professores da Linha *Trabalho e Movimentos Sociais*, os interesses das pesquisas são definidos como:

*Recuperar a experiência histórica de diversos sujeitos sociais em seus múltiplos e diversificados aspectos, entendendo como as pessoas constroem seus espaços e territórios, deixando neles suas marcas; discutir as variadas experiências dos trabalhadores analisando o seu “fazer-se” enquanto classe em seus múltiplos sentidos e práticas; refletir sobre o significado das práticas sociais diferenciadas que estão no campo das vivências, bem como no dos valores e dos interesses, a fim de entender o social como um lugar de tensões; são objetos que compõem o universo das nossas preocupações maiores.*⁷

É nesse universo de reflexões, pressupostos e métodos que se inserem as análises desenvolvidas sobre as vivências de trabalhadores que chegaram à região de Ribeirão Preto nas últimas décadas.

Algumas pesquisas foram dedicadas à questão da migração para a região de Ribeirão Preto. A socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva analisa em *Errantes do fim do século*⁸ o processo de dominação/exploração/exclusão ocorrido na implantação da *modernização trágica* da década de 1960, cujos efeitos provocaram o êxodo rural e a proletarização do camponês. A pesquisadora procura compreender as relações pelo viés de entrecruzamento gênero/etnia/classe, concebidos como algo em constantes transformações.

Utilizando fontes orais, questionários, levantamento sobre compras e vendas de terras em cartórios, leis, dados dos censos e de outros institutos de pesquisa, Silva constrói uma interpretação estruturalista sobre as relações de trabalho na região de Ribeirão Preto e no Vale

⁷ CALVO, Célia Rocha. CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Org.) **Coletânea do Programa de Pós-graduação em História/UFU**. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 13.

⁸ SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

do Jequitinhonha, na qual os trabalhadores serão vistos como sujeitos dominados dentro da lógica capitalista.

Segundo a autora, o processo de modernização implantado nas décadas de 1960 e 1970 durante o regime militar expropriou o camponês da terra por meios jurídicos e por ações do Estado, gerando o êxodo rural. O Vale do Jequitinhonha, região situada no norte do estado de Minas Gerais, é um exemplo no qual a expropriação do trabalhador rural ocorreu no momento em que a terra foi capitalizada pela legislação, pois os pequenos proprietários não possuíam meios para arcar com as despesas de legalização (títulos, lote) sendo forçados a vender suas pequenas propriedades para compradores externos, principalmente grupos econômicos de São Paulo.

Nesse processo, o destino de muitos camponeses foi a migração para regiões do Sudeste, inclusive a região de Ribeirão Preto, para o trabalho na lavoura da agroindústria. Nas análises da autora, os trabalhadores são apresentados como sujeitos passivos frente às transformações sociais verificadas no período.

Em se tratando da criação do trabalho volante no campo no estado de São Paulo, Maria Aparecida de Moraes Silva opta por uma análise pelo viés jurídico, na qual recupera a legislação para o trabalho no campo da década de 1960, especificamente o Estatuto do Trabalhador Rural – ETR - de 1963, e o Estatuto da Terra – ET – de 1964. Pela interpretação da autora, o ETR visava garantir ao trabalhador do campo os direitos adquiridos pelos trabalhadores urbanos, porém não atingia o trabalhador volante. Portanto, com intuito de burlar a lei, o trabalhador rural permanente foi despedido, pois com a contratação do trabalhador temporário, livre de encargos trabalhistas, o empregador economizava, aumentando ainda mais a exploração sobre o trabalho no campo.

Dessa maneira, conclui Maria Aparecida de Moraes Silva, o trabalho volante no campo passou a predominar na região de Ribeirão Preto. O antigo trabalhador rural migrou para as áreas urbanas, exercendo atividades variadas, inclusive exercendo muitas vezes o próprio trabalho temporário no campo, porém agora sob um universo de relações modificadas.

A tese *Condições de vida, acumulação de riqueza, miséria e pobreza junto à população de migrantes na cidade de Ribeirão Preto*, defendida na área de Serviço Social, por Célia Maria Zamboni, cuja formação é na área de história, tem como tema principal a condição de vida do migrante na região de Ribeirão Preto na década de 1990, priorizando a análise da situação desses sujeitos dentro do processo produtivo e das condições que possuem para modificar a realidade que vivenciam.

As fontes utilizadas para a pesquisa são dados estatísticos extraídos de fonte eletrônica, depoimentos, relatórios anuais do CETREM, gráficos, censos 1970/80/90, dados do Ministério do Trabalho, entre outras.

A obra de Zamboni perpassa dois momentos: primeiro propõe uma reflexão crítica sobre as políticas públicas, focalizando o contexto em que é produzida a questão social; em seguida estuda o cotidiano do migrante e suas alternativas políticas para o exercício da cidadania. Assim, a intenção do estudo foi a intervenção direta na realidade para resolver os problemas detectados na pesquisa.⁹

A autora tem como pressuposto de análise a concepção de um Estado ineficiente, com políticas públicas que não resolvem os problemas da população, agravando os problemas sociais.

Os sujeitos centrais da pesquisa são os migrantes excedentes da oferta de trabalho na região, especificamente aqueles atendidos pela triagem de Ribeirão Preto. Zamboni busca também na população migrante do bairro Jardim Progresso de Ribeirão Preto um exemplo de movimentação diante da reestruturação produtiva, teorizada no trabalho.

São analisadas as condições de vida dos migrantes que chegam a Ribeirão Preto, priorizando a caracterização do CETREM – Centro de Triagem do Migrante Itinerante e Morador de Rua – e das pessoas que procuram seus serviços, sempre sugerindo ações ideais para o melhor funcionamento do órgão.

Os migrantes estudados por Zamboni são aqueles que passaram pelo órgão, portanto são observados pelo olhar institucional, perdendo-se de vista outras experiências desse grupo de pessoas na cidade, exceto quando analisa os embates dos moradores do bairro Jardim Progresso na luta por moradia no início da década de 1990, baseando a reflexão nos depoimentos das lideranças do movimento.

No trabalho analisado observa-se a reprodução de um vocabulário e de algumas idéias oriundas de setores sociais que tendem a criminalizar o grupo de pessoas pesquisado. O termo *invasão*¹⁰ aparece sem maiores cuidados para descrever a luta por moradias e também é utilizado o discurso no qual o trabalhador é culpado por não ter se capacitado para a chamada evolução tecnológica.¹¹

⁹ ZAMBONI, Célia Maria. *Condições de vida, acumulação de riqueza, miséria e pobreza junto à população de migrantes na cidade de Ribeirão Preto*. 2001. 200 f. Tese (Doutorado em Serviço Social)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001, p. 28.

¹⁰ Ibid., p. 176.

¹¹ Ibid., p. 149.

Na introdução a presença do migrante é interpretada como problema, responsabilizando-o por questões como: desemprego, aumento de favelas e cortiços, violência urbana, prostituição precoce, entre outros¹². Parece que nesse caso, a autora incorpora os mesmos argumentos utilizados por setores sociais que criminalizam a presença do migrante na região de Ribeirão Preto, apesar de deixar claro que sua intenção é propor alternativas para a inserção do migrante como cidadão, lutando por melhores condições de vida.

A presente pesquisa se diferencia dos trabalhos citados acima por compreender que os trabalhadores migrantes pobres são sujeitos ativos no processo histórico, no qual eles experimentam e interpretam as relações cotidianas, construindo alternativas de sobrevivência, entre as quais a própria migração.

No trabalho *Itinerário da sobrevivência: processo migratório no contexto da expansão e crise do parque industrial francano – 1970/1995*, a historiadora Eliana Maria de Freitas Nascimento defende a tese de que *o desenvolvimento do capitalismo no âmbito rural torna o trabalhador um migrante*¹³, à medida que este passa a transitar por regiões em busca de trabalho, tornando-se um sujeito marginalizado pelo capital quando o mercado de trabalho não necessita mais de sua mão-de-obra.

A autora sustenta que o acelerado crescimento populacional de Franca, entre 1970 e 1991, está estritamente ligado ao êxodo rural das pequenas cidades circunvizinhas e à atração do parque industrial francano.

O incentivo à expansão industrial, na década de 1970, no interior do estado de São Paulo, fazia parte de políticas do governo do Estado, em parceria com o governo Federal, para amenizar o fluxo migratório para a capital paulista, destinando os trabalhadores migrantes que chegavam à cidade de São Paulo para um conjunto de cidades do interior com população entre 100.000 e 500.000 habitantes.¹⁴ Com a implantação do SEMO (Sistema Estadual de Mão-de-Obra) os trabalhadores migrantes seriam encaminhados da região metropolitana de São Paulo para o pólo regional que dispusesse de emprego. O projeto iniciou-se em 1975 nas cidades de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto como uma central de informações sobre empregos disponíveis. A equipe da Secretaria de Economia e Planejamento envolvida na execução das atividades era composta por geógrafos, economistas, sociólogos, assistentes sociais, professores e estatísticos.

¹² ZAMBONI, Célia Maria. Op. cit. p. 25.

¹³ NASCIMENTO, Eliana Maria de Freitas. **Itinerário da sobrevivência: processo migratório no contexto da expansão e crise do parque industrial francano – 1970/1995**. 1998. 131 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1998, p. 4.

¹⁴ Ibid., p. 35.

Junto ao grande contingente populacional ocorreram, na década de 1970, *operações de limpeza empreendidas pela polícia*¹⁵ francana com objetivo de controlar a entrada de sujeitos na cidade. Em 1989, foi criado o PAM – Posto de Atendimento ao Migrante – para selecionar por meio das triagens os trabalhadores migrantes que desejassem permanecer em Franca. Para os indesejáveis, eram cedidas passagens para outros centros urbanos.¹⁶

Na entrevista cedida pela assistente social Rose Ane Guimarães Martins Imore, a qual participou da criação do CETREM de Ribeirão Preto, também em 1989, há o relato de conflitos entre os responsáveis pelas triagens das cidades do interior do estado de São Paulo, os quais geraram acusações recíprocas de envio de migrantes sem o consentimento das cidades destinatárias:

...então a gente mandava muita gente pra Campinas, aí o pessoal começou a ter contato ‘olha não dá, cês tão mandando’, ‘mas cê eles querem ir pra São Paulo, não tem o trem direto, o único meio de transporte que nós temos é esse por enquanto tal’, o recurso da passagem de ônibus era muito caro, aí nós resolvemos com o pessoal ali da região de Campinas senta pra vê se resolvia esse problema, porque também se queria ir pra Uberlândia eles mandavam até Ribeirão, então ficava como se fosse uma troca as vezes...¹⁷

Por meio de uma fala institucionalizada, *a gente mandava*, portanto representativa das políticas públicas de triagens, Rose Ane narra que no início dos anos 1990, várias cidades, entre as quais Ribeirão Preto, São Carlos, Araraquara, Sorocaba, Piracicaba e Uberlândia, formaram uma rede de controle conjunta de entrada e saída de migrantes, na qual os dados dos sujeitos atendidos eram socializados entre os órgãos responsáveis pela triagem.

A estratégia de controle social pelos centros de triagens não foi uma prática restrita a uma cidade ou a um grupo social específico. Tal prática de dominação foi e é utilizada amplamente como forma de disciplinar o uso do espaço e restrição do acesso à cidade a algumas classes sociais.

Outra questão debatida em algumas pesquisas é a concentração de terras na região de Ribeirão Preto, extremamente importante para se pensar a atração para o local e os conflitos sociais vivenciados cotidianamente. Ubaldo Silveira, em um trabalho também defendido pela faculdade de Serviço Social, analisou em *A Comissão Pastoral da Terra e os conflitos sociais*

¹⁵ NASCIMENTO, Eliana Maria de Freitas. Op. cit. p. 89.

¹⁶ Ibid., p. 88.

¹⁷ Rose Ane Guimarães Martins Imore, assistente social que participou da criação do CETREM e atuou no órgão na década de 1990. Atualmente está lotada no Fundo Social de Solidariedade – Gabinete da 1ª dama – Ribeirão Preto. Idade 49 anos. Entrevista realizada em 08/09/2006.

*rurais na micro-região de Ribeirão Preto*¹⁸ a questão da agroindústria na região e suas consequências no campo social, como a exploração do trabalhador rural.

O autor procura compreender como a Comissão Pastoral da Terra lidou com algumas consequências dessa exploração, tais como: a miséria, o aumento de favelas e, principalmente, os conflitos no campo, evidenciados pelas greves que marcaram as cidades da região na década de 1980 e pela proliferação de acampamentos dos movimentos de sem-terra na década de 1990.

No trabalho *Região de Ribeirão Preto e a luta dos trabalhadores rurais pela terra*, Ubaldo Silveira elencou a existência na região de 11 acampamentos de sem-terras e 16 assentamentos em 2000¹⁹, grande parte formado por pessoas de outras regiões do país.

O autor ressalta a contradição do capitalismo avançado no meio rural que possui alta produtividade e gera riquezas, mas concomitantemente *é responsável pelo surgimento em massa de um contingente de pessoas despossuídas dos meios de produção e de condições mínimas de trabalho no campo*.²⁰

José Dantas analisou em *Sertãozinho: uma sociedade dependente da lavoura e da agro-indústria açucareira*²¹, tese de doutorado em história, a influência da agroindústria na cidade de Sertãozinho e na região de Ribeirão Preto nas décadas de 1950 e 1960, período de implantação e concretização da lavoura canavieira.

Segundo Dantas, a agroindústria açucareira consolidou-se na segunda metade do século XX na cidade de Sertãozinho e na região de Ribeirão Preto, atrelada aos interesses do capitalismo internacional no mercado externo, passando a interferir de maneira decisiva naquelas cidades, as quais se tornaram dependentes da lógica do setor.

Alguns fatores foram introduzidos com a agroindústria, como: o aumento da concentração de terras e riqueza, fato que, na perspectiva do autor, vinha se modificando desde a queda da lavoura cafeeira na década de 1930, com a implantação da policultura e de terras cultivadas por ex-colonos.

¹⁸ SILVEIRA, Ubaldo. **A Comissão Pastoral da Terra e os conflitos sociais rurais na micro-região de Ribeirão Preto**. 1996. 236 f. Tese (Doutorado em Serviço Social)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1996.

¹⁹ _____. **Região de Ribeirão Preto e a luta dos trabalhadores rurais pela terra**. 2004. 154 f. Tese (Livre Docência em Serviço Social)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p. 104.

²⁰ Ibid., p. 145.

²¹ DANTAS, José. **Sertãozinho: uma sociedade dependente da lavoura canavieira e da agro-indústria açucareira**. 1976. 181 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Pardo, 1976.

Outro fato importante salientado por Dantas é a mão-de-obra volante que predominou no trabalho rural, devido à regulamentação do trabalho no campo pelo Estatuto do Trabalhador Rural na década de 1960. Os empregadores, descontentes com o custo da mão-de-obra do trabalhador no campo, adotaram a contratação do trabalho temporário.

O autor conclui que uma característica que passou a marcar a região de Ribeirão Preto foi a migração de trabalhadores durante a safra de cana-de-açúcar, oriunda principalmente do norte de Minas Gerais e da Bahia. No período da entressafra, os empregos no setor eram restritos, colocando o trabalhador rural em situação de subemprego e miséria. Aqueles que não conseguiam emprego em outras atividades possuíam poucas alternativas, entre as quais a volta para o local de origem. A permanência no local gerava uma vida de restrições e dificuldades, características dos grandes centros urbanos, os quais atraem a mão-de-obra quando necessitam, porém não são capazes de responder a muitos dos anseios da população migrante.

O historiador Alexandre Marques Mendes analisou em *O conflito social de Guariba 1984-1985* as greves dos trabalhadores rurais em Guariba em meados da década de 1980, ressaltando aspectos sociais e políticos que contribuíram para a eclosão do movimento que proliferou para outras cidades da região.

O autor recupera características das relações no campo na região durante o século XX. Ele compreende que é um mito teórico a idéia de que a agricultura na região de Ribeirão Preto tornou-se democrática no período imediato ao declínio do café, nas décadas de 1930 e 1940, sendo que na realidade ocorrera a ascensão do arrendamento e da parceria que dividia com o proprietário mais os prejuízos do que os lucros.²²

Segundo Mendes, os empregados temporários no campo foram a grande novidade nas relações trabalhistas rurais da década de 1950, ocasionada pelo *crescimento das atividades açucareiras*.²³ O autor antecipa a inserção do trabalho temporário na região para a década de 1950, quando outros autores²⁴ a situam a partir das leis trabalhistas no campo, inseridas na década de 1960. A grande diferença entre o trabalhador rural da década de 1940 e o “bóia-fria” estava no fato de o primeiro possuir a concessão da terra.²⁵

²² MENDES, Alexandre Marques. **O conflito social de Guariba 1984-1985**. Franca: UNESP/Franca, 1999, p. 52/53.

²³ Ibid., p. 53.

²⁴ SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Op. cit.; DANTAS, José. Op. cit.

²⁵ MENDES, Alexandre Marques. Op. cit. p. 54.

Durante a década de 1960, a maioria dos cafezais se extinguiu, ampliando a lavoura canavieira e acentuando o processo de industrialização no campo. Com o Proálcool, em 1975, o setor recebeu mais incentivos financeiros, consolidando-se na década de 1980.

Segundo o autor, o fluxo migratório para a região ocorre desde 1940, sendo que a partir da década de 1970 a migração se tornou estratégia permanente de sobrevivência, principalmente dos moradores da região do Vale do Jequitinhonha, após o processo de expropriação do camponês por grupos econômicos advindos de outros estados.²⁶

O conflito social de Guariba, que teve o ápice em maio de 1984, ocorreu, segundo Mendes, por uma *sincronia de fatos*²⁷: presença da CPT – Comissão Pastoral da Terra – na região, sindicatos, política local, condição de vida e trabalho precários do trabalhador temporário rural. A partir de 1984, há a propagação das reivindicações por todo o estado de São Paulo e a criação de inúmeros sindicatos de trabalhadores rurais na região, acarretando, em muitos casos, disputas de grupos políticos pelo controle e influência local.

A historiografia analisada caminha para entender a questão da migração por alguns marcos. Ora enfatiza uma visão mais economicista, ora uma visão mais jurídica e institucionalizada, geralmente tendendo a pensar as estruturas de dominação nas quais os sujeitos estão inseridos.

Esta pesquisa propõe contribuir para tal discussão partindo do olhar dos sujeitos sobre o processo por eles vivenciados, captando os significados atribuídos ao ato de migrar e procurando compreender como esses sujeitos concretizam essa experiência de partida, chegada, manutenção e sobrevivência no local.

Para viabilizar este estudo uma das opções de fonte foi a utilização de depoimentos orais como meio de compreensão das experiências dos trabalhadores. Tal opção tem sido muito utilizada e debatida nos trabalhos da linha de pesquisa *Trabalho e Movimentos Sociais*, surgindo como possibilidade de expressão de sujeitos que são silenciados ou aparecem fragmentados e deformados nas narrativas da imprensa e em outras fontes comumente disponíveis.

Os depoimentos orais surgem como fontes importantes, na medida em que carregam interpretações dos sujeitos sobre o processo histórico, dialogando com outras versões do processo histórico construídas por diversos grupos sociais, inclusive aqueles que requerem para si versões únicas e autorizadas e, por isso, dominantes.²⁸

²⁶ MENDES, Alexandre Marques. Op. cit. p. 86.

²⁷ Ibid., p. 113.

²⁸ CALVO, Célia Rocha. CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Op. cit. p. 22.

As versões que se pretendem autorizadas tendem a construir uma memória sobre o processo histórico, na qual as experiências das classes trabalhadoras são, geralmente, deslegitimadas e ocultadas. A memória, socialmente construída entre os sujeitos, emerge nesse campo como uma forma poderosa de dominação e legitimação de determinados grupos sociais.

As interpretações construídas nas entrevistas com trabalhadores constituem-se em memórias negligenciadas por outras fontes históricas, portanto, surge a possibilidade de a pesquisa historiográfica problematizar *lembranças e narrativas de sujeitos excluídos e dissidentes*²⁹ a fim de disputar memórias silenciadas pelas relações sociais do presente.

O intuito de analisar as experiências desses trabalhadores é construir outras histórias através de memórias obscurecidas³⁰ durante o processo histórico, marcado por disputas que relegam somente a algumas memórias o direito de versão autorizada sobre a história.

Na análise das narrativas, assim como na análise de qualquer outra fonte, faz-se necessária a recuperação do lugar social de sua fabricação, refletindo sobre as disputas e tensões existentes no meio social cotidiano dos sujeitos pesquisados.

Ao explorar a subjetividade do expositor nas fontes orais, Alessandro Portelli ressalta aspectos importantes referentes aos significados que os sujeitos atribuem às questões narradas: *Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.*³¹

A questão mais importante da pesquisa com fontes orais não é testar a autenticidade ou falsidade do conteúdo narrado na entrevista, mas atentar para o fato de que algo foi narrado mediante o pedido do pesquisador, que estabelece o contato, explica ao entrevistado suas intenções, formula as questões, grava e transcreve a entrevista.

É a partir da análise do processo de construção da entrevista que o historiador buscará compreender os sentidos das narrativas:

*A diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis.*³²

²⁹ FENELON, Déa Ribeiro. CRUZ, Heloísa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução - Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa Ribeiro. et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2004, p. 6.

³⁰ KHOURY, Yara Aun. Diversidade cultural, inclusão social e a escrita da história. In: XIV Congresso Nacional de História Oral, Rio Branco-Acre, 2 a 5/05/2006, p. 5.

³¹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, (14), fev. 1997, p. 31.

³² Ibid., p. 32.

Os narradores buscam sentidos no passado que sejam condizentes às experiências vivenciadas no presente, explicitando-os conforme a relação estabelecida entre entrevistador e narrador e entre narrador e entrevistador.

O contato do historiador com o entrevistado é intercalado de sentimentos de desconfiança e curiosidade. O primeiro encontro com o alagoano Gilvan, morador de Jardinópolis desde 2002, foi realizado na porta de sua casa, quando expliquei os motivos da entrevista, agendando-a para o dia seguinte. Devido à chuva, atrasei e só encontrei em casa sua filha que disse que seu pai estava desconfiado da entrevista. Estabelecido o contato novamente, foi possível realizar a entrevista, a qual a família, composta por sua mulher e mais 5 filhos, observou atenta no único cômodo da casa. Após fotografar a casa e os moradores, fui surpreendido pelos mesmos, que pegaram uma máquina fotográfica e tiraram uma foto minha junto a eles, alegando que queriam registrar o momento.

A conversa estabelecida por Gilvan com a família após o primeiro contato, na qual provavelmente se especulou sobre quem seria a pessoa que pretendia entrevistá-lo, revela a preparação do sujeito para a entrevista, falando aquilo que espera ser a expectativa do entrevistador. A foto tirada pela família revela a importância atribuída ao ato de narrar para um desconhecido suas experiências. A epígrafe no início da dissertação: *minha vida dá um livro*, que foi expressa por Gilvan no primeiro dia de contato, após eu revelar o interesse em gravar a entrevista sobre suas experiências, sugere a interpretação de que sua história vale a pena ser narrada, ouvida e escrita.

As experiências desses trabalhadores sugerem pensar o ato de migrar como projeto de vida, familiar ou individual, o qual significa que a saída do local de origem é uma escolha, uma busca de alternativa de vida, apesar do ato de migrar ocorrer também por uma questão de expulsão, devido à fuga da hostilidade do local de origem.

Entre os sujeitos entrevistados, a migração, geralmente, é apresentada como projeto familiar. Muitos chegaram à região ainda muito novos na companhia de pais e irmãos. Outros chegaram com mulher e filhos, dispostos a permanecer no local. Para aqueles que deixaram a família para trabalhar na região, permanece o contato e o sustento de pais, esposas e filhos à distância. A questão familiar é um tema recorrente nas explicações dos trabalhadores sobre os motivos da migração.

A pesquisa se desenvolveu com a ajuda dos trabalhadores migrantes residentes na região de Ribeirão Preto, pois além de narrar vários entrevistados cooperaram com a pesquisa, indicando possíveis sujeitos aptos a relatarem suas experiências. Assim, ampliaram-se os

diálogos com as fontes construídas, tornando possíveis as reflexões sobre as vivências desses trabalhadores. Algumas entrevistas com trabalhadores foram mediadas pela Pastoral do Migrante de Guariba, fato relevante para a interpretação desses relatos, já que tende a direcionar as narrativas para questões ligadas ao trabalho da Pastoral, assim como a identificar o pesquisador como alguém a serviço desse órgão.

Outra fonte essencial para a construção das análises da pesquisa foram as narrativas em cartas escritas de trabalhadores migrantes para membros da Pastoral do Migrante de Guariba nas décadas de 1980 e 1990.

Essas cartas fazem parte do arquivo da Pastoral, na cidade de Guariba, e são disponibilizadas para pesquisa junto com diversas outras fontes que compõem o acervo, organizado com a preocupação de preservar as memórias de trabalhadores migrantes e outros grupos sociais engajados em discutir a questão da presença e vivência desses sujeitos na região de Ribeirão Preto.

Além das narrativas das cartas, outras fontes do mesmo arquivo como fotografias e boletins produzidos pela Pastoral foram analisadas no trabalho. O boletim periódico *Cá e Lá*, produzido desde 1986 e ativo até hoje, serviu para a reflexão sobre os olhares construídos sobre a presença do trabalhador migrante na região de Ribeirão Preto.

Como contraponto para a mesma discussão foi analisado o jornal *A cidade*, sediado na cidade de Ribeirão Preto, maior periódico regional em circulação na década de 1980, também ativo nos dias atuais, que representa outros grupos sociais atuantes na região. O periódico, que aguarda projeto de microfilmagem, se encontra disponível para pesquisadores no Arquivo Público da cidade de Ribeirão Preto.

A presença do trabalhador migrante no interior paulista ampliou os interesses em disputa e as formas de viver no local, chamando a atenção de setores sociais da região que vivenciaram, disputaram e interpretaram de diversas formas as transformações ocorridas no período e a presença desses trabalhadores. Entre os setores sociais destacam-se aqueles ligados à imprensa, a qual tem grande importância no processo de interpretação das transformações por atingir um número elevado de leitores.

A construção de sentido para o passado não é privilégio único da produção historiográfica acadêmica.³³ Relatos individuais, periódicos, obras literárias, programas televisivos e filmes produzem versões históricas amplamente divulgadas nos espaços públicos e privados, fornecendo elementos para disputas em torno da construção de interpretações

³³ POPULAR, Grupo Memória. Memória Popular: teoria, política, método. In: **Muitas memórias, outras histórias**. FENELON, Déa Ribeiro. Et al. (Org.) São Paulo: Editora Olho D'água, 2004, p. 283.

sobre o passado, entendido aqui como campo ativo no presente, no qual grupos sociais disputam versões autorizadas para legitimar projetos políticos contemporâneos.

A memória é entendida nessa reflexão como campo de lutas em permanente transformação, inserida no universo de relações complexas estabelecidas socialmente. A tensão do presente nos faz pensar na importância da memória nas disputas por explicações para o passado/presente, acarretando dominação e concretização de projetos políticos defendidos por grupos sociais específicos.

A análise centrada na construção das interpretações realizadas pelo jornal *A cidade* e pelo boletim *Cá e Lá* não significa que os leitores absorvem acriticamente o conteúdo lido, mas simplesmente que as notícias jornalísticas difundem-se potencialmente por amplos espaços sociais, construindo e disputando interpretações sobre os trabalhadores migrantes e sobre o processo de transformação da região.

Compreender o imaginário social construído em torno do migrante pela imprensa escrita requer atenção para com as relações estabelecidas no processo de construção do texto jornalístico, atentando para a posição social que ocupa e que pretende ocupar o periódico no meio em que circula.

Segundo a historiadora Laura Antunes Maciel, o pesquisador deve adotar postura crítica frente à imprensa, tomando-a não:

*como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.*³⁴

Pensar a imprensa como prática social, da maneira sugerida pela autora, significa localizá-la no universo de relações sociais mais amplo, identificando os sujeitos que compõem o patrocínio/produção/compra do texto jornalístico.

Como essa reflexão parte do pressuposto de uma sociedade caracterizada por disputas e lutas entre os grupos sociais que a compõem e compreende que nessas relações a memória torna-se importante instrumento de dominação e legitimação de projetos estabelecidos por

³⁴ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880-1920. In: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, p. 15.

grupos sociais específicos, entendo que interpretar as construções em torno do trabalhador migrante na imprensa significa problematizar a forma como essa poderosa *prática de memorização do acontecer social*³⁵ se estabelece, construindo leituras para a realidade pautadas nos interesses defendidos pelos grupos sociais que representa.

A imprensa disputa ativamente os projetos de interesse público, pautando as discussões a partir das perspectivas dos grupos sociais aos quais pertence, utilizando-se da ênfase a determinadas questões e do silêncio a diversas outras, negligenciando outras memórias e interesses em disputa.

Neste sentido, deve-se atentar para a força persuasiva do texto jornalístico, construído com o intuito de uma escrita neutra e objetiva, apresentado como universal, inteligível e compartilhado pelos leitores.³⁶ É justamente a suposta universalidade em que se coloca a imprensa que faz obscurecer as memórias em disputa, transformando uma experiência social parcial em experiência social compartilhada e, portanto, de interesse de todos, atribuindo-lhe “status” de “História”, enquanto outras experiências sociais são desautorizadas.

O aprofundamento dos métodos de utilização das múltiplas fontes analisadas foi realizado no interior dos três capítulos da pesquisa.

No primeiro capítulo analiso as concepções dos trabalhadores sobre a experiência vivenciada na região de Ribeirão Preto, as quais ressaltam nas narrativas das cartas e nos depoimentos as interpretações da vida na região de origem e constroem explicações sobre o significado da migração em suas vidas.

No segundo capítulo analiso os discursos e as imagens construídas nos textos dos periódicos *A cidade* e boletim *Cá e Lá* sobre a presença dos trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto. Os dois periódicos pertencem a grupos sociais antagônicos da região, os quais disputam concepções e divergem sobre o assunto analisado.

No terceiro capítulo analiso como os trabalhadores migrantes constroem formas de sobrevivência na região de Ribeirão Preto. As relações de cumplicidade na chegada ao lugar desconhecido são ressaltadas na maioria das entrevistas dos trabalhadores, que destacam que o recém-chegado recebe informações, abrigo e apoio material daqueles que chegaram há mais tempo e se encontram empregados, possibilitando a concretização da busca de alternativas de sobrevivência pelo ato de migrar.

³⁵ MACIEL, Laura Antunes. Op cit. p. 15.

³⁶ Ibid., p. 39.

CAPÍTULO I

INTERPRETAÇÕES DE TRABALHADORES MIGRANTES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

*Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço
Venha me apertar
Tô chegando*

(Milton Nascimento e Fernando Brant, Encontros e Despedidas, 1985)

Formalmente, a região de Ribeirão Preto pode ser caracterizada política e administrativamente como microrregião de Ribeirão Preto, a qual engloba os municípios de Barrinha, Brodowsky, Cravinhos, Dumont, Guataporã, Jardinópolis, Luís Antônio, Pontal, Pradópolis, Ribeirão Preto, Santa Rita do Passa Quatro, Santa Rosa de Viterbo, São Simão, Serra Azul, Serrana e Sertãozinho, conforme se observa no mapa³⁷ abaixo:

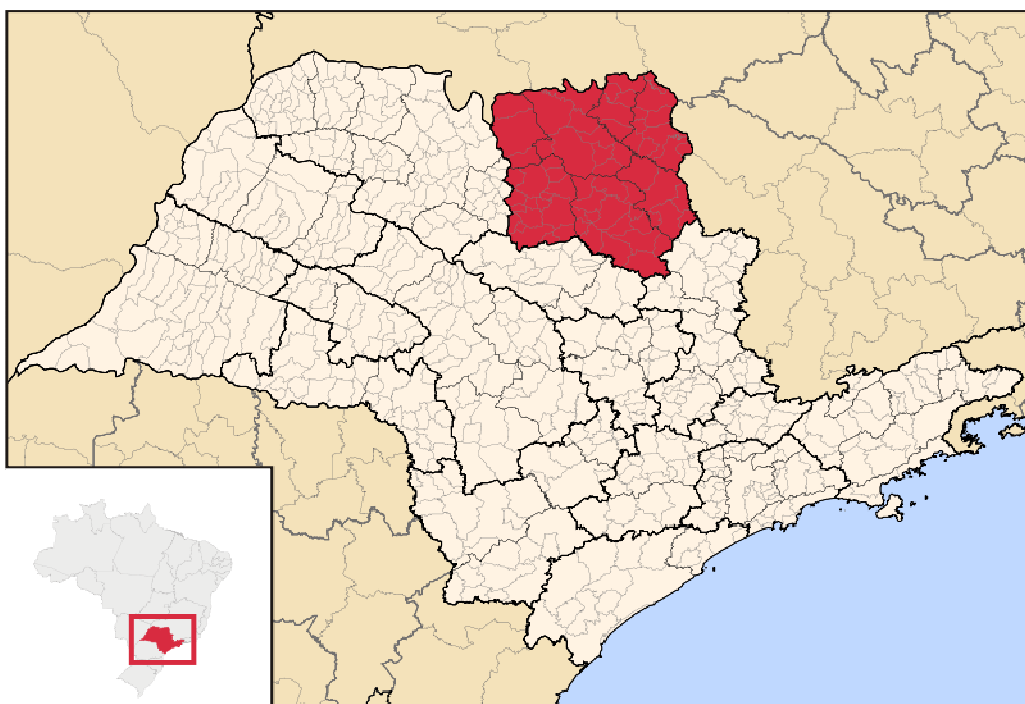


Mapa 1 – Microrregião de Ribeirão Preto.

³⁷ Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dd/SaoPaulo_Micro_RibeiraoPreto.svg>
Acesso em: 29 ago. 2007.

A microrregião de Ribeirão Preto se divide em dezesseis municípios, situados em uma área total de 6.007,036 km². A população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 967.890 habitantes.

Outra divisão política e administrativa regional possível é a mesorregião de Ribeirão Preto, a qual engloba as microrregiões de Barretos, Batatais, Franca, Ituverava, Jaboticabal, Ribeirão Preto e São Joaquim da Barra, conforme se observa no mapa³⁸ abaixo:



Mapa 2 – Mesorregião de Ribeirão Preto.

A mesorregião de Ribeirão Preto é constituída por sessenta e seis municípios agrupados em sete microrregiões, situados em uma área total de 27.532,230 km². A população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 2.324.557 habitantes.

Ambas as concepções político-administrativas da região de Ribeirão Preto foram úteis para situar a pesquisa no início. Entretanto, a partir do momento em que as reflexões se aprofundaram, essas divisões se tornaram insuficientes para abarcar a complexidade do processo analisado. As relações sociais verificadas podem ocorrer em outras cidades próximas a estas regiões previamente definidas, sendo que em algumas cidades da própria região se

³⁸ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:SaoPaulo_Meso_RibeiraoPreto.svg> Acesso em: 29 ago. 2007.

estabelecem timidamente, prevalecendo relações sociais diferenciadas das analisadas na pesquisa.

Conforme sugerem os historiadores Francisco Carlos Teixeira da Silva e Maria Yedda Linhares, o conceito previamente delimitado de região deve ser substituído pelos recortes construídos durante a própria pesquisa. Nesse sentido, o historiador tende a reconstruir a região histórica, a fim de recuperar a dinâmica do local analisado a partir das definições de região que faziam/fazem sentido para a realidade estudada. Assim, o conceito de região pautado em um dado período pode não ser significativo para um historiador que pesquise o mesmo local em outro período.³⁹

Para o historiador Marc Bloch, citado pelos autores acima, é necessário encontrar uma unidade real para se delimitar fronteiras significativas para a pesquisa. Na região de Ribeirão Preto, essa unidade constituída nas últimas décadas, parece estar em torno da área de atração populacional, seja pelo alcance do agronegócio, da construção civil, dos serviços de saúde ou de outros setores.⁴⁰

Neste capítulo são discutidas e analisadas as interpretações dos trabalhadores migrantes de suas experiências vivenciadas tanto em suas cidades de origem como na região de Ribeirão Preto. A discussão perpassa desde questões relacionadas aos motivos que os levaram a migrar até as condições enfrentadas por esses trabalhadores migrantes numa região desconhecida.

O intuito das reflexões é compreender como os trabalhadores migrantes constroem explicações e sentidos para o processo migratório, já que são os principais sujeitos envolvidos e os que vivenciam no cotidiano as disputas e embates que permeiam a complexa questão do deslocamento humano contemporâneo.

As fontes privilegiadas para a construção dessas reflexões são entrevistas realizadas com trabalhadores migrantes pobres que chegaram à região de Ribeirão Preto nas décadas de 1980, 1990 e 2000, residentes nas cidades de Ribeirão Preto, Guariba e Jardinópolis, e correspondências trocadas entre trabalhadores da região Nordeste e do norte do estado de Minas Gerais com membros da Pastoral do Migrante de Guariba, entre os anos de 1985 a 1997, as quais foram arquivadas pela Pastoral do Migrante de Guariba.

As cartas analisadas revelam um universo de relações sociais caracterizado por tensões, dúvidas, anseios e crenças que fazem parte da perspectiva de quem migra. As regiões de origem e as regiões de chegada são interpretadas por trabalhadores migrantes, agentes

³⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e LINHARES, Maria Yedda L. Região e História Agrária. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: [s.n.], vol. 8, n. 15, 1995, p. 17-26.

⁴⁰ Portanto, a utilização do termo região de Ribeirão Preto nesta pesquisa não se restringe necessariamente às divisões políticas e administrativas definidas em outros contextos.

pastorais e dirigentes das comunidades por meio das correspondências estabelecidas com a Pastoral do Migrante de Guariba.

A maioria das cartas contida no arquivo da Pastoral do Migrante é em resposta a correspondências enviadas por membros da Pastoral, principalmente pelos padres e irmãos. O intuito das cartas era, principalmente, o de manter contato com as comunidades das regiões de origem dos trabalhadores migrantes, sobretudo com as famílias dos trabalhadores temporários da safra da cana-de-açúcar nas usinas do interior do estado de São Paulo.

A foto⁴¹ abaixo foi tirada em uma visita-missão dos agentes pastorais de Guariba à comunidade de Campo São João, no município de Ipirá, Bahia, em fevereiro de 1986. Com essas visitas a Pastoral do Migrante de Guariba estreitava suas relações com os trabalhadores migrantes pobres e com seus familiares.



F3 – Padre Antenor e Irmã Inês com trabalhadores de Ipirá, Bahia, em área de produção de fibras de cizal.

Há uma extensa rede de contatos estabelecida pela Pastoral do Migrante de Guariba com comunidades, principalmente do norte do estado de Minas Gerais e do estado da Bahia, com sindicatos de trabalhadores rurais, com outras pastorais, bispos e com trabalhadores

⁴¹ Arquivo de fotos da pastoral do Migrante de Guariba. Data: 02/1986.

espalhados por diversas regiões do país, na qual são discutidos o cotidiano do trabalhador migrante, a miséria e a seca na terra de origem, assim como os embates na luta pela Reforma Agrária, os entraves encontrados nos locais em que os migrantes buscam trabalho, incluindo os anseios pelo fim das migrações, as reflexões e diagnósticos sobre o futuro do país e dos trabalhadores migrantes, principalmente sazonais.

As cartas escritas pelos agentes pastorais eram enviadas para uma paróquia, geralmente em nome dos dirigentes das comunidades⁴², os quais eram pessoas encarregadas de estabelecer o contato entre os membros de uma comunidade e a paróquia. Eram eles que informavam à comunidade sobre as notícias que chegavam das pastorais e sobre as visitas programadas.

Apesar de a pesquisa não centrar suas preocupações sobre a ação da Pastoral do Migrante, para compreender os relatos emitidos nas cartas faz-se necessário observar criticamente a relação estabelecida entre Pastoral e trabalhadores migrantes.

O documento *Igreja e Problemas da Terra*⁴³, aprovado em 1980 na 18ª Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ressalta o compromisso da Igreja na luta contra as estruturas de concentração de terras no Brasil, as quais geram enorme contingente populacional sem acesso à terra para o trabalho.

A destruição da agricultura familiar, principal responsável pela produção de alimentos no país, em benefício da grande propriedade rural, apoiada por políticas governamentais de subsídios, é apontada como problema que deve ser encarado pela Igreja em conjunto com os trabalhadores desapropriados. Dentre esses trabalhadores, o documento enfatiza o migrante, sujeito desprovido de terras que procura em outras regiões do país condições para a sobrevivência.

A Reforma Agrária, as condições humanas de trabalho no campo, o acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários são formulados como metas de apoio da Igreja aos trabalhadores na luta contra a injusta concentração de terras no Brasil. Esse documento norteou as ações das pastorais e suas concepções são percebidas nas cartas e fotografias arquivadas pela Pastoral do Migrante.

Apesar das diretrizes do documento, esta pesquisa não parte da noção da Pastoral do Migrante como uma instituição uniforme e sem conflitos. Conforme a dissertação *Pastorais*

⁴² Optei por utilizar o termo comunidade por ser uma forma de identificação assumida pelos próprios moradores que assim se referiam nas cartas ao local onde viviam. A comunidade era definida pela área de influência das paróquias.

⁴³ Ver: <<http://www.cptnac.com.br>>

*Operárias: religiosidade, propostas e práticas políticas (São Paulo, 1964-1975)*⁴⁴, do historiador Rinaldo José Varussa, a qual observou os conflitos entre setores do clero e alguns grupos militantes na condução das pastorais operárias nas décadas de 1960 e 1970, pressupõe-se neste trabalho, ciente dos diferentes momentos históricos analisados, que as relações constituídas entre os próprios agentes pastorais e, principalmente, entre agentes pastorais e trabalhadores migrantes não se caracterizam pela ausência de conflitos e divergências de opiniões em determinados momentos.

Observadas tais questões, o estudo das correspondências permite a compreensão do que significava a migração para aqueles grupos de pessoas na década de 1980, bem como de que maneira avaliavam as possibilidades e os embates presentes no cotidiano do trabalhador migrante e de sua família.

O fato de essas cartas serem oriundas de um grupo de pessoas preocupadas com o bem-estar dos trabalhadores e de alguma forma ligado à Pastoral do Migrante não significa que as interpretações construídas possuem um caráter homogêneo. Pelo contrário, as interpretações são heterogêneas e revelam olhares diversos, preocupados em narrar, discutir e denunciar questões referentes à migração.

Geralmente, a necessidade da migração é imediatamente atrelada às dificuldades encontradas nas regiões de origem dos trabalhadores, no caso da maioria das correspondências analisadas, como o norte do estado de Minas Gerais, em específico o Vale do Jequitinhonha, e o interior do estado da Bahia. Na carta de Vanete Silva de Oliveira, membro da Comunidade Cajazeira, da cidade de Pintadas, Bahia, há um relato sobre a partida de pessoas para São Paulo:

*Muitas pessoas de nossa comunidade quando chega o mês de abril em diante todos os homens e até mulher vão procurar serviço em São Paulo em busca de melhora. Muitos vivem sofrendo alguns... que não quier ir em São Paulo tentam ver si aqui dá para viver trabalhando mais nada esta conseguindo. A vida esta dura mesmo. Cada vez pior.*⁴⁵

Vanete, que escreve pela comunidade da qual faz parte, revela que a partida para São Paulo em busca de emprego é comum no cotidiano dos trabalhadores da Comunidade de Cajazeira, interpretada como um lugar difícil para sobreviver (*A vida esta dura mesmo*). Pelo trecho acima, a opção pela migração ocorre somente depois de esgotadas as alternativas de

⁴⁴ VARUSSA, Rinaldo José. **Pastorais Operárias**: religiosidade, propostas e práticas políticas (São Paulo, 1964-1975). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC, dissertação – História, 1995.

⁴⁵ Carta de Vanete Silva de Oliveira, Comunidade Cajazeira, Pintadas, BA – 10/06/1987. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

sobrevivência no local de origem, ou seja, mesmo aqueles que tentam permanecer não conseguem.

Apesar do caráter privado de escrita de uma carta e da relação direta entre destinatários e remetentes, o conteúdo abordado nas correspondências era de interesse e destino públicos, pois o destinatário não era um confidente exclusivo, mas um confidente que repassava os assuntos tratados. O espaço mais privilegiado para a difusão dos relatos eram as páginas do boletim *Cá e Lá*, periódico organizado pela Pastoral do Migrante de Guariba, no qual trechos das cartas recebidas eram publicados.

Nas correspondências dos dirigentes das comunidades a escrita, geralmente, era em nome de todos (*Aqui em nossa comunidade*,⁴⁶ ou *Muitas pessoas de nossa comunidade*⁴⁷), e a discussão estabelecida referia-se sempre a aspectos relacionados aos interesses comunitários mais amplos, por isso predominam os relatos de caráter militante e de denúncia.

Mesmo as cartas em que predominam a utilização da primeira pessoa do singular, geralmente de trabalhadores rurais que mantinham contato mais próximo com os padres e irmãs, permanece o caráter público do relato, já que o interesse é a discussão e a socialização de informações.

Pelo relato de Vanete, percebemos uma interpretação que coloca os sujeitos como ativos no processo que vivenciam, tentando à sua maneira encontrar alternativas para a questão da sobrevivência, sendo que a própria migração surge como alternativa quando aquelas buscadas no próprio local de origem se findam.

Os sujeitos entrevistados também constroem narrativas marcadas pela interpretação da migração como alternativa viável para a sobrevivência dentro de uma realidade caracterizada por dificuldades para o sustento da própria família.

O depoimento de Adeildo Felix da Silva, pernambucano da cidade de Cachoeirinha, residente na cidade de Guariba, na qual trabalha como servente de pedreiro na construção civil, relaciona a saída da cidade natal à busca de melhores condições para a criação dos filhos:

Rapaz, é o seguinte, eu resolvi sair de casa com, eu saí de casa com 21 anos, é nesse primeiro filho meu aconteceu lá um problema, o menino pedia as coisas e eu não tinha pra dá, né, em casa sem nada, aí eu pensei pra mulher, falei “oh, o seguinte é esse, eu vou entrar no mundo sozinho, quando eu arrumar alguma coisa lá aí eu mando te buscá”, aí ela foi e falô pra mim e disse “não, se pra passar fome, passa todo mundo junto”, aí a

⁴⁶ Carta de Luís Pereira dos Santos, Berilo – MG – 25/06/1987. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

⁴⁷ Carta de Vanete Silva de Oliveira. Op. cit.

*gente saiu, botei a roupa na costa, três bolsa, eu e ela e uma criança de, o menino tava com dois anos e oito meses pra i, aí a gente veio pra beira do asfalto, pedimo um carona, uma região que tivesse emprego, né...*⁴⁸

A expressão *entrar no mundo* é utilizada por Adeildo para indicar a decisão de migrar e revela a noção de que tais sujeitos esperam encontrar dificuldades nos locais para os quais partem, mas julgam que mesmo assim terão melhores condições de sobrevivência.

A vida instável no local de origem, provocada pela escassa oferta de empregos nas regiões próximas, e as conseqüentes relações sociais vivenciadas por esses sujeitos tornam a sobrevivência difícil e fazem emergir a fome como possibilidade cotidiana concreta em suas experiências. Nas interpretações sobre a opção por sair para outras regiões, a migração aparece destacada como última alternativa possível para os trabalhadores pobres dessas regiões.

Na carta de Euclides de Souza Matos, trabalhador rural da cidade de Leme do Prado, Minas Gerais, direcionada à Pastoral do Migrante de Guariba, também se interpreta a migração como praticamente a última alternativa de sobrevivência:

*Estou com vontade de ir na safra para Bonfim ou para fazenda. Pois ai que nós ganhamos o trocadinho para resolver os problemas aqui no Vale da pobreza.*⁴⁹

Chamado de *Vale da pobreza*, o Vale do Jequitinhonha é apresentado como um lugar sem perspectivas para o trabalhador, enquanto que o trabalho temporário na safra na região de Ribeirão Preto é apresentado como alternativa para a solução dos problemas.

A carta de Euclides de Souza traz aspectos importantes da relação entre trabalhadores migrantes e membros das pastorais, pois o conteúdo destacado revela a intenção da migração seguida de uma breve justificativa dessa decisão. Cabe perguntar, portanto, qual era a relação estabelecida entre estas partes: será que eles se compreendiam como iguais, ou estabeleciam algumas diferenças?

O dirigente da comunidade, autor da maioria das cartas enviadas à Pastoral, era escolhido pelos próprios trabalhadores ou pelo padre da paróquia local. Geralmente, era uma pessoa alfabetizada, muitas vezes um trabalhador rural, uma esposa ou irmã de um trabalhador. Percebe-se que grande parte das cartas era de pessoas que tinham alguma relação

⁴⁸ Adeildo Felix da Silva, pernambucano de Cachoeirinha, amasiado, 37 anos, reside no bairro Centro, na cidade de Guariba, São Paulo. Chegou a Guariba em 2006. Entrevista realizada em 16/10/2006.

⁴⁹ Carta de Euclides de Souza Matos, Leme do Prado, MG – 20/02/1986. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

com a militância local, predominando discursos que criticam as condições de vida da região de origem dos trabalhadores e as condições de trabalho nas regiões a que chegavam, geralmente o interior do estado de São Paulo.

Entretanto, muitos dirigentes se colocavam como pessoas de pouco ou nenhum estudo e essa questão aparece tanto nas cartas desses quanto nas correspondências de outros trabalhadores aos membros da Pastoral. Em uma carta enviada de Cruzinha, Minas Gerais, por Maria da Glória Souza Fernandes, que se intitula *mana do Clemente*, provavelmente um trabalhador rural que estava na safra de cana no interior de São Paulo, nota-se a relação estabelecida entre trabalhadores e membros da pastoral, na qual os primeiros reconhecem o trabalho da Pastoral do Migrante de Guariba, estabelecendo uma relação de diálogo, mas demarcam também uma diferença entre os setores letrados e eles, se entendendo como trabalhadores manuais, como se pode observar na frase destacada no canto da carta: *desculpe as calegrafia porque não sou estudada*.⁵⁰

São inúmeras as cartas que se findam com pedidos de desculpas pelos erros, por estas não serem escritas dentro do português formal. Mesmo naquelas elaboradas com uma escrita aparentemente sem erros gramaticais, como em uma carta de Pintadas, na Bahia, do trabalhador rural e posteriormente agente da pastoral Antônio Mendes de Almeida, permanecem as ressalvas no final *peço desculpas pelos erros*.⁵¹

Não é exclusividade da carta de Euclides de Souza a justificativa da migração como forma de adquirir o *trocadinho* que falta para sobreviver no Vale do Jequitinhonha. A diferença entre o que é adquirido com o trabalho realizado no estado de São Paulo e o trabalho realizado nas regiões de origem dos trabalhadores migrantes é ressaltada em outras cartas como forma de justificativa da partida: *aqui em Minas não é igual S. Paulo. Porque o serviço que agente faz não da pra nada o agente ganha aqui não dá agente tem que sair pra ganhar sofrer um pouco mais*.⁵²

Nessa construção de Itamar Borges da Silva, de Leme do Prado, Minas Gerais, há o reforço da idéia de São Paulo como terra de oportunidades e empregos, inexistentes no local de origem, mesmo ressaltando as dificuldades que serão encontradas.

As cartas enviadas por Euclides de Souza e Itamar Borges não condizem com as expectativas criadas pelos agentes pastorais em relação a esses sujeitos. O posicionamento da

⁵⁰ Carta de Maria da Glória Souza Fernandes, Cruzinha – MG – 10/02/1986. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

⁵¹ Carta de Antônio Mendes de Almeida, Pintadas – BA – 28/07/86. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

⁵² Carta de Itamar Borges da Silva, Leme do Prado, MG – 24/12/1985. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

Pastoral do Migrante será o de defender a permanência desses sujeitos na região de origem, para que lá lutem por melhores condições de vida. Por isso, os trabalhadores sentem a necessidade de justificar nas cartas a opção em partir para a região de Ribeirão Preto.

A alagoana Jicélia Melo, que reside em Ribeirão Preto, construiu em seu depoimento uma perspectiva semelhante à questão da oferta de empregos inexistente no local de origem, quando falava sobre as dúvidas entre voltar para a cidade de Monteirópolis ou permanecer na região de Ribeirão Preto:

...se eu voltá pra lá eu vou vive naquela vidinha de sempre, naquela vidinha apertada sabe, cê não pode tirá nada, cê você tirá vai fazê falta mais tarde né, porque você tira mas não repõe, e aqui você gasta mas tá trabalhano, no caso você gastou hoje mas amanhã você tem de novo, lá cê não tem, lá ce tirou, se você tem uma continha, uma conta de 1000 reais, você tirou 100 cê não vai mais pô aquele 100 lá, já vai fazê falta mais tarde né, aí isso que me deixa confuso, eu não sei se eu vou ou se eu fico, daqui pra lá vou pensando.⁵³

Apesar de ressaltar no relato as qualidades do local de origem, Jicélia aponta preocupação com o fato de que se ela voltar para Monteirópolis não terá como repor o que gasta, até esgotar finalmente tudo o que possui, ao contrário da experiência na cidade de Ribeirão Preto, pois trabalha como empregada doméstica e recebe um salário mensal.

Outro assunto recorrente em diversas cartas, que refletem a preocupação com a questão migratória, é a falta de chuva nas regiões de origem dos trabalhadores migrantes, o que impossibilita o desenvolvimento estável de atividades ligadas à agricultura e dificulta ainda mais a sobrevivência nestes locais: *estamos esperando chuva pra nós planta e ter como o ano passado.*⁵⁴

Percebemos no arquivo de fotos da Pastoral do Migrante de Guariba a preocupação em documentar as regiões afetadas pela seca. A foto abaixo⁵⁵, intitulada *Aspectos da seca* no álbum de fotos da Pastoral, foi tirada durante uma visita de agentes pastorais à cidade de Rui Barbosa, na Bahia, no ano de 1993. Nela observamos um trabalhador rural rodeado por uma paisagem aparentemente atingida pela seca.

⁵³ Jicélia Melo, alagoana de Monteirópolis, casada, reside no bairro Parque Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 31 anos. Chegou pela primeira vez a Ribeirão Preto em 1997. Entrevista realizada em 24/06/07.

⁵⁴ Carta de Clarice Oliveira Lima, Comunidade Cajazeira, Pintadas, BA – 09/01/1989. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

⁵⁵ Arquivo de fotos da Pastoral do Migrante de Guariba. Data: 1993.



F4 – Trabalhador rural em área atingida pela seca na cidade de Rui Barbosa, Bahia.

Na carta de Luís Pereira dos Santos, membro de uma comunidade no Vale do Jequitinhonha, na cidade de Berilo, Minas Gerais, há o relato da situação de calamidade provocada pela seca no Vale do Jequitinhonha, seguido de uma reflexão sobre a saída de homens da comunidade para o trabalho em outras regiões do país:

*Aqui na nossa comunidade, nessa época do ano não se encontra quase nenhum homem, a não ser os mais velhos e doentes que já não podem mais com o serviço pesado todos partiram em busca de algumas migalhas para ao verem os filhos e esposas morrerem de fome.*⁵⁶

Na interpretação acima, o que separa a migração da permanência no local é a escolha entre a vida e a morte, já que a fome surge como uma possibilidade cotidiana nas experiências das famílias dessa comunidade.

A migração é interpretada praticamente como única e última alternativa de sobrevivência para esses sujeitos, ou seja, uma forma imediata de enfrentar as dificuldades

⁵⁶ Carta de Luís Pereira dos Santos. Op. cit.

vivenciadas. Em decorrência disso não há a crença no ato de migrar como possibilidade de grande melhoria nas condições de vida, mas somente como solução paliativa para as condições precárias experimentadas na região de origem.

Tal aspecto paliativo da migração corrobora as perspectivas da Pastoral do Migrante, como se vê nas fotos do arquivo da própria Pastoral, muitas das quais foram tiradas com o propósito de criar uma espécie de memória sobre a organização de trabalhadores migrantes, para o embate e discussão das questões relacionadas à migração.



F5 – Trabalhadores da cidade de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, reunidos no Quarto Encontro de Migrantes organizado por pastorais de migrantes.

Na foto⁵⁷ acima, tirada no Quarto Encontro de Migrantes, realizado em Minas Novas, Minas Gerais, em fevereiro de 1987, a faixa com a frase *Só vou migrar até o Vale melhorar* defende a concepção de que a solução para a melhoria da qualidade de vida da população do Vale do Jequitinhonha não é a migração, mas a melhoria das condições no próprio local de origem.

Esse Encontro, promovido pelas pastorais de migrantes, defende uma concepção que aparece em outros documentos que analisamos da Pastoral do Migrante de Guariba, a qual

⁵⁷ Arquivo de fotos da Pastoral do Migrante de Guariba. Data: 02/1987.

interpreta a migração como alternativa provisória e insuficiente para resolver os problemas enfrentados nas regiões de expulsão populacional.

Sobre o caráter da migração, os sujeitos entrevistados trazem interpretações diferenciadas daquelas expostas nas cartas e em outros documentos da Pastoral do Migrante de Guariba, pois estes já migraram e se fixaram definitivamente nas regiões de que estão falando, em vários casos, depois de trabalharem por anos nas safras de cana-de-açúcar como contratados temporários.

Nas entrevistas, a migração aparece como solução para parte considerável dos problemas vivenciados no passado, e neste sentido, longe de ser uma alternativa provisória, é apresentada como uma experiência concreta e permanente, na qual se luta para melhorar as próprias condições na nova região e para trazer familiares e amigos que permaneceram no local de origem.

Em diversas cartas, os interlocutores comentam a importância da roça no cotidiano das famílias das comunidades situadas nas regiões de origem dos trabalhadores migrantes. Muitas vezes a seca e a falta de incentivo para o preparo da terra e o cultivo de alimentos são anunciados como fatores que prejudicam essa importante atividade local:

*Olhe minha safra de roça já realizei: o feijão os mais novo perdero quase todo plantei 12 prato e colhe 5 saco e meo pois faltou muita chuva no período da flor, e a terra não era bem fértil.*⁵⁸

Nas entrevistas com trabalhadores migrantes que hoje vivem na região de Ribeirão Preto, a roça também é apresentada como importante atividade familiar no local de origem. A maioria desses trabalhadores é oriunda de áreas rurais e mesmo aqueles que viviam em cidades tinham a roça como prática comum para alimentação dos membros da família.

Nessas narrativas os períodos de chuva são apresentados como época de fartura: *quando chovia bem a gente tinha pra lucrar e comer*,⁵⁹ enquanto que os períodos de estiagem são interpretados como época de intensa dificuldade: *saía atropelando pra arrumar o pão*,⁶⁰ na qual a luta pela sobrevivência ocorre diariamente pela busca de algum serviço nas proximidades ou pela própria migração.

Ao analisar o custo de vida na cidade de Ribeirão Preto, a alagoana Jicélia Melo ressalta a importância das atividades rurais para a alimentação diária dos trabalhadores pobres da

⁵⁸ Carta de Maria Dilma Lima Pessoa, Comunidade Fazenda Canto, Pintadas, BA – 03/07/1987. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

⁵⁹ Adeildo Felix da Silva. Op. cit.

⁶⁰ Ibid.

região em que vivia, principalmente para os moradores que residiam, como ela, na zona rural da cidade de Monteirópolis:

...lá com 100 reais vocês faz despesa quase pro mês, não é verdade? E aqui 100 reais você não faz nem pra 2, 3 dias, é, porque aqui só de despesa lá na minha casa tamo gastando o quê, 700 reais, e lá no Norte 700 reais eu passo um ano de compra, porque lá você planta, aqui tudo é comprado, lá cê planta o milho, cê planta o feijão, só não planta o arroz né, mas tem gente que plantam, cê cria um bicho, cê pode pegá de lá da sua criação e comê, e aqui cê não pode fazê isso, é isso que é mais apertado pra pessoa, só isso mesmo.⁶¹

O relato demonstra modos de vida diferenciados daqueles conhecidos por Jicélia no bairro Parque Ribeirão Preto, nos quais os sujeitos mantêm uma relação com a produção do alimento diário, vital para a manutenção de toda a família. O custo de vida menor na região de origem é ressaltado em oposição ao custo de vida na região de Ribeirão Preto, a qual lhe oferece emprego, mas também faz com que desembolse parte considerável do salário com despesas que não possuía antigamente, como a alimentação.

A entrevista do maranhense Raimundo Gomes dos Santos, cortador de cana-de-açúcar nos períodos de safra na região de Ribeirão Preto, também informa sobre modos de sobrevivência ligados à atividade rural na cidade de origem, Codó, quando fala sobre o que busca com o trabalho realizado na safra:

Ah com trabalho aqui dá pra produzir algumas coisas, né, leva os móveis daqui, leva televisão, leva um som, leva alguma coisa, dinheiro, mesmo inclusive leva calçado, roupa, perfume, tudo aqui compra mais fácil e aí o dinheiro, quando aparece o dinheiro, a gente tem ele, aí aparece as coisa, comprador já é o que mais tem, né... e aí eu mando dinheiro todo mês, todo mês tem que mandar, todo mês é 200, é 150, é, tem que ajuda pra comprá o pão lá, por que feijão eles tem, né? Criação tem, frango tem, tem o porco, o cabrito, tem o carneiro, tem tudo... se não quiser cê vai pro mato, mata uma caça i.... lá não paga aluguel, né, só pago só a força, não pago água, melhor.⁶²

Além de ressaltar a intenção de adquirir móveis, aparelhos eletrônicos e outros utensílios inacessíveis para a maioria dos trabalhadores da região em que vive, Raimundo também revela o custo de vida menos elevado para a sobrevivência no local de origem,

⁶¹ Jicélia Melo. Op. cit.

⁶² Raimundo Gomes dos Santos, maranhense de Codó, casado, reside durante a safra no bairro Vila Jordão, em Guariba, 44 anos. Trabalha na safra de Guariba desde 2003. Entrevista realizada em 16/10/2006.

devido à roça familiar, criação de animais, casa própria e água gratuita. Tais benefícios não são oferecidos gratuitamente a esses trabalhadores quando estão na região de Ribeirão Preto para safra.

As atividades rurais cotidianas são extremamente importantes à medida que criam uma estrutura familiar local de sobrevivência, a qual é abalada quando ocorrem dificuldades e falta de condições para o seu desenvolvimento.

A dificuldade de manutenção da roça, atividade importante para a criação de estruturas de sobrevivência nessas regiões, é um fator salientado na interpretação da carta enviada pelo trabalhador rural e posterior agente da Pastoral do Migrante, Antônio Mendes de Almeida, para explicar a ida de trabalhadores para outras regiões do país:

*Aqui tudo bem graças a Deus. Só que o plantio de feijão e milho estão ameaçados pela estiagem. Muitas pessoas deixaram de ir à São Paulo, mas são obrigados sair para o sul do estado a migração continua.*⁶³

Em outra carta enviada para a Pastoral do Migrante de Guariba, dirigida ao jornal *Cá e Lá*, Jaqueline Pereira de Jesus, da fazenda Água Fria, em Itinga, Minas Gerais, constrói uma interpretação extremamente pessimista sobre a migração, na qual culpa os *gatos* por enganarem os trabalhadores com promessas de bons salários: *os pobres chega la nem dinheiro para voltar não tenho as terras e roças fica enrolada e as famílias ate passando fome.*⁶⁴

Na interpretação de Jaqueline, a partida em busca de algum dinheiro em outras regiões acarreta, muitas vezes, a perda das roças locais: *as roças fica na mãos de Deus, as mães de família não agüentar trabalhar para sustentar os seus filhos*, fato que desestrutura ainda mais as formas de vida das comunidades.

Entre os trabalhadores entrevistados há um grupo que chegou a retornar à região de origem depois de migrar para o interior de São Paulo, mas não conseguiu se estruturar para permanecer no local. Com o término das economias acumuladas, esses trabalhadores voltaram a migrar e, ao contrário de Jicélia Melo que ainda nutre alguma vontade de retornar à cidade de Monteirópolis depois de sucessivas experiências frustradas, hoje eles não pensam mais em se deslocar das cidades em que vivem.

⁶³ Carta de Antônio Mendes de Almeida. Op. cit.

⁶⁴ Carta de Jaqueline Pereira de Jesus, fazenda Água Fria, Itinga, MG– 16/01/1988. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

Para aqueles trabalhadores que depois da chegada à região de Ribeirão Preto nunca mais retornaram à região de origem, prevalece a sensação de que dificilmente conseguiriam obter lá a vida que possuem atualmente, principalmente no que se refere à criação dos filhos:

... eu acho que se eu tivesse lá eu não poderia dá a eles lá, e aqui eu já dou porque trabalho e tenho, lá eu não tinha, nem pra mim na época eu não tinha, né, trabalhava pro meu pai, então quando nós tirava a safra, né, das coisas nós vendia, mais não dava.⁶⁵

O depoimento da alagoana Maria Aparecida Messias Silva reconstrói a imagem de um período caracterizado pela dependência do trabalho na roça familiar e da escassez da produção para garantia da própria sobrevivência. Tal imagem reforça a vontade de permanecer na cidade de Ribeirão Preto para viver, trabalhar e criar os filhos.

Neste sentido, a perspectiva de retorno ao local de origem muitas vezes é desacreditada pelas lembranças de um lugar hostil à sobrevivência. Valdir Ramalho de Oliveira, oriundo de Araçuaí, Minas Gerais, e residente em meados dos anos 1980 em Severina, São Paulo, cidade na qual trabalhava na firma *Olímpia Agrícola* sustentando pais e irmãos, relata em uma correspondência para a Pastoral do Migrante de Guariba:

As vezes agente já pensou em ir embora mais no lugar onde moro talvez estava pior devido a seca . Aqui reclamamos sobre comida sem tempero e crua. Agente fica fraco quase não alimenta e depois agente vai argir sobre alguma coisa absurda eles mandam embora.⁶⁶

Apesar de relatar as péssimas condições de trabalho experimentadas na firma em que trabalhava, Valdir temia a possibilidade de encontrar piores condições para sobrevivência com o plantio na cidade de Araçuaí. Reclama na carta, mas prefere a permanência, mesmo sob as condições apresentadas.

Nas entrevistas, a região de chegada também é muitas vezes apresentada como lugar em que os trabalhadores enfrentam dificuldades para a sobrevivência, principalmente nos primeiros momentos. Depois de conquistados um emprego e uma moradia, a tendência é a construção de um olhar otimista em relação ao lugar.

⁶⁵ Maria Aparecida Messias Silva, alagoana de São José da Tapera, casada, reside no bairro Parque Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 28 anos. Chegou pela primeira vez a Ribeirão Preto em 1997. Entrevista realizada em 10/02/2007.

⁶⁶ Carta de Valdir Ramalho de Oliveira, Severina, SP – 12/09/1987. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

O pernambucano Adeildo construiu em seu depoimento uma narrativa que enfatiza os constantes problemas vivenciados pelos locais por onde passou – Mato Grosso, Maranhão, Goiás e São Paulo. Nessa trajetória, há desde a inexistência de emprego até o conflito com usinas que não pagavam os trabalhadores.

Quando ele analisa a cidade de Guariba, na qual possui um emprego e uma moradia, exalta o local, pois vivencia uma experiência aparentemente diferente das adversidades encontradas no local de origem e nos lugares por onde passou com a família.

Na foto⁶⁷ abaixo Adeildo, à esquerda, está com o irmão, o qual mandou buscar em Pernambuco, e com a filha no quintal da casa de um cômodo, denominada por ele de barraco, em que vive com a família no centro de Guariba. Segundo Adeildo, na chegada à cidade, no início de 2006, o prefeito local cedeu três meses de aluguel da casa e providenciou cesta básica para a família.



F6 – À esquerda, Adeildo, que trabalha de servente de pedreiro, ao lado do irmão Manoel, que espera trabalhar na safra, e da filha, na casa em que moram no centro de Guariba.

A experiência narrada por Adeildo revela que esses trabalhadores estão sujeitos a bruscas transformações nos seus cotidianos. Apesar de viver há menos de um ano na cidade de Guariba, Adeildo constrói uma interpretação de quem conquistou algo duradouro para a vida e por isso pretende permanecer com a família na cidade.

⁶⁷ Arquivo pessoal. Data: 16/10/2006.

As interpretações, nas cartas analisadas, das experiências vivenciadas por trabalhadores migrantes nas cidades em que chegam, são variadas, mas constroem predominantemente uma visão de lugares hostis a esses sujeitos. Tais interpretações corroboram, mais uma vez, as perspectivas defendidas pelas pastorais dos migrantes.

Dessas interpretações, a construída pelo mineiro Olinto Gonçalves merece uma reflexão mais atenta. Olinto, oriundo da cidade de Cruzinha, Minas Gerais, trabalhou com o pai, no início da década de 1980, na safra de cana-de-açúcar na cidade de Santa Ernestina, interior de São Paulo.

Olinto chegou ainda a trabalhar nas cidades de Pontal, Guariba e Ribeirão Preto antes de ir para Piracicaba. No período em que viveu na região de Ribeirão Preto estabeleceu estreito contato com a Pastoral do Migrante de Guariba, em especial com o padre Antenor, com quem trocou a partir do ano de 1986 correspondências periodicamente.

A foto⁶⁸ abaixo é de Olinto participando da *Caminhada da Renovação da Aliança*, uma atividade promovida pelas paróquias de Dobrada e Santa Ernestina, em Santa Ernestina, no mês de setembro de 1986. Percebemos que nessa época ele já vivenciava uma relação próxima com os membros da Pastoral do Migrante através do desenvolvimento de atividades periódicas.



F7 – Olinto em atividade que contou com apresentação de trabalhadores migrantes temporários na cidade de Santa Ernestina, interior de São Paulo.

⁶⁸ Arquivo de fotos da Pastoral do Migrante de Guariba. Data: 09/1986.

As cartas enviadas por Olinto para o Padre Antenor são da época em que deixou o interior do estado de São Paulo para viver na capital paulista, local em que foi trabalhar de guarda na portaria de uma firma do ramo de construção civil. A maioria de suas cartas é em resposta a perguntas do padre Antenor, conteúdo que muitas vezes era escrito para ser publicado no jornal *Cá e Lá*, como relato de experiência dos trabalhadores migrantes.

O contato mantido por muitos anos resultou em várias correspondências disponíveis para a pesquisa, nas quais o assunto sobre a nova experiência na cidade de São Paulo e, posteriormente, em Campinas prevalece.

Nas primeiras cartas Olinto tende a construir uma visão positiva da vida na cidade de São Paulo e do trabalho na construção civil:

*Olha Antenor a minha experiência na cidade grande é o seguinte aqui agente acha mais oportunidade para procurar o nosso direito por exemplo se agente precisa denunciar uma firma no sindicato ele está afim de defender o trabalhador se precisa de uma testemunha agente arruma e outra coiza aqui os comerciantes não explora do jeito que vendo para um vendo para outro e na cidade pequena não se chega uma turma de mineiros ou Bahiano alguns comerciantes falam nós vamos aumentar o preço porque os baianos chegou. Não todos mais muitos falam.*⁶⁹

Os aspectos positivos ressaltados na carta de Olinto são em oposição à experiência vivenciada no trabalho rural nas cidades da região de Ribeirão Preto. A conquista do trabalho na cidade de São Paulo, a suposta garantia da atuação do sindicato em favor do trabalhador e o tratamento igual por parte dos comerciantes, são destacados como conquistas que provavelmente não estavam disponíveis aos trabalhadores migrantes nos lugares pelos quais passou.

Em outra carta enviada no início de 1989, Olinto diz que passou a trabalhar como fiscal de obra da firma e mantém a análise comparativa do lugar em que vive com a região de Ribeirão Preto:

*Antenor despões que eu tivo ai fizemos uma greve onde melhorou muito tivemos um apoio muito grande do ministério do trabalho e o sindicato que nos deu muita força já faz um ano que trabalho cidade grande vejo muita injustiça mais vejo muita união no serviço é o que precisamos ter na cidade na região da cana.*⁷⁰

⁶⁹ Carta de Olinto Gonçalves, São Paulo, SP – 24/06/1988. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

⁷⁰ Carta de Olinto Gonçalves. Op. cit. 28/02/1989.

Relacionando sempre a experiência vivenciada em São Paulo com a experiência na *região da cana*, Olinto, após ressaltar a necessidade de união entre os trabalhadores, conclui na mesma carta:

*Hoje não importa a profissão se agente faz greve a firma entrega igual a usina Bomfim se o pessoal pensasse quanto precisa um cortador de cana um panhador de bituca um plantador de cana daria uma greve muito grande.*⁷¹

É importante notar dois aspectos: primeiro, a interpretação do trabalhador como sujeito explorado na região de Ribeirão Preto e da conseqüente represália por parte dos empregadores, no caso a usina Bonfim, situada em Guariba. Posteriormente, a tentativa de levar para as cidades por onde passou as experiências de lutas e embates apreendidas nos grandes centros urbanos.

Por contar com um grande número de trabalhadores oriundos de outras regiões do país, muitos dos quais com experiências de trabalho nos grandes centros urbanos, as cidades da região de Ribeirão Preto se deparam com práticas incomuns no local de pressão aos órgãos públicos.



F8 – Moradores do bairro Jardim Morumbi I, de Jardinópolis, ateam fogo na pista para impedir a passagem de carros e chamarem atenção dos órgãos públicos para suas reivindicações.

⁷¹ Carta de Olinto Gonçalves. Op. cit. 28/02/1989.

A foto anterior⁷², publicada em maio de 2005, pelo jornal *Folha de São Paulo*, no caderno *Folha Ribeirão*, é de um movimento ocorrido na cidade de Jardinópolis, a qual contém cerca de 31.000 habitantes, realizado por moradores do bairro Jardim Morumbi I para protestar contra o atropelamento de um morador, quando este descia de um transporte coletivo.

A reivindicação pela construção de uma passarela, para evitar a morte de mais moradores, contou com aproximadamente 300 pessoas que interromperam o acesso das pistas que ligam Jardinópolis a Ribeirão Preto, ateando fogo em pneus e obstruindo também uma estrada de terra paralela à rodovia para provocar um engarrafamento no horário de grande movimentação de carros.

Percebemos que as táticas de mobilização e pressão sobre os órgãos públicos utilizadas na reivindicação provavelmente foram adquiridas pelos moradores do bairro Jardim Morumbi I, grande parte oriundos de outras regiões do país, nas cidades por onde passaram. São essas formas de organização que estão sendo vivenciadas por Olinto, no final da década de 1980, e sugeridas como modelo de resistência aos trabalhadores da região de Ribeirão Preto.

No ano de 1990, Olinto mudou-se para Campinas, provavelmente para trabalhar na mesma firma da construção civil. Nas correspondências do mesmo ano passa a reclamar da desunião do pessoal da construção civil e faz críticas aos baixos salários de um pedreiro que ganhava 12 cruzeiros e gastava 5 cruzeiros só na cantina. Conclui que o salário de 23 cruzeiros que recebia pelo cargo de conferente era pouco, mas melhor do que o de muitas outras categorias: *acho pouco más imagina uma pessoa que ganha 08.*⁷³

Nos anos seguintes, as cartas de Olinto passaram a ter um tom mais pessimista em relação às condições de trabalho vivenciadas e à situação de vida na cidade grande:

*Antenor aqui na cidade grande cada dia que passa aumenta o número de favelas pessoas morando debaixo dos viadutos porque aluguel aqui está muito caro e salário pouco.*⁷⁴

As condições de trabalho desfavoráveis, os baixos salários, o alto custo de moradia e o aumento acelerado da pobreza são aspectos destacados nas cartas de Olinto, as quais apontam para um desencanto com a cidade grande, inicialmente apresentada como exemplo positivo em relação às experiências vivenciadas na região de Ribeirão Preto, mas que posteriormente não atendeu às expectativas desse trabalhador.

⁷² MORADORES interditam a estrada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 maio de 2005, Folha Ribeirão, p. C3.

⁷³ Carta de Olinto Gonçalves. Op. cit. 08/08/1990.

⁷⁴ Carta de Olinto Gonçalves. Op. cit. 16/03/1992.

A experiência de Olinto é importante para pensar a migração de muitos sujeitos que na década de 1990 deixaram os grandes centros em busca de médias e pequenas cidades, e também de outros que deixaram de priorizar a ida para os grandes centros e passaram a se deslocar para outras regiões do país menos concentradas.

No artigo *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*, o demógrafo Fausto Brito se pauta na análise de gráficos e tabelas com dados de Censos demográficos da segunda metade do século XX para compreender como tem se deslocado a população brasileira nas metrópoles, formadas a partir da década de 1970. Ressalta nas observações o ritmo de crescimento, os períodos de maior concentração em relação ao restante do país e as tendências atuais de desconcentração populacional, apesar de ainda possuir importância significativa.

O autor destaca os saldos migratórios entre a cidade de São Paulo e o interior do estado de São Paulo no período de 1986 a 2000, no qual prevalece positivo o saldo de pessoas para o interior. Entre 1986 e 1991, o saldo foi de 248.287 pessoas e entre 1995 e 2000, o saldo foi de 296.162 pessoas que partiram da capital para as cidades do interior paulista.⁷⁵

Os dados apontam uma tendência de saturação da metrópole, mesmo que ainda continuem chegando pessoas de outros estados do país. Brito conclui que muitos trabalhadores que chegaram à cidade de São Paulo (e a outras cidades) nas décadas anteriores não conseguiram conquistar aquilo que almejavam, fato que contribuiu para continuarem migrando para outras regiões. O interior do estado de São Paulo, incluindo a região de Ribeirão Preto, tem sido um dos locais procurados por esses trabalhadores migrantes nas duas últimas décadas, parte considerável oriunda da região Nordeste.

Sobre um possível desencantamento em relação à cidade de São Paulo por parte dos trabalhadores migrantes pobres, é interessante notar o depoimento do pernambucano Edmilson da Silva Costa, quando fala sobre a expectativa da chegada à capital paulista em meados dos anos 1980: *ah.. pra São Paulo naquela época era bom... ainda era bom vim para São Paulo... que dizer eu já cheguei numa época já não era lá essas coisas, eu peguei uma época mais... mas os meus tios tavam aqui eles já, eles se viram bem aqui em São Paulo.*⁷⁶

O depoimento de Edmilson aponta para uma tendência na década de 1980 que se tornaria mais expressiva no início dos anos 1990: a procura intensa de outras regiões do país

⁷⁵ BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. In: **Estudos avançados**: dossiê migrações. Volume 20 – Número 57. São Paulo: IEA, Maio/Agosto 2006, p. 229.

⁷⁶ Edmilson da Silva Costa, pernambucano de Bom Conselho, solteiro, 41 anos, reside no bairro Morumbi I, Jardínópolis. Chegou à cidade de São Paulo em 1985, mudou-se para Ribeirão Preto no início da década de 1990 e para Jardínópolis em 2000. Entrevista realizada em 16/07/06.

como alternativa para os trabalhadores migrantes pobres, principalmente por locais situados no interior do país, mais afastados das grandes metrópoles.

Fausto Brito ainda constata o movimento de retorno à região de origem de muitos trabalhadores migrantes que não conquistaram os objetivos previstos na cidade de São Paulo. Chamado por Brito de *expressão da nova realidade das metrópoles e das migrações*⁷⁷, o retorno dessas pessoas deve ser observado com mais cautela, já que as entrevistas realizadas com trabalhadores do interior de São Paulo revelaram que são comuns as idas e vindas constantes, permanecendo um tempo na região de origem e voltando a migrar para outras regiões em busca de outras oportunidades.⁷⁸

A constante movimentação de parte desses trabalhadores pode ser interpretada como sinal de que as regiões de atração não têm oferecido condições suficientes de emprego, moradia, infra-estrutura e alimentação para a permanência no local.

Entretanto, o fato de esses trabalhadores continuarem a se transferir para outras regiões, ou mesmo depois de algum tempo retornarem a uma região já habitada por eles anteriormente, significa que permanece o enfrentamento cotidiano para superar as condições adversas. Neste sentido, o ato de migrar ainda continua válido para grande parte dos trabalhadores como um recurso viável, mesmo que de certa forma forçado, para a superação das dificuldades experimentadas na região de origem e nas próprias regiões para as quais migraram.

Para aqueles trabalhadores que conseguiram emprego e se fixaram na região de Ribeirão Preto, a tendência nas narrativas é a de interpretar a migração como meio de superação dos problemas vivenciados no passado. Nessas interpretações, a região de Ribeirão Preto é citada como referência positiva em oposição à região de origem, citada como lugar de difícil sobrevivência.

No relato de Maria Aparecida, quando compara a diferença da vida que possui hoje no bairro Parque Ribeirão com a vida que possuía na cidade de São José da Tapera, Alagoas, o passado é construído como um período que se quer esquecer, frente à melhoria considerável experimentada pela família atualmente:

...nem lembro mais bem como que era aquilo lá, já esqueci, porque acostumei mais aqui agora, e aqui tem médico, né, médico pra crianças, então se um passar mal a noite eu já sei pra onde correr, não espero nem pro marido, eu mesma já vou, eu mesma se eu não me sentir bem já sei ir, né, já sei conversar lá com os médicos, que nem lá em Alagoas eu não sei,

⁷⁷ BRITO, Fausto. Op. cit. p. 233.

⁷⁸ Jicélia, Adeildo e Gilvan são trabalhadores que atualmente vivem na região de Ribeirão Preto e já voltaram várias vezes para a região de origem.

*porque lá é muito difícil, lá esses tempos atrás deram uma injeção no menino, até mataram, filha da minha prima, né, quer dizer, Deus abençoe, se for com filho meu, vixe eu nem sei nem do que sou capaz numa hora dessa né, matar com uma injeção contra o próprio filho da gente, aqui é melhor em tudo, né, quando a gente recebe a gente pode fazer uma despesa boa, aperto todo mundo passa, um apertinho, né, mas lá, vixe, lá não tem futuro não, lá é muito difícil demais as coisas.*⁷⁹

O acesso a alguns serviços públicos e a possibilidade de alimentar e de vestir melhor os filhos aparecem como aspectos que justificam a melhoria vivenciada na região de Ribeirão Preto.

Maria Aparecida fala sobre a alimentação na cidade de origem, frisando a recorrência da farinha de mandioca em todos os pratos, hábito comum no local em virtude do acesso limitado a outros alimentos e do excesso de plantação de mandioca na região. Diz ainda que em Ribeirão Preto não comia mais farinha por ter acesso a outros alimentos.

Na foto⁸⁰ abaixo, Maria Aparecida está na sala da casa adquirida dois anos após sua chegada a Ribeirão Preto, em 1997, para viver com o marido que já exercia a profissão de pedreiro na cidade. Nessa casa Maria Aparecida mora com o marido, os filhos e com um irmão mais novo que chegou recentemente e que permanecerá até alugar um quarto para morar.



F9 – Maria Aparecida na sala de casa no Parque Ribeirão Preto. Ao fundo observam-se aparelhos eletrônicos que podem ser interpretados como um melhor padrão de vida na região.

⁷⁹ Maria Aparecida Messias Silva. Op. cit.

⁸⁰ Arquivo pessoal. Data: 10/02/2007.

Segundo Maria Aparecida, o padrão de vida que a família mantém em Ribeirão Preto era *igual ao daqueles que a gente chamava de rico lá no Nordeste*, afirmação corroborada em seguida pelo alagoano Gilvan. No cargo que ocupa de faxineira recebe aproximadamente quatrocentos reais e diz não reclamar do salário como fazem as colegas do serviço, por saber que no Nordeste não receberia nem cem reais pelo mesmo serviço prestado, salientando que a exploração seria bem maior.

Interpretação semelhante é construída pelo pernambucano Edmilson quando narra as melhorias vivenciadas por ele depois de migrar para o estado de São Paulo. Comparando o trabalhador pobre de São Paulo, interpretado por ele como sujeito de *muito valor*, com o trabalhador pobre da cidade de Bom Conselho, constrói assim uma visão caracterizada pelas lembranças das relações de poder experimentadas: *não sei te dizê hoje, mas naquela época, se você trabalhasse pro um cara e depois você saísse e levasse ele no pau, alguma coisa parecida, cê podia preparar o caixão, os caras mandavam te matar*.⁸¹

A alagoana Jicélia também ressalta as relações de poder vivenciadas no passado como empecilho para a conquista de um emprego e para a garantia dos direitos trabalhistas: *E lá pra você trabalhá você tem que se muito amigo do prefeito se não cê não trabalha não... eu trabalhei 8 anos na prefeitura... quando eu saí de lá eu tinha direito de recebe minhas contas, eles não me pagaram um centavo*⁸². Para ela, as relações de poder na região de origem fazem parte dos motivos destacados para permanecer vivendo na cidade de Ribeirão Preto.

As relações vivenciadas no passado por Maria Aparecida são as referências para que a cidade de origem seja apresentada como um lugar sem *futuro*, por não oferecer condições para a vida almejada. A partir disso, decorre a idéia de esquecimento daquele passado vivenciado e a prática de tentar trazer os parentes para a região de Ribeirão Preto. Atualmente, a maioria da família de Maria Aparecida mora na cidade de Ribeirão Preto.

No depoimento do alagoano Genivaldo Silva Maciel, conhecido como Gil, as transformações que vivenciou na cidade de Ribeirão Preto são apresentadas de forma gradual e crescente:

Modificou muita coisa, eu cheguei aqui em 91, eu morava na obra, quer dize que 91...conforme o tempo vai passando, cê vai amadurecendo, né, vai calculando as coisas...quer dizer que eu cheguei aqui em 91, eu morava numa obra, aí eu mudei pra cá em 94, eu pagava aluguel, de lá, de 94, 95, 96 eu sai do aluguel, quer dize que já melhorou um pouco, aí eu mudei pra minha casa, aí 98 eu comprei uma moto, modelo da 96, 95 aliás, vai modificando, vai modificando, aí quando foi em 2002 pra 2003 eu comprei

⁸¹ Edmilson da Silva Costa. op. cit.

⁸² Jicélia Melo. Op. cit.

*uma moto zera, zerinha, zerinha, quer dizer que já vai melhorando, né, aí de lá eu troquei por um carro, e vai melhorando.*⁸³

Gil interpreta a melhoria da vida devido ao acesso a vários bens na região e pela própria fixação no local, sempre opondo o que possui atualmente com a vida que levava antes de migrar e durante os anos iniciais que viveu na cidade de Ribeirão Preto, caracterizados por um tempo de grandes dificuldades: *nessa época eu não tinha nem bicicleta para andar, entendeu? Eu não podia nem comprar uma bicicleta, hoje eu tenho um carro.*⁸⁴

Os depoimentos dos trabalhadores enfatizam a melhoria pelo ponto de vista econômico: acesso à casa própria, automóveis e outros bens. A melhoria da alimentação surge principalmente nos depoimentos daqueles que chegaram recentemente.

Outro aspecto muito ressaltado pelos trabalhadores quando narram suas experiências na região de Ribeirão Preto é quanto ao acesso dos filhos aos estudos: *passaram a se desenvolver mais as crianças, a se alimentar bem, no horário certo, né, tão na escola, Graças à Deus então eu me sinto feliz.*⁸⁵

No depoimento de Gil, o estudo dos filhos é colocado como plano principal para o futuro da família:

*Meu plano, meus muleque estude muito, porque não pode ...agora só que a gente vem trabalhando, vem trabalhando, cê sabe que uma faculdade, não é brinquedo, custa muito cara, então se..meus planos era os muleque estudá e se formá, formá em qualquer coisa aí, porque o cara hoje sem estudo é foda cara, o cara hoje, sem pelo menos um segundo grau completo, o cara tá enrolado, tem que enfrentá a construção e bater marreta, né.*⁸⁶

Gil, que exerce a profissão de pedreiro, estabelece a posição de pertencente à classe trabalhadora, em oposição àqueles que podem estudar. Nesse raciocínio, o estudo é interpretado como elemento importante para a ascensão social, por isso aparece como um valor importante a ser almejado.

A ênfase atribuída à importância do estudo e a preocupação em relação à formação dos filhos aparecem em contraste com a própria experiência desses trabalhadores, já que a maioria não concluiu as séries iniciais ou nem mesmo frequentou a escola pelo fato de trabalhar desde

⁸³ Genivaldo Silva Maciel, alagoano de Monteirópolis, casado, residente do bairro Parque Ribeirão, RP, 39 anos. Chegou a Ribeirão Preto em julho de 1991. Entrevista realizada em 24/06/2007.

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ Adeildo Felix da Silva. Op. cit.

⁸⁶ Genivaldo Silva Maciel. Op. cit.

muito jovem, ou ainda pela falta de escolas próximas ao lugar em que viviam, entre outros empecilhos.

No depoimento do casal Ernestina Moura das Neves e José Aparecido das Neves também se interpreta a região de Ribeirão Preto como lugar de dificuldades iniciais, mas na qual conquistaram com o trabalho de toda a família na lavoura de cana-de-açúcar o acesso à casa própria e automóvel: *hoje a gente tem um conforto até bom.*⁸⁷

Depois de trabalhar durante a década de 1990 como cortador de cana-de-açúcar, José Aparecido assumiu o cargo de fiscal de produção da usina Louis Dreyfus, antiga usina São Carlos, recentemente adquirida por um grupo francês. No cargo que assumiu em 2003, José Aparecido é responsável por contratar e comandar uma turma de cortadores de cana, a maioria formada por trabalhadores migrantes sazonais.

José Aparecido conta que foi convidado pela usina para trabalhar nas novas instalações do grupo no Mato Grosso do Sul, *porque lá não tem mão de obra especializada, aí eles querem levá a gente daqui pra lá, porque a gente já tem prática no plantio, no corte, de tudo da parte de lavoura e de cana.*⁸⁸

A ascensão de cargo na usina, assim como a melhoria explicitada no relato sobre a vida que levava anteriormente são fatores que contribuíram para a construção de um discurso que de certa maneira incorpora o posicionamento oficial da usina em que trabalha.

No final da entrevista, José Aparecido apresentou um folheto da usina Louis Dreyfus distribuído aos trabalhadores, intitulado *Moendo Acontecendo*, o qual exalta a elevada produtividade, o investimento em alta tecnologia, a expansão da usina para outras regiões do país, a geração de empregos e a promessa de melhorias para o entorno das novas instalações.

Os textos do folheto ressaltam a preocupação com os funcionários, pautada na segurança e na qualidade do trabalho. As imagens seguidas de textos explicativos auxiliam na construção da idéia:

⁸⁷ Ernestina Moura das Neves, capixaba de Barra de São Francisco, casada, reside no bairro Alto, Guariba, 49 anos. Chegou a Guariba no ano de 1992. Entrevista realizada em 27/06/07.

⁸⁸ José Aparecido das Neves, paulista de Lins, casado, residente no Bairro Alto, Guariba, 51 anos. Chegou a Guariba no ano de 1992. Entrevista realizada em 27/06/07.



F10 – Foto propaganda de trabalhadores da unidade de Leme, São Paulo, da usina Louis Dreyfus, divulgada nas outras unidades da usina pelo boletim *Moendo Acontecendo*.

A foto⁸⁹ acima é acompanhada de textos que enfatizam a suposta qualidade de vida dos trabalhadores, destacada na propaganda referente à rotineira ginástica laboral coordenada por profissionais de educação física. Diz um trecho: *Antes de iniciar suas atividades diárias, executam um conjunto de exercícios preestabelecidos que melhoram a flexibilidade, mobilidade e segurança, entre outros.*⁹⁰

O folheto *Moendo e Acontecendo* possui a clara intenção de rebater as críticas, sem citá-las, proferidas às condições de trabalho do setor agroindustrial da cana-de-açúcar, principalmente aos cortadores de cana, em grande parte oriundos de outras regiões do país.

Segundo os dados do *Informativo Regional da Pastoral do Migrante*, nos últimos vinte anos intensificou-se a quantidade diária de toneladas de cana-de-açúcar cortadas pelo trabalhador rural.⁹¹ Com o salário atrelado à produtividade, na década de 1980, era exigido em

⁸⁹ MOENDO E ACONTECENDO. Boletim da usina Louis Dreyfus. Publicado por LCD – Bioenergia, nº 28, dezembro de 2006, p. 12.

⁹⁰ Ibid., p. 12.

⁹¹ Recentemente a *Relatoria Nacional para o Direito Humano ao Trabalho*, realizou com o apoio da Organização das Nações Unidas - ONU- PNUD/UNV, Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão – PGR/MPF, Coordenação do Projeto Relatores Nacionais em DHESC e da Plataforma Brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais uma missão investigativa sobre as denúncias de superexploração do trabalhador pelas usinas de cana-de-açúcar da região de Ribeirão Preto, proferidas pela Pastoral do Migrante de Guariba. A missão, desenvolvida no período de 24 a 27 de outubro de 2005, concluiu que a superexploração dos trabalhadores, as condições insalubres do ambiente de trabalho, a deficiência da fiscalização das relações de trabalho, as práticas anti-sindicais de ameaças de dispensa de trabalhadores que denunciem irregularidades e o enriquecimento das empresas à custa do trabalhador, são evidências que comprovam a relação direta e indireta das mortes de diversos trabalhadores no campo provocadas pelo excesso de trabalho.

média do cortador de cana-de-açúcar o corte de 5 a 8 toneladas por dia. Na década de 1990 a média diária saltou para 8 a 9 toneladas. Atualmente a média é de 12 a 15 toneladas de cana cortadas diariamente.⁹²

É interessante notar tanto no Boletim *Moendo Acontecendo* quanto no *Informativo da Pastoral do Migrante* o processo de disputa na região sobre a questão das condições de trabalho nas áreas ocupadas pela cana-de-açúcar.

As lavouras de cana-de-açúcar e a construção civil estão entre os principais setores de atração de trabalhadores pobres de outras localidades para a região de Ribeirão Preto e os conflitos descritos acima explicitam as disputas relacionadas à questão da migração.

Retornando à entrevista com o casal Dona Ernestina e Seu José Aparecido, é instigante notar que ao mesmo tempo em que é incorporado o discurso da usina para elogiar as atuais relações de trabalho vivenciadas no campo, no início da entrevista com Dona Ernestina há um discurso preconcebido sobre o que é trabalhar no corte da cana, no qual a perspectiva inicial explicitada tem muito em comum com os setores que interpretam o trabalhador rural da cana-de-açúcar como um sujeito explorado.

No início da entrevista, agendada pela Pastoral do Migrante – portanto, por um setor que trabalha com uma perspectiva de crítica à usina –, Dona Ernestina constrói uma interpretação na qual ela começa falando antes de a primeira pergunta ser feita: *Eu me chamo Ernestina Moura das Neves, nasci no Espírito Santo, saí de lá mais ou menos com 9 anos, fui pro Paraná..., para rapidamente concluir com o ponto que ela provavelmente julgou ser o que o entrevistador esperava ouvir: Isso tem uns 15 anos, foi em 92, em 92, que a gente vinha pra cá e aqui conhecemo a luta da cana.*⁹³

Em poucos minutos de gravação Dona Ernestina perguntou: *que mais você quer saber?*, e logo após a pergunta sobre como foi sua vinda para Guariba, ela se demonstrou surpresa: *Como, que jeito você quer saber?* Esses aspectos do diálogo revelam que houve uma preparação por parte da entrevistada para não desapontar as perspectivas daquele que iria entrevistá-la.

Ao mesmo tempo, ao se analisar o conjunto da entrevista com o casal, à qual José Aparecido só chegou depois de transcorrida mais da metade, percebe-se também uma tensão e muito cuidado ao relatar a questão da condição de trabalho. Isso provavelmente ocorre porque

⁹² SILVA, Maria Aparecida de Moraes. O lado oculto da Agrishow. In: **Laborshow**. Guariba: Informativo especial da Pastoral do Migrante, 05/2005.

⁹³ Ernestina Moura das Neves. Op. cit.

esses trabalhadores compreendem o universo de relações no qual estão inseridos e, portanto, se colocam sempre analisando os interlocutores e os possíveis usos daquilo que narram.

Assim, mesmo construindo junto com Seu José Aparecido um discurso aparentemente atrelado aos interesses da usina, Dona Ernestina no decorrer da entrevista também se coloca como trabalhadora braçal que disputa melhores salários na região:

...teve um moço que trabalha na roça com minha tia ele falou assim 'que trezentos real que ele recebeu tava bom', que lá ele não ganhava isso, ela falou assim 'você não pode falar uma coisa dessas' se não é ruim né, pra nós, ele falou 'não trezentos reais tá bom' nossa ele não ganhava isso...⁹⁴

O trecho discorre sobre o excesso de mão-de-obra para o trabalho na lavoura de cana-de-açúcar na cidade de Guariba, relacionado às condições precárias de sobrevivência dos trabalhadores nas regiões de origem, para alertar sobre um possível arrocho salarial por parte dos empregadores, os quais, pelo caso narrado acima, poderiam empregar uma pessoa para exercer uma função pelo preço abaixo daquele compreendido como bom por Dona Ernestina.

Os depoimentos e as cartas analisadas constroem variadas interpretações sobre a experiência de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto, a qual é caracterizada por um cotidiano conflituoso em que os sujeitos disputam os espaços e constroem significados e interpretações sobre o processo vivenciado.

Analisadas no conjunto, as fontes discutidas apresentam interpretações heterogêneas, as quais carregam concepções variadas e até mesmo opostas sobre o processo migratório.

A complexidade das interpretações analisadas neste capítulo revela a variedade de sujeitos e a intensificação das disputas e interesses que passaram a compor o cotidiano das cidades da região de Ribeirão Preto.

A presença desses novos sujeitos nas cidades da região de Ribeirão Preto provocou a reação de diversos grupos sociais locais, que nas décadas de 1980 e 1990 interpretaram a questão da migração em variados meios de comunicações impressos. Algumas dessas interpretações, que acentuam o processo de disputas sobre a questão da migração de trabalhadores para o local, são analisadas no próximo capítulo.

⁹⁴ Ernestina Moura das Neves. Op. cit.

CAPÍTULO II

INTERPRETAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DO TRABALHADOR MIGRANTE NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

*Vamos saber se contaram nossa história certo
Vamos rever o que existe de nosso passado
Devemos conhecer nossos heróis de perto
Tentando consertar o que aprendeu-se errado.*
(Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro, Guararapes, 1980)

Neste capítulo analiso algumas leituras realizadas pelos meios de comunicação impressos nas décadas de 1980 e 1990 sobre a presença de trabalhadores migrantes de diversos locais do Brasil na região de Ribeirão Preto.

Primeiro, busco na imprensa de Ribeirão Preto, no jornal *A cidade*, as interpretações cotidianas e públicas amplamente difundidas sobre a presença desses sujeitos na região. Em seguida, analiso as interpretações realizadas pelo boletim periódico *Cá e Lá*, publicado pela Pastoral do Migrante de Guariba, sobre esses mesmos sujeitos. A análise das interpretações revela tensões arraigadas nas relações de ocupação do espaço e na disputa por direitos na região.

O jornal *A cidade* é sediado na cidade de Ribeirão Preto e possui alcance em toda a região. No início da década de 1980 possuía entre 15 e 20 páginas e na segunda metade da mesma década possuía entre 25 e 30 páginas. Os principais anunciantes eram usinas, UDR- União Democrática Ruralista, Copersucar, Prefeitura de Ribeirão Preto, Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto, Antártica, entre outros.

Nos primeiros anos da década de 1980, há um clima de expectativa no jornal em relação à plantação de cana-de-açúcar e ao desenvolvimento da economia sucro-alcooleira na região, devido ao aumento do preço do petróleo internacional e às políticas nacionais de incentivo à produção de álcool.

Vários artigos defenderam as políticas públicas de subsídio ao álcool, entendidas como alavancadoras de um suposto progresso da cidade pela cana-de-açúcar:

*Agora com a dificuldade do petróleo, houve na cidade um alvoroço. Deus queira que essa fase seja efetivamente útil à minha terra e que a lavoura canavieira reerga o município, levando-o à prosperidade e reabilitando-o do seu sono letárgico de muitos anos. A época é excepcional.*⁹⁵

João Caetano Menezes, autor do trecho destacado, possuía na década de 1980 uma coluna diária na qual comentava aspectos do cotidiano da região, dissertando sobre diversos

⁹⁵ MENEZES, João Caetano de. A cana de açúcar. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 15/11/1980, p. 3.

assuntos e pleiteando políticas públicas sobre diversas questões. Na segunda metade da década, o colunista mantém-se fiel aos interesses em torno do pró-álcool na região:

*O pró-álcool é como o Rio São Francisco: genuinamente brasileiro. E, por ser legitimamente nosso, deverá ser protegido e compreendido, pelo governo e pelo povo, e, particularmente, pelos seus opositores.*⁹⁶

Nesse mesmo artigo, o autor fala ainda sobre um suposto *plano árabe* para a política mundial de abastecimento, que acarretaria aumentos do preço do petróleo. A linha argumentativa procura desqualificar setores opositores ao pró-álcool, apresentando este como elemento de defesa dos interesses nacionais frente às incertezas do comércio mundial de petróleo.

Vários editoriais também defenderam a manutenção desse programa. O jornal se posicionou como porta-voz da região na disputa pela permanência das políticas nacionais de subsídio à produção de álcool. Com o subtítulo *A região precisa se defender*, um editorial conclamava os grandes jornais da região a se unirem em defesa da política econômica de proteção ao álcool, argumentando que a economia local girava em torno do produto e vários postos de empregos seriam extintos caso o setor falisse: *está na hora de todos se unirem em torno de uma solução caso contrário chegaremos ao caos breve, breve.*⁹⁷

A discussão acima permite esclarecer dois aspectos importantes para a compreensão da postura assumida pelo jornal *A cidade* no período. Primeiro, a defesa dos setores produtores de álcool evidencia o universo de interesses e grupos sociais ligados ao jornal, bem como a noção de progresso inserida nas análises sobre o possível desenvolvimento da região em virtude da lavoura canavieira: *que a lavoura canavieira reerga o município.*

Segundo, é importante pensar o posicionamento de um jornal sediado na cidade de Ribeirão Preto, mas de alcance regional. O discurso utilizado pelo jornal, principalmente nos textos sem assinatura e nos editoriais, tende a se voltar ora para o leitor/morador da cidade de Ribeirão Preto ora para o leitor/morador daquela região.

Em texto sem assinatura, publicado em 1984, o jornal se intitula de linha democrática liberal, se diz nacionalista, mas reivindica o caráter de *bairrista*. *“A cidade” nasceu e cresceu na cidade de Ribeirão Preto com a finalidade principal de propugnar pelos seus interesses e os da sua gente.*⁹⁸

⁹⁶ MENEZES, João Caetano de. No sindicato rural. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 05/03/1986, p. 3.

⁹⁷ A REGIÃO PRECISA SE DEFENDER. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 21/06/1988, p. 5.

⁹⁸ OS 79 ANOS DE A CIDADE. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 01/01/1984, p. 1.

Apesar de predominar o discurso *bairrista*, o jornal assume também a postura de falar para e pela região. Além do texto discutido acima, em que o jornal conclama no editorial outros periódicos da região para pressionar a política de subsídio ao álcool, em suas páginas também se ressaltava o fato de ser o maior jornal em circulação no interior.

Um levantamento divulgado pelo jornal em agosto de 1987 computava o valor de Cz\$1.600,00 (um mil e seiscentos cruzados, moeda da época) arrecadado com assinaturas locais e o valor de Cz\$2.400,00 (dois mil e quatrocentos cruzados) arrecadado com assinaturas de outras cidades. Pelos dados percebemos a importância do leitor da região para a manutenção do jornal, assim como a circulação e a abrangência desse periódico na região de Ribeirão Preto.

O diretor-proprietário do jornal *A cidade* na década de 1980 era Orestes Lopes de Camargo, que o adquirira no ano de 1933. No periódico trabalhavam outros membros da família Lopes de Camargo, sendo editor-chefe o filho Juracy Lopes de Camargo, responsável pela coordenação de todas as publicações, composição das matérias, fotolitos e impressão.

O jornalista e advogado Rubem Cione, memorialista⁹⁹ que publicou em cinco volumes uma pesquisa extensa sobre a cidade de Ribeirão Preto, intitulada *História de Ribeirão Preto*, na qual organizou textos sobre os fatos e as personalidades escolhidos como *importantes* para a cidade, qualificou o jornal *A cidade* da seguinte maneira:

*É, talvez, no Brasil, caso único, de uma mesma direção tão largo tempo imprimindo uma orientação segura e de desenvolvimento do jornal local, hoje colocado entre os primeiros do Estado, com sólida estrutura, moderno maquinário e de excelente feitura e informação.*¹⁰⁰

Além de ressaltar a técnica empregada e o conteúdo jornalístico, o autor, que chegou a trabalhar como redator do jornal *A cidade*, ainda o situa como *uma honrosa cultura jornalística que coloca Ribeirão Preto como um dos pontos mais altos e mais dignos do jornalismo brasileiro*.¹⁰¹

Em texto comemorativo dos 75 anos de fundação do jornal *A cidade*, Orestes Lopes de Camargo o conceitua como um jornal de empresários *a serviço do empresariado local*, responsável pelo *surto de progresso* de Ribeirão Preto. No mesmo texto, salienta a preocupação do jornal com os *problemas comunitários*, colocando-o como um veículo de

⁹⁹ JÚNIOR, Milton Carneiro. **Sociedade e política em Ribeirão Preto**: estratégias de dominação (1960-1964). Dissertação de Mestrado. Franca: Unesp, 2002, p. 05.

¹⁰⁰ CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. III Volume, 1ª edição. Ribeirão Preto: IMAG, 1987 – Summa Legis, 1992, p. 210.

¹⁰¹ Ibid., p. 210.

comunicação de servidores *justos, bons e úteis*, apesar de declarar que não se trata de um periódico independente, concluindo que *ninguém o é*.¹⁰²

É importante notar que as interpretações atribuídas ao jornal, realizadas por pessoas ligadas indiretamente ou envolvidas na elaboração do próprio periódico, situam-no como servidor da cidade de Ribeirão Preto e como órgão que posiciona o jornalismo local entre os melhores do país.

Percebidos esses pontos que revelam alguns sujeitos envolvidos na elaboração do jornal *A cidade*, bem como interesses e projetos defendidos na e para a cidade e região, é necessário analisar as construções realizadas pelo jornal a respeito da presença de trabalhadores oriundos de outros locais na região de Ribeirão Preto. Essas construções são partes integrantes do processo de disputa e defesa de concepções acerca do que deve ser a região, de como seus espaços devem ser ocupados e de quais sujeitos devem e podem habitá-la.

Pode-se dizer que há um relativo silêncio do jornal em relação aos migrantes na primeira metade da década de 1980. Somente algumas reportagens sobre triagem de pessoas que chegavam a Ribeirão Preto foram publicadas no período.

Em janeiro de 1983, o jornal publicou na última página do primeiro caderno¹⁰³ uma reportagem sobre o número de pessoas atendidas pelo PROEM – Programa de Orientação e Encaminhamento da Migração e Mendicância – implantado na rodoviária de Ribeirão Preto, especificando o número de homens e mulheres atendidos, suas origens e os destinos tomados após o atendimento do programa, ligado à Secretaria de Bem Estar Social da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Na matéria os sujeitos atendidos foram caracterizados mais de uma vez como *mendigos*, que estariam em busca de seus familiares ou de emprego.

A explicação elaborada para justificar o grande fluxo de pessoas para a cidade foi a de que a maioria das pessoas atendidas pela triagem do PROEM passava por Ribeirão Preto com destino a outras cidades, como Campinas, Uberlândia e Passos. Para aqueles que ficavam havia a preocupação das assistentes sociais com *as acomodações necessárias para que eles não fiquem nas ruas pedindo esmolas*.¹⁰⁴

¹⁰² CAMARGO. Orestes Lopes de. “A CIDADE”: 75 anos de existência. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 01/01/1980, p1.

¹⁰³ A última página do primeiro caderno é caracterizada por notícias de Ribeirão Preto e região discutindo assuntos relacionados a problemas de trânsito, inauguração de COHAB's, falta de infra-estrutura nos bairros, reuniões de grupos políticos, movimento do comércio, pavimentação de vias públicas, questões de saúde e agricultura.

¹⁰⁴ POSTO DO PROEM NA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA ATENDEU 204 PESSOAS EM UM MÊS. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 01/01/1983, p. 10.

A denominação de mendigos aos sujeitos atendidos tornou-se mais comum em meados da década de 1980, momento em que se intensificava a discussão sobre os migrantes na cidade e na região de Ribeirão Preto nas páginas do jornal.

Em pequena matéria que anuncia o número de pessoas atendidas no *Projeto de Atendimento e Orientação à Migração e Mendicância*, realizado também pela Secretaria do Bem Estar Social, um parágrafo específico fala dos *mendigos recolhidos nas ruas do centro da cidade*, os quais teriam recebido passagens para o retorno à cidade de origem.¹⁰⁵ No breve relato há associação imediata mendigo/migrante, a qual passou a ocorrer com frequência nos anos seguintes.

A preocupação com a presença de trabalhadores de outros locais do país na região de Ribeirão Preto aumentou à medida em que findava a década de 1980. Algumas abordagens no jornal tendiam a criminalizar diretamente o migrante, associando sua chegada ao aumento dos problemas locais. Outras reportagens foram mais sutis, comunicando a presença desses sujeitos no local e advertindo os órgãos competentes para tratar do assunto.

Em reportagem sem assinatura intitulada *Nordestinos à procura de uma vida melhor*¹⁰⁶, o jornal relata a chegada a Ribeirão Preto de *uma família nordestina*, composta por nove pessoas: pai, mãe e sete filhos entre 5 meses e 10 anos, originários da cidade de Salgueiro, no sertão de Pernambuco.

O intuito da reportagem parece ser a divulgação do trabalho da Secretaria de Bem Estar Social no atendimento à família, que após a assistência do órgão esperava *conseguir emprego e ser feliz*.

O texto vem acompanhado de uma foto que ocupa metade do espaço da matéria, na qual há uma mulher, provavelmente uma assistente social, observando a família posar para o fotógrafo. Os filhos menores aparecem no colo dos pais, um está em pé e os outros estão sobre um caminhão que o pai, *seu Severino, fez e pintou e serviu para aconchegar alguns “apetrechos” e também as crianças menores* durante a viagem.

A reportagem foi publicada na terceira página do jornal, destinada a artigos cotidianos dos colunistas e aos *atos policiais*. Logo acima da reportagem analisada, que aparentemente não criminaliza a *família nordestina*, há notícias sobre furtos a residências e roubo numa avenida da cidade.

¹⁰⁵ ATENDIMENTO E ORIENTAÇÃO. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 09/04/1984, p. 11.

¹⁰⁶ NORDESTINOS À PROCURA DE UMA VIDA MELHOR. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 08/08/1987, p. 3.

OUTRO FURTO EM RESIDÊNCIA

Em breve, totalmente armada de artilharia, infantaria, aeronáutica e engenharia de combate, a brigada João Francisco, 27 anos (na Guerra Luso-Britânica, 1860, batendo-se no lado português), Paulo, um fante Molardiano, um fante estroico G.E. uma engenharia de artilharia, engom de guerra e de uso pessoal.

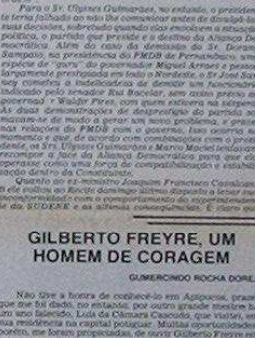
PUNHA EM SUPERMERCADO

Assa Caramelo de Lacerda Ribeiro, de 50 anos, canadense, vai se casar com Gaudy, sua filha mais nova. Assa Caramelo nasceu em 1934, General Emberto (paiado) morreu aos 30 anos, vítima de um acidente de carro. Ela tem uma filha mais velha, com 25 anos, e uma filha mais nova, com 10 anos. Ela tem uma filha mais nova, com 10 anos. Ela tem uma filha mais nova, com 10 anos.

**NACIONAL, ESTADUAL
MUNICIPAL**
A AUTORIDADE

BRASILIA (A.D.) — Em palestra aqui, parabeniza o presidente José Sarney por ter, na estruturação do sistema, se aproximado da guerra fria, de não deixar o poder entre corporações e sem personalidade de seu lado. A referência a importância foram quatro pontos de análise. Os militares não

mas não era o sistema eleitoral que o impediu de ser eleito governador. O governador eleito, Antônio Carlos, não conseguiu a maioria necessária e em ambos os casos ele não conseguiu a maioria necessária para ser eleito governador. O governador eleito, Antônio Carlos, não conseguiu a maioria necessária e em ambos os casos ele não conseguiu a maioria necessária para ser eleito governador.



Institutos e, encimando estas linhas, "um homem de coragem". E Gilberto Freyre o foi, realmente, não só em defesa de sua obra, a favor da qual escreveu, inclusive,

quando de violência verbal incutida — e que o dizem os controladores que a superada esquerda mantém em todas as áreas de comunicação — como ainda em defesa de posições que esta mesma esquerda obstruía, sabia e deturpa de modo contínuo.

Um dos principais temas da obra que Gilberto Freyre desenvolve, ao descrever de sua longa existência, é em torno do tema da integração da raça negra no "brasil" por ele concebido. Freyre defende a ideia de que a cultura brasileira surgiu a partir da integração da raça negra no "brasil" por ele concebido. Freyre defende a ideia de que a cultura brasileira surgiu a partir da integração da raça negra no "brasil" por ele concebido.

na crescente violência, jamais intervindo, pela integração racial brasileira, e defesa irredutível de uma das características fundamentais do corrente nacionalista criada por Plínio Salgado: o seu anti-racismo.

DIREITOS DA MULHER

...sulla base dei prezzi reali al consumo, durante tutto il periodo...

de Ribeirão Preto p

... e a expectativa de que o governo de Washington não se deixe levar por uma política de "mão dura" contra os países latino-americanos, o que poderia levar a uma situação de crise.

[illegible]

A visita do presidente João Goulart, Sr. Maria Terra e Goulart, estava com audiência marcada para o meio-dia. Mas o presidente chegou tarde e a audiência foi adiada para a tarde de quinta-feira. Acompanhou-o o ex-deputado Afonso Soares. O tempo passou.

...os matoeiros, bem por respeito e talvez também por medo. Mas não se sabe se os matoeiros são os mesmos que os mataram. Alguns não tinham se passado. O Sr. Alvim disse ainda que os matadores e matoeiros se deviam conhecer.

A única criança, homocidada da filha Denise, esteve presente e ficou em Brasília sem mostrar maior interesse pelo assunto.

Carlos Castaneda Soares

POLÍTICA RIBEIRÃOOPRETANA

1993
 1994
 1995
 1996
 1997
 1998
 1999
 2000
 2001
 2002
 2003
 2004
 2005
 2006
 2007
 2008
 2009
 2010
 2011
 2012
 2013
 2014
 2015
 2016
 2017
 2018
 2019
 2020
 2021
 2022
 2023
 2024
 2025
 2026
 2027
 2028
 2029
 2030
 2031
 2032
 2033
 2034
 2035
 2036
 2037
 2038
 2039
 2040
 2041
 2042
 2043
 2044
 2045
 2046
 2047
 2048
 2049
 2050
 2051
 2052
 2053
 2054
 2055
 2056
 2057
 2058
 2059
 2060
 2061
 2062
 2063
 2064
 2065
 2066
 2067
 2068
 2069
 2070
 2071
 2072
 2073
 2074
 2075
 2076
 2077
 2078
 2079
 2080
 2081
 2082
 2083
 2084
 2085
 2086
 2087
 2088
 2089
 2090
 2091
 2092
 2093
 2094
 2095
 2096
 2097
 2098
 2099
 2100
 2101
 2102
 2103
 2104
 2105
 2106
 2107
 2108
 2109
 2110
 2111
 2112
 2113
 2114
 2115
 2116
 2117
 2118
 2119
 2120
 2121
 2122
 2123
 2124
 2125
 2126
 2127
 2128
 2129
 2130
 2131
 2132
 2133
 2134
 2135
 2136
 2137
 2138
 2139
 2140
 2141
 2142
 2143
 2144
 2145
 2146
 2147
 2148
 2149
 2150
 2151
 2152
 2153
 2154
 2155
 2156
 2157
 2158
 2159
 2160
 2161
 2162
 2163
 2164
 2165
 2166
 2167
 2168
 2169
 2170
 2171
 2172
 2173
 2174
 2175
 2176
 2177
 2178
 2179
 2180
 2181
 2182
 2183
 2184
 2185
 2186
 2187
 2188
 2189
 2190
 2191
 2192
 2193
 2194
 2195
 2196
 2197
 2198
 2199
 2200
 2201
 2202
 2203
 2204
 2205
 2206
 2207
 2208
 2209
 2210
 2211
 2212
 2213
 2214
 2215
 2216
 2217
 2218
 2219
 2220
 2221
 2222
 2223
 2224
 2225
 2226
 2227
 2228
 2229
 2230
 2231
 2232
 2233
 2234
 2235
 2236
 2237
 2238
 2239
 2240
 2241
 2242
 2243
 2244
 2245
 2246
 2247
 2248
 2249
 2250
 2251
 2252
 2253
 2254
 2255
 2256
 2257
 2258
 2259
 2260
 2261
 2262
 2263
 2264
 2265
 2266
 2267
 2268
 2269
 2270
 2271
 2272
 2273
 2274
 2275
 2276
 2277
 2278
 2279
 2280
 2281
 2282
 2283
 2284
 2285
 2286
 2287
 2288
 2289
 2290
 2291
 2292
 2293
 2294
 2295
 2296
 2297
 2298
 2299
 2300
 2301
 2302
 2303
 2304
 2305
 2306
 2307
 2308
 2309
 2310
 2311
 2312
 2313
 2314
 2315
 2316
 2317
 2318
 2319
 2320
 2321
 2322
 2323
 2324
 2325
 2326
 2327
 2328
 2329
 2330
 2331
 2332
 2333
 2334
 2335
 2336
 2337
 2338
 2339
 2340
 2341
 2342
 2343
 2344
 2345
 2346
 2347
 2348
 2349
 2350
 2351
 2352
 2353
 2354
 2355
 2356
 2357
 2358
 2359
 2360
 2361
 2362
 2363
 2364
 2365
 2366
 2367
 2368
 2369
 2370
 2371
 2372
 2373
 2374
 2375
 2376
 2377
 2378
 2379
 2380
 2381
 2382
 2383
 2384
 2385
 2386
 2387
 2388
 2389
 2390
 2391
 2392
 2393
 2394
 2395
 2396
 2397
 2398
 2399
 2400
 2401
 2402
 2403
 2404
 2405
 2406
 2407
 2408
 2409
 2410
 2411
 2412
 2413
 2414
 2415
 2416
 2417
 2418
 2419
 2420
 2421
 2422
 2423
 2424
 2425
 2426
 2427
 2428
 2429
 2430
 2431
 2432
 2433
 2434
 2435
 2436
 2437
 2438
 2439
 2440
 2441
 2442
 2443
 2444
 2445
 2446
 2447

o detentado Xexex, que conseguiu passagem em todos os setores das autoridades, pela afinidade ideológica que existe para o fortalecimento da prova e, naturalmente, das famílias mais fortes, ficando seu nome associado mais convenientemente ao cargo de Vice-Reitor, em substituição ao do deposto Coronel Simões. Tudo isso, porém, não aconteceu.

114

... e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no primeiro ano, surgiu o Dr. João Roberto...

[illegible]

...a vida política e, por isso, essas coisas são as responsáveis por...

publicada junto às notícias

O espaço escolhido pelo jornal para registrar a notícia revela a natureza e os objetivos da reportagem. Ao publicar a matéria na página destinada aos *atos policiais*, seu significado passa a salientar além da importância, a necessidade da assistência da Secretaria do Bem Estar Social na orientação às pessoas oriundas de outros lugares.

A reportagem ainda traz um texto destacado em negrito abaixo da fotografia, o qual informa que o senhor Severino *sempre ouviu dizer que nossa cidade oferece oportunidade para todos*. A utilização do termo *nossa cidade* estabelece uma diferença entre escritor/leitor/morador da cidade com a família recém chegada, situada no horizonte dos cuidados da Secretaria de Bem Estar Social.

A proximidade da matéria com os *atos policiais* sugere a possibilidade de tratamento mais repressivo pelos órgãos públicos caso a assistência social da cidade não consiga êxito nas suas ações.

Há no texto também a noção de Ribeirão Preto como uma cidade que oferece oportunidades às pessoas oriundas de outros lugares, possibilitando ao migrante uma *vida melhor*, almejada na partida da terra natal. Entretanto, não há a noção de cidadania, na qual os sujeitos possuiriam direitos iguais àqueles que já vivem na região, uma vez que são colocados sob os cuidados de órgãos públicos responsáveis pelo apoio e ao mesmo tempo controle de suas ações no local.

No ano de 1988, uma reportagem situada no mesmo espaço, também junto aos *atos policiais*, relata o aumento do número de mendigos no terminal Antônio Ache, causando transtornos para a população que utiliza ônibus urbano. O texto em negrito da matéria vem abaixo de uma fotografia de pessoas deitadas e sentadas numa praça. A localização da reportagem no jornal significa que esses sujeitos estão sendo considerados como caso de polícia. O terminal foi caracterizado como *ponto de concentração de andarilho*,¹⁰⁷ termo que também será utilizado para denominar o migrante nas páginas do jornal.

A preocupação em relação à presença de sujeitos vivendo e pedindo esmolas nas ruas de Ribeirão Preto é evidenciada em matéria assinada pelo colunista João Caetano de Menezes, na qual disserta sobre a elevação do número de mendigos em Ribeirão Preto, afirmando que estes seriam o *resíduo de um capitalismo selvagem e glutão*. Logo após caracterizá-los como resultado de uma questão social, argumenta:

Mas, se fizermos uma estatística, racional, sobre os mendigos, veremos que muitos deles têm condições físicas e mentais para trabalhar. Mas, dobrados

¹⁰⁷ AUMENTA O NÚMERO DE ANDARILHOS NO TERMINAL ANTÔNIO ACHÊ. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 20/12/1988, p. 3.

*pela inércia, pelo ócio, pela indiferença, pelo desprendimento, entregam-se à mendicância. Preferem assim.*¹⁰⁸

O colunista argumenta que nos países desenvolvidos por onde passou, Japão e França, também havia mendigos, concluindo que nem o dinheiro do primeiro, nem a sabedoria do segundo foram capazes de erradicar a mendicância. Somente a *educação, moral e religiosa, no sentido total* seria capaz de acabar com a *figura inditosa do mendigo*.

O mesmo texto traz também a relação direta entre mendigo/migrante:

*Em Ribeirão Preto o seu número (mendigo) eleva-se continuamente. Fala-se que vêm do Nordeste, tangidos pela necessidade, ou por interesse em morar num estado mais generoso, a nova Canaã, onde encontram trabalho. Ocorre que, nem sempre, se lhe abre essa frente de trabalho, porque até São Paulo está sentindo o peso das distorções econômicas.*¹⁰⁹

É importante observar a suposta impessoalidade e, conseqüente, imparcialidade almejada no vocábulo *fala-se*. A construção do trecho citado universaliza a idéia defendida e oculta os sujeitos que defendem esse pensamento. A relação migrante do Nordeste/mendigo é naturalizada no discurso e esses sujeitos caracterizados primeiro como aqueles que não conseguiram emprego devido às *distorções econômicas* de São Paulo e depois como aqueles tomados pelo ócio, que ganham pouco pedindo, mas o *suficiente para se sustentar*.

A análise dos diversos editoriais do jornal *A cidade* sobre a presença do migrante na cidade e na região nos anos de 1988 e 1989 revela projetos disputados e defendidos pelos grupos ligados ao periódico e o aumento das interpretações sobre outros sujeitos que chegavam à região. Se até aquele momento as matérias discutidas no jornal sobre a presença do migrante na região de Ribeirão Preto não possuíam uma periodicidade constante e eram publicadas em páginas diversificadas, naqueles anos foi recorrente e explicitado nos editoriais o posicionamento do jornal diante da questão.

Um dos editoriais, intitulado *Mendigos de fora*,¹¹⁰ traz a disputa de um projeto político para a cidade de Ribeirão Preto, pleiteado pelo grupo do jornal *A cidade*, no qual defendem a construção de um Centro de Triagem para o atendimento dos *carentes e não malandros*. O argumento central do editorial vincula a chegada de *mendigos de fora* à chegada de *marginais* na cidade: *Junto com os mendigos chegam marginais que aproveitam da estada entre nós para roubar, estuprar, etc*

¹⁰⁸ MENEZES, João Caetano de. Pobres no caminho... . In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 25/03/1988, p. 3.

¹⁰⁹ Ibid., p. 3.

¹¹⁰ MENDIGOS DE FORA. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 30/04/1988, p. 5.

Nesse trecho há uma associação mais direta entre o sujeito que vem de outras cidades, o sujeito que pede para sobreviver e aquele que rouba e estupra. Mesmo separando o mendigo do marginal, ambos possuem a característica em comum de virem de fora, e, portanto, não fazer parte do *nós*, classificados como aqueles que sofrem com a presença do outro no meio ao qual pertencem. Nesse editorial há a relação migrante/mendigo/marginal.

Muitos dos editoriais reivindicativos do Centro de Triagem tentam explicar os motivos da presença de muitas pessoas que vivem de esmola em Ribeirão Preto. Um deles explica que a presença de mendigos seria em virtude daquelas pessoas que buscam o atendimento do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e não conseguem verba para retornar para suas cidades. O texto é construído para reivindicar novamente o Centro de Triagem para a cidade:

*As passagens custam caro e não temos um Centro de Triagem nos moldes de um outrora existente na cidade de Bauru. Os deputados da região e até os que não estejam enquadrados geograficamente na mesma precisam sensibilizar o governo do Estado para esta situação.*¹¹¹

Os editoriais desse período defendiam e insistiam na criação de um Centro de Triagem, entendido como solução para a questão do migrante/mendigo, cada vez mais interpretado como sujeito indesejado para o local. A triagem separaria *os que querem trabalhar (quando e onde houver emprego) daqueles que apenas tentam ilaquear a boa fé pública na cata do dinheiro fácil*.¹¹²

Na defesa da criação do Centro de Triagem como solução para os problemas locais, os editoriais tentam construir a idéia de necessidade de todos e de bem comum, utilizando-se da escrita em primeira pessoa do plural: *Precisamos urgentemente de um Centro de Triagem do Estado para que o mesmo dê suporte aos trabalhos que são realizados pelas entidades assistenciais locais*.¹¹³

No início de 1989, os editoriais anunciaram com entusiasmo os preparatórios para a inauguração do Centro de Triagem, relatando visitas do secretário de bem estar social à capital para acertar os últimos detalhes da inauguração, apresentando o local de funcionamento e tecendo expectativas sobre o funcionamento das atividades.

Os preparatórios para a instalação do Centro de Triagem ocuparam lugar de destaque na última página do primeiro caderno do jornal. Nesses espaços permaneciam interpretações da presença do migrante na região, na tentativa de explicar os motivos de sua chegada:

¹¹¹ MENDICÂNCIA. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 25/11/1988, p. 4.

¹¹² MENDIGOS DE FORA. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 03/08/1988, p.4.

¹¹³ CENTRO DE TRIAGEM. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 20/01/1989, p.4.

*O potencial econômico transforma o município em sede desse fluxo de migração, e o problema passou a ser encarado pela Secretaria do Bem Estar Social, buscando medidas e providências, visando o encaminhamento dessas pessoas. Desses migrantes andarilhos, que chegam diariamente a Ribeirão Preto, a maioria não tem como sobreviver, transformando-se em pedintes.*¹¹⁴

Além da expectativa de que o Centro de Triagem resolveria as questões relacionadas à grande migração e ao número de mendigos na cidade, interpretados como causa/consequência, há ainda na reportagem a caracterização do migrante como andarilho, pedinte, mendigo e indigente.



F2 – Foto publicada no jornal *A cidade* como ilustração de um possível usuário dos serviços do Centro de Triagem.

Na fotografia da matéria, um homem descalço e com meias está sentado na calçada, com uma caixa de sapato ao lado com notas de dinheiro, demonstrando o suposto perfil do sujeito atendido pelo órgão.

¹¹⁴ APROVADO CONVÊNIO PARA IMPLANTAÇÃO DA CENTRAL DE TRIAGEM EM RIBEIRÃO PRETO. In: **A cidade**. Ribeirão Preto, 24/03/1989, p.10.

O jornal *A cidade* cobriu com destaque o trabalho da Secretaria do Bem Estar Social, exaltando o fato de Ribeirão Preto ser a primeira cidade do interior a possuir um centro de triagem.

O trabalho do órgão passou a ser apresentado ao leitor, destacando o número de atendimentos por dia e o tipo de tratamento que as pessoas recebiam. Algumas matérias ressaltavam o atendimento de 24 horas e apresentavam o número 199 para chamar pelo serviço, divulgado em vários editoriais com o intuito de mostrar ao leitor o procedimento a ser tomado quando localizassem pessoas enquadradas no perfil dos atendidos pelo Centro de Triagem.

No processo de disputas pela ocupação da cidade e pela presença de outros sujeitos na região de Ribeirão Preto, o jornal *A cidade* participou como defensor dos interesses de alguns grupos sociais locais, construindo interpretações sobre as transformações do espaço e das relações sociais vivenciadas.

Nas interpretações, a figura do migrante, silenciada na primeira metade da década de 1980, foi construída em diversos artigos e editoriais; já na segunda metade da mesma década, era diretamente vinculada a mendigos, carentes, andarilhos, pedintes, aproveitadores e a miséria. As imagens construídas nas páginas do jornal difundiram-se por outros meios, fazendo parte, desde a criação dos textos jornalísticos, do universo de disputa pelo direito de pertencer ao local, reivindicados por uns e negados por outros.

Sobre as reflexões que envolvem o tema da migração e do migrante na região de Ribeirão Preto, deslocaremos agora a análise do jornal *A Cidade* para o boletim *Cá e Lá*, a fim de compreender o posicionamento de outros setores sociais em periódicos nas décadas de 1980 e 1990, para apreender e explicitar as disputas e tensões nas cidades locais.

O boletim periódico *Cá e Lá* foi uma publicação resultante do contato entre as dioceses de Araçuaí, em Minas Gerais, e Jaboticabal¹¹⁵, em São Paulo, e do contato com os trabalhadores migrantes. Produzido pela Pastoral do Migrante de Guariba, iniciou-se em 1986 e existe ainda hoje, sendo concebido com o intuito de manter o diálogo entre pastorais e trabalhadores.

Suas páginas traziam informações sobre greves, acordos salariais, relação com os sindicatos e reivindicações acerca das condições de trabalho na safra de cana-de-açúcar. Além disso, continham comentários sobre encontros realizados por pastorais com trabalhadores

¹¹⁵ A diocese de Jaboticabal é a responsável direto pela Pastoral do Migrante que na década de 1980 era sediada na cidade de Dobrada, interior de São Paulo, e no início dos anos 1990 transferiu-se para a cidade vizinha de Guariba.

migrantes, análise da conjuntura nacional e do processo migratório, publicação de charges ilustrativas da relação do trabalhador migrante com setores patronais, orientação sobre a questão religiosa na vida do trabalhador, discussão sobre o voto nos períodos eleitorais, entre outros assuntos.

Os primeiros exemplares do boletim possuíam uma separação bem definida pela origem das notícias, cerca de três quartos do espaço eram ocupados por notícias oriundas da cidade de Dobrada, São Paulo, e o espaço restante por notícias do norte de Minas Gerais e do sul da Bahia, oriundas da diocese de Araçuaí. Os exemplares posteriores passaram a ser construídos com informações mais interligadas, ocultando as diferentes origens das notícias e construindo textos mais identificados por temáticas específicas do que pelo local de sua produção.

Em julho de 1987, o boletim adotou na primeira página a publicação de cartas de trabalhadores migrantes, de pessoas que permaneciam nas comunidades e de agentes pastorais. Essas cartas eram escritas e enviadas à Pastoral do Migrante de Guariba para serem publicadas no boletim, e na maioria das vezes eram respostas a pedidos dos membros da Pastoral para que os trabalhadores relatassem suas experiências. Os conteúdos, geralmente, eram denúncias de descumprimento aos direitos trabalhistas por parte dos empregadores na região de Ribeirão Preto, baixos salários, comida ruim, vigilância armada nos alojamentos, pressão de supervisores e ameaças de demissão.

O periódico era distribuído nas regiões de origem dos trabalhadores migrantes, enviados aos dirigentes¹¹⁶, sindicatos e paróquias que repassavam para a comunidade, e nas cidades da região de Ribeirão Preto, principalmente nos alojamentos das usinas.

Muitas cartas de trabalhadores analisadas contêm diálogos sobre a distribuição e circulação do boletim:

*Recebi os segundos folhetos também e todos foram distribuídos entre os companheiros aqui, e peço a vocês que continue me escrevendo pois fico muito feliz, e peço desculpas por não ter escrito ainda.*¹¹⁷

Pelas várias cartas comentando o recebimento do *Cá e Lá* e pela distribuição feita por sindicatos, pastorais e dirigentes de comunidades para suas áreas de influência pode-se deduzir que este foi um instrumento de circulação e discussão de idéias sobre questões relacionadas ao processo migratório.

¹¹⁶ O dirigente era escolhido pelas pessoas da própria comunidade ou pelo padre da paróquia local e ficava encarregado de estabelecer o contato entre os membros de uma comunidade e a paróquia.

¹¹⁷ Carta de Domingos Moreira Souza – Barrinha – SP – 17/10/1989. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

Nos primeiros anos, foram publicados seis boletins anuais com duas páginas em cada edição, sendo que a partir de 1989 até o final dos anos 1990 foram publicados entre oito e nove boletins anuais. No ano de 1998 o boletim passou a conter quatro páginas, e no início dos anos 2000 o número de publicações diminuiu, chegando a um boletim por ano, em virtude da escassez de verbas.

A tiragem do *Cá e Lá* foi de dois mil exemplares no primeiro ano de circulação. Em 1989 atingiu cinco mil exemplares e em 1995 chegou a sete mil. Nos últimos anos o número de exemplares reduziu-se para a tiragem de três mil.

Na análise de Irmã Inês Facioli, missionária scalabriana que trabalha com a questão da migração para a região desde o início dos anos 1980, sendo atualmente membro da Pastoral do Migrante de Guariba e responsável pelas publicações do jornal *Cá e Lá*, o intuito do boletim seria principalmente o de denunciar condições adversas de trabalho do migrante na região. Para Irmã Inês, uma das formas de atuação da Pastoral na questão da exploração exercida por empregadores sobre os trabalhadores migrantes era a denúncia pública:

*E essa maneira de tornar público era através do boletim Cá e Lá, tá, esse boletim Cá e Lá era distribuído mensalmente nos alojamentos e nesse boletim a gente colocava as cartas que os migrantes escreviam, alguns depoimentos, essas denúncias, então a situação se tornava pública tá, e esse mesmo boletim que era distribuído nos alojamentos era mandado também pra Minas e pra Bahia, pras regiões de onde eles vinham.*¹¹⁸

Irmã Inês é muito enfática ao atribuir enorme importância ao periódico, quando diz que na década de 1980 *não se tinha notícias nos meios de comunicação sobre a questão das migrações* e por isso o migrante era visto de maneira distorcida, relacionado à figura do andarilho, concluindo que *à medida que se discute e também acho que esse boletim Cá e Lá né, criou muita consciência na região sobre essa questão da mobilidade humana.*¹¹⁹

O interesse em tornar pública a situação vivenciada e denunciada pelos trabalhadores migrantes revela um cenário de disputa na região de Ribeirão Preto, na qual o boletim *Cá e Lá* dialoga com a grande imprensa, procurando construir uma imagem diferente desses sujeitos em relação àquela veiculada pelos grandes meios de comunicação.

A recepção do boletim provavelmente era muito ampla, devido ao alcance de um público extremamente diversificado e abrangente em termos econômicos, sociais e culturais. Além de ser destinado a regiões completamente diferentes, o público também não se

¹¹⁸ Irmã Inês – Inês Facioli, 59 anos, Missionária de São Carlos – Scalabriana. Trabalhou na Pastoral de 1983 (CPT) até novembro de 1995, retornando em fevereiro de 2005. Entrevista realizada dia 11/10/2006.

¹¹⁹ Ibid.

restringia aos trabalhadores rurais migrantes, já que agentes pastorais, sindicalistas, trabalhadores urbanos e outros poderiam ter acesso ao periódico. Assim, as leituras sobre o conteúdo variavam muito.

Em carta enviada da cidade de André Fernandes, Minas Gerais, por Claudeci Pereira Lima, trabalhador que em 1988 se tornaria presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, observa-se uma das interpretações sobre o boletim:

*Mais o pessoal não está acreditando no Cá e Lá, e está indo para as grandes cidades. Este Cá e Lá trouxe um jeito de evitar a migração um abraço da comunidade de Porteira Nova.*¹²⁰

A leitura acima apresenta uma das possibilidades de interpretação do periódico, no caso, pois o vê como uma tentativa de frear a migração devido ao ataque às condições de trabalho encontradas em São Paulo. A preocupação com tal leitura rendeu uma carta em resposta do Padre Antenor, membro da Pastoral do Migrante de Guariba, para Claudeci:

*Recebemos sua carta e sentimos a sua preocupação em relação a tantas pessoas que migram também em sua comunidade. Através do Cá e Lá não pretendemos dizer se é para sair ou não. É hora que toda essa grande massa que migra perceba que o problema já não pode ser resolvido individualmente. Por isso insistimos que o povo busque organizadamente tentar resistir e encontrar formas para permanecer na sua própria terra...exigindo se for necessário terra e meios pra viver com sua família. Na terra se as condições realmente não permitirem que se saia mas com algumas garantias para não ser mais um jogado nesse mundo de Deus.*¹²¹

Com o intuito de esclarecer a proposta de organização dos trabalhadores, a carta de Padre Antenor faz ressalvas para o boletim não ser lido como contrário à presença dos migrantes na região, postura que poderia assemelhar-se à de outros setores da sociedade que no mesmo período atribuíam a tais sujeitos a responsabilidade por muitos problemas sociais do local.

A proposta de organização coletiva em oposição à luta individual, sugerida na carta de Padre Antenor, permaneceu nas décadas de 1980 e 1990 nas páginas do *Cá e Lá*, com ênfase na união dos trabalhadores como forma de superar os problemas encontrados: *É unidos e organizados que poderemos eliminar as feridas que machucam tantas famílias de migrantes.*¹²²

¹²⁰ Carta de Claudeci Pereira Lima, André Fernandes – MG – 29/11/1987. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

¹²¹ Carta de Padre Antenor Dalla Vecchia, Dobrada – SP – 08/01/1988. Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba.

¹²² Boletim Cá e Lá. Ano 01, nº 6, dezembro de 1986, p. 01.

A opção individual é representada pelo ato de migrar, considerado um viés particular do sujeito para superar os problemas vivenciados. A opção coletiva é representada pela organização dos trabalhadores nas próprias comunidades, considerada nas páginas do boletim como exemplo de alternativa bem sucedida a se seguir:

*...há muitas tentativas de pequenos projetos comunitários como forma de resistência: tendas de farinha, mutirões na roça, artesanato, legalização dos títulos de terra, hortas comunitárias, mobilizações pela Reforma Agrária. associações de saúde, creches...*¹²³

Percebe-se grande preocupação do boletim em manter o contato entre aqueles que migraram e aqueles que ficaram. A proposta de organização no próprio local de origem significa a manutenção dos laços sociais e afetivos criados em cada comunidade. Esses laços são desestruturados com a saída de trabalhadores e de famílias inteiras para outras regiões do país, enfraquecendo o poder de resistir daqueles que permanecem nas comunidades:

*A organização no local de origem representa a única “saída” para os trabalhadores que migram forçadamente. A luta pela melhoria das condições de trabalho “lá” pode representar a luta pela própria sobrevivência.*¹²⁴

Uma das grandes bandeiras encampada pela Pastoral do Migrante no boletim *Cá e Lá*, que perdurou nas décadas de 1980 e 1990, foi a Reforma Agrária, pensada como maneira de assegurar aos trabalhadores os direitos de permanecer na terra de origem. Aos trabalhadores, era sugerida nas páginas do boletim, em 1987, a participação no projeto da nova Constituição para avançar e incorporar a Reforma Agrária. Em várias outras ocasiões, esta foi apresentada como necessária para resolver os problemas da migração no Brasil.

A organização dos trabalhadores migrantes também era sugerida como alternativa para resistir às dificuldades experimentadas na região de Ribeirão Preto. Em junho de 1987, o *Cá e Lá* relatava a história de alagoanos e pernambucanos atraídos por uma proposta para trabalhar no corte da cana na usina Martinópolis, na cidade de Serrana, interior de São Paulo. Esses, dizia o texto, encontraram salários baixos, ficando sem condições de mandar dinheiro para a família e com dificuldades para comer, moradia lotada e suja, sem transporte para o local de serviço, deslocando-se a pé, além de vigilantes armados que impediam a saída, enfim, vivenciaram condições de trabalho semi-escravo. Aqueles que tentaram se rebelar, receberam represália dos patrões: sabotagem na comida, não pagamento dos salários e expulsão do alojamento. Perambularam até Ribeirão Preto em busca de passagem de volta, não

¹²³ Boletim *Cá e Lá*. Ano 02, nº 7, abril de 1987, p. 02.

¹²⁴ MIGRANTES SAZONAIS: É PRECISO RESISTIR. Boletim *Cá e Lá*. Ano 06, nº 40, junho de 1991, p. 02.

conseguiram e retornaram a Serrana, local em que permaneceram dias dormindo em um prédio em construção e comendo com a ajuda da paróquia local e do prefeito. No editorial do boletim que relatou essa história, destaca-se a elaboração de caráter moral da notícia e as orientações aos trabalhadores na advertência: *Que esta história traga lições para os milhares de migrantes, sobretudo os safristas, e que estes abusos sejam evitados com a organização e firmeza de todos os migrantes.*¹²⁵

Parte considerável do jornal *Cá e Lá* era dedicada à discussão sobre a organização dos trabalhadores, seja quando sugere a busca de ajuda dos sindicatos ou quando comenta as visitas dos agentes pastorais às comunidades *para dar continuidade a esse trabalho de conscientização e organização dos migrantes*,¹²⁶ conforme se observa na foto¹²⁷ a seguir, referente a um Encontro de Formação realizado durante as missões pastorais na cidade de Berilo, Minas Gerais, em fevereiro de 1988.



F3 – Trabalhadores participando de dinâmica de relato de experiências no Encontro de Formação promovido por agentes pastorais na cidade de Berilo, Minas Gerais, em 1988.

As fotografias arquivadas pela Pastoral do Migrante de Guariba revelam a intencionalidade de preservar documentos que enfatizam o trabalho de conscientização pelo

¹²⁵ EDITORIAL. Boletim *Cá e Lá*. Ano 02, nº 09, junho de 1987, p. 01.

¹²⁶ Boletim *Cá e Lá*. Ano 02, nº 12, outubro de 1987, p. 02.

¹²⁷ Arquivo de fotos da Pastoral do Migrante de Guariba. 02/1988.

contato de agentes pastorais com os moradores das comunidades de origem dos trabalhadores migrantes. Na foto, os trabalhadores migrantes participam de uma dinâmica de apresentação pessoal, na qual cada um relatava seu nome, procedência e sua experiência de migração. A dinâmica era finalizada com conclusões que se extraíam do conjunto de experiências pessoais narradas.

Nos textos que compõem o periódico, a relação organização/conscientização permeará parte considerável dos argumentos utilizados. No editorial do primeiro boletim, lançado em abril de 1986, este é apresentado com o objetivo de prestar serviços *principalmente de informações aos migrantes*, concluindo mais à frente que *este folheto quer ser portanto, um instrumento que seguirá passo a passo a trajetória do migrante que busca com insistência um sossego para si e sua família*.¹²⁸

Ao se colocar como um prestador de serviço para o trabalhador migrante, o boletim *Cá e Lá* assume a função de debater as questões que envolvem a migração:

*...se propõe a continuar ser um veículo de informação e ligação dos migrantes com suas famílias e comunidades e mais, um instrumento à serviço das lutas, para fazer frente a toda migração forçada.*¹²⁹

Devido às múltiplas possibilidades de leitura dos textos do boletim, convém notar o possível conflito de interesses entre o posicionamento defendido pelo *Cá e Lá* e a vontade atrelada à necessidade que os trabalhadores do local possuíam de migrar, principalmente para a safra de cana-de-açúcar. Ao apontar a migração como opressão para os trabalhadores, o *Cá e Lá* sugeria a permanência e a organização no próprio local de origem.

Na proposta assumida pelo boletim houve alguns momentos em que este se coloca em defesa dos trabalhadores migrantes, mas não como um meio de comunicação próprio deles, e em outros momentos coloca-se como *a voz dos migrantes em meio a um espaço dominado pela comunicação de massa*.¹³⁰

Em alguns editoriais há avaliações sobre o trabalho realizado, as quais culminam no otimismo em relação à eficácia da comunicação estabelecida via boletim com os trabalhadores migrantes:

Companheiro, está chegando até você o quarto número do “Cá e Lá”, pelo que estamos percebendo Ele está mexendo com a vida dos trabalhadores.

¹²⁸ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 01, nº 01, abril de 1986, p. 01.

¹²⁹ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 02, nº 07, abril de 1987, p. 01.

¹³⁰ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 12, nº 100, outubro/novembro/dezembro de 1999, p. 01.

*Ele está sendo motivo de bate-papo e discussão a respeito da situação em que vivem os trabalhadores.*¹³¹

No primeiro ano de circulação, o trabalho realizado no periódico é apresentado com entusiasmo por contribuir com a discussão coletiva. No ano seguinte, a análise é reiterada e sugere-se grande aceitação por parte dos leitores em um editorial que comenta as cartas recebidas naquele período:

*Parece-nos que desta forma os migrantes e suas comunidades vão assumindo este jornalzinho como seu órgão de comunicação. Assim vão acompanhando mais de perto as dificuldades encontradas e, como “povo disperso”, busca comunitariamente saídas para seus dramas...”*¹³²

Quando relatam a proposta política e analisam os possíveis resultados obtidos com a circulação do material impresso, os editoriais revelam conflitos existentes na região de Ribeirão Preto em torno da questão da presença do migrante: *Embora alguns o interpretam como “ameaça ou insinuação” ele quer ser uma voz na defesa dos interesses dos migrantes.*¹³³

A leitura do boletim *Cá e Lá* como possível *ameaça*, provavelmente provinha de grupos sociais que não reconheciam os direitos do trabalhador migrante na região, atacando muitas vezes, além do próprio migrante, outros setores que se posicionavam favoravelmente ao mesmo, como, por exemplo, determinados sindicatos e setores da Igreja.

Padre Garcia, integrante da Pastoral do Migrante de Guariba, relata que houve forte resistência de parte da sociedade quando os membros da Pastoral intensificaram na década de 1980 a discussão sobre a presença do migrante na região: *nós mesmos encontramos essa resistência, nós mesmos de alguma maneira por muitas pessoas fomos também rejeitados pelo fato de sermos defensores.*¹³⁴

Os conflitos de interesses e as disputas em torno da presença dos trabalhadores migrantes na região passam a ser mais evidenciados nas páginas do periódico no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, quando se adota a postura de tecer críticas mais diretas nos editoriais:

Jornais, televisão, rádios...comentam hoje em suas manchetes e notícias o grande volume de migrantes – homens, mulheres e crianças – pelas estradas e vilas, sem eira, nem beira. Qual o enfoque que esses meios de

¹³¹ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 01, nº 04, julho/agosto de 1986, p. 01.

¹³² EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 02, nº 10, julho de 1987, p. 01.

¹³³ Ibid., p. 01.

¹³⁴ Padre Garcia - Antônio Garcia Peres, 54 anos, Missionário de São Carlos – Scalabriano. Trabalhou na Pastoral do Migrante de 1986 até 1991, retornando em 1994. Entrevista realizada dia 11/10/2006.

*comunicação dão, a esse que continuamente são expulsos e empurrados forçadamente?... Não podia ser diferente: são os fora da lei, os causadores de dramas insolúveis nas cidades, são os que sujam a imagem das cidades e por aí vão as definições de muitos prefeitos e formadores de opinião que se quer são capazes de ver, que tudo isso é resultado de uma opção política dos Governos e que deveria ser combatida com a mesma força que se combate a “incômoda” presença dos migrantes em nossa região.*¹³⁵

Além de criticar a postura dos grandes meios de comunicação da região de Ribeirão Preto por criminalizarem o migrante, os editoriais criticam também as políticas públicas que visam a reprimir sua chegada e permanência nas cidades da região.

No ano de 1989, momento em que alguns grupos sociais discutem a criação de um Centro de Triagem na região para tratar da questão de trabalhadores que chegavam sem emprego e sem moradia, o boletim *Cá e Lá* disserta sobre o grande número de desempregados no local, principalmente no período da entressafra, atacando os interesses de grupos econômicos locais e responsabilizando-os pela agricultura que exclui o trabalhador quando este não é mais necessário: *Que raio de “agricultura desenvolvida” é essa, que traz fome e miséria para os trabalhadores e suas famílias?*¹³⁶, concluindo que este é um modelo nefasto para os migrantes.

Ainda sobre a crítica ao modelo de desenvolvimento da agricultura na região de Ribeirão Preto, os incentivos governamentais aos usineiros, como o Pró-Álcool, são atacados em oposição aos interesses dos pequenos produtores que não conseguem financiamento para suas atividades.

Outra visão criticada é aquela de grupos sociais que constroem a imagem da região como local de riquezas e ausência de conflitos sociais e desigualdades, portanto, como modelo a ser seguido:

*Enquanto assistimos os meios de comunicação proclamarem com imponência e ostentação, que a região de Ribeirão Preto, compreendendo 86 cidades do interior paulista, com uma renda per capita de 50 mil por mês, considerada a ‘Califórnia Brasileira’, vemos ao lado disso retrocessos nos direitos já conquistados pelos trabalhadores, por exemplo a volta da 7 ruas; bem como o não cumprimento de algumas leis constitucionais...*¹³⁷

O editorial acima se insere numa complexa disputa de concepções sobre a região de Ribeirão Preto. Ele diverge dos diversos meios de comunicação que no mesmo período retratavam Ribeirão Preto como sendo a *Califórnia Brasileira*. Esse tipo de olhar sobre

¹³⁵ EDITORIAL. Boletim *Cá e Lá*. Ano 06, nº 41, julho de 1991, p. 01.

¹³⁶ Boletim *Cá e Lá*. Ano 04, nº 20, abril de 1989, p. 02.

¹³⁷ EDITORIAL. Boletim *Cá e Lá*. Ano 05, nº 35, outubro de 1990, p. 01.

Ribeirão Preto não foi restrito à imprensa regional, adquirindo aspecto de propaganda nacional em grandes meios de comunicação.

No final da década de 1980, exalta-se o local em reportagem da *Revista Manchete* sobre a realização de um Festival de Blues na cidade de Ribeirão Preto:

*A comparação com uma cidade rica – ou região – dos States não era novidade alguma por ali. Ribeirão Preto (com seus municípios vizinhos), afinal, detém um terço da produção agrícola estadual e 8 % da nacional (um quarto do álcool e um quinto do açúcar do país saem dali, por exemplo) e, ainda possui a quarta Bolsa de Valores do Brasil. A invejável renda per capita de 5 mil dólares (mais do que o dobro da média brasileira) já premiou, inclusive, a região com o epíteto de ‘a Califórnia dos trópicos’ – ainda que ‘Texas’ não caíria nada mal, a julgar pelo look de alguns fazendeiros: eles parecem se vestir com o mesmo costureiro de Sinhozinho Malta ou Tião Maia.*¹³⁸

Ribeirão Preto passou a ser conhecida nacionalmente como a *Califórnia Brasileira* devido à propaganda sobre os números econômicos que a destacavam entre outras regiões do Brasil. Buscou-se construir através desses olhares na década de 1980 a idéia de um lugar isento dos problemas que o Brasil enfrentava naqueles anos. Em reportagem para uma coluna social do Jornal *Folha de São Paulo*, em abril de 1988, o publicitário Mauro Salles, responsável pela campanha política de Tancredo Neves à Presidência, falou de sua agenda de compromissos e fez algumas sugestões para a sexta-feira:

*À noite, não assistir o ‘Jornal Nacional’, nem ‘Jornal da Manchete’, nem noticiário da TV Bandeirantes. Recomenda-se também não ouvir os rádios-jornais. É que o resumo das notícias, a ser mantida a tradição dos últimos meses, estragaria o fim de semana de qualquer um. O melhor é fazer de conta que o Brasil todo tem a cara de Ribeirão Preto, que é onde vive o Roberto Gusmão, a quem visitei esta semana. Depois de olhar a cidade e os arredores, descobri que pelo menos lá não há crise e que aquele Brasil vai bem, obrigado.*¹³⁹

A visão de um local imune à crise foi muito forte no final da década de 1980 e ainda hoje aparece ressaltada em muitos olhares que a grande imprensa nacional constrói sobre a região de Ribeirão Preto, principalmente quando noticia os números do agronegócio.

¹³⁸ SARDENBERG, Walterson. Ribeirão Blue: uma cidade de alma negra. In: **Revista Manchete**: Editora____, 8 de julho de 1989, p. 69.

¹³⁹ SÁ, Vera de. Um publicitário onipresente passeia de MG por São Paulo. In: **Folha de São Paulo**, 25 de abril de 1988, p. A44.

No início dos anos 1990, foi ao ar o programa Globo Repórter, da Rede Globo, com a temática sobre a exaltação do agronegócio na região de Ribeirão Preto. Com o intuito de ocultar as desigualdades da região, afirmou-se que *o bóia-fria ganha tanto que chega a pagar imposto de renda*¹⁴⁰, sugerindo que os trabalhadores pobres não estavam excluídos dos benefícios do setor agroindustrial.

Dessa maneira, a idéia de uma *Califórnia Brasileira* foi contestada nas páginas do boletim *Cá e Lá*, pois apresentava a concepção de uma região supostamente sem conflitos sociais, beneficiada por um conjunto de relações sociais em que os interesses de todos eram atendidos. A contestação foi construída com o intuito de explicitar que nem todos se beneficiavam daquele modelo de desenvolvimento, criticado repetidas vezes nas décadas de 1980 e 1990 nas páginas do boletim.

Os conflitos de interesses acima relatados permitem pensar na complexidade das relações sociais estabelecidas na região de Ribeirão Preto e permitem analisar como o trabalhador migrante pobre foi retratado por esse boletim que se colocava como defensor de seus interesses.

A construção da imagem do migrante no periódico *Cá e Lá* difere, evidentemente, da imagem desse mesmo sujeito formulada nas páginas do jornal *A Cidade*. Entretanto, isto não quer dizer que ela tenha sido homogênea e simplista, pelo contrário, foram elaboradas diversas abordagens sobre o migrante, principalmente nos editoriais, situados na parte superior da primeira página do boletim e elaborados em forma de textos curtos e destacados do restante das reportagens.

O primeiro grande conjunto de abordagens sobre o trabalhador migrante destaca a construção de um povo sofredor, evidenciado no seguinte trecho:

*Migrante é que nem folha seca, que o vento leva para onde quer...Migrante é que nem pomba aonde vai, tem um caçador na mira Migrante é uma máquina que os poderosos usam para aumentar suas riquezas...Migrante é que nem passarinho: voa de galho em galho e nunca encontra sossego; só que o passarinho canta e o migrante chora.*¹⁴¹

A formulação acima de um povo respectivamente caçado/explorado/triste seria comum nos boletins em todo período analisado, adquirindo outros adjetivos como *povo*

¹⁴⁰ CALIFORNIA à Brasileira. Direção: José Roberto Novais. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação – CEDI: UFRJ, 1991, 24 min, VHS, son., color.

¹⁴¹ A PALAVRA DO MIGRANTE. Boletim *Cá e Lá*. Ano 06, nº 40, junho de 1991, p. 02.

*necessitado*¹⁴², maltratado¹⁴³, subornado¹⁴⁴, enganado, traído¹⁴⁵, oprimido¹⁴⁶, ferido¹⁴⁷, que convive com *dramas*¹⁴⁸, vítima da *falta de programa sério que venha assegurar uma vida digna*¹⁴⁹.

Nessa primeira formulação, algumas reflexões estabeleceram paralelos entre a experiência vivenciada pelos trabalhadores migrantes com outras experiências históricas de sofrimento e exploração de um povo. Em editorial de maio de 1988, há uma dessas construções que comparam os *migrantes negros (escravos) trazidos da África* com os trabalhadores migrantes da região de Ribeirão Preto, ambos como contribuintes do país com o próprio trabalho, mas *sem muito futuro para si e para os seus*.¹⁵⁰

A construção de um povo sofredor e explorado parece uma forma de justificar a escolha do trabalho da Pastoral do Migrante junto a esse conjunto da população e de justificar também as cobranças direcionadas a autoridades municipais e a outros setores da sociedade para que formulem projetos para a solução dos problemas enfrentados por aqueles que migram.

No trecho destacado, analisa-se a consequência imediata da migração, formulada na relação da experiência do migrante com o *passarinho*, que em outros textos se transforma na figura mais específica da *andorinha*¹⁵¹ para caracterizar um povo que não se fixa em um lugar determinado.

A imagem do passarinho possui uma relação direta com a formulação da idéia de um povo disperso. Em uma das construções, destaca-se o caráter de incentivar a organização dos trabalhadores, que pode ser observado quando diz que Moisés foi mandado por Deus para unir um povo que era escravizado no Egito por viver disperso, concluindo que:

*Pois bem, hoje o povo migrante está sendo obrigado pelo sistema que vivemos, a se dispersar, a não ter um rosto, a ficar dividido, a perder suas raízes... Isso tudo para estar às disposição do sistema que o empurra de cá prá lá, num vaivém contínuo.*¹⁵²

¹⁴² Boletim Cá e Lá. Ano 01, nº 01, abril de 1986, p. 01.

¹⁴³ Boletim Cá e Lá. Ano 02, nº 07, abril de 1987, p. 01.

¹⁴⁴ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 02, nº 09, junho de 1987, p. 01.

¹⁴⁵ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 03, nº 16, agosto de 1988, p. 01.

¹⁴⁶ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 06, nº 40, junho de 1991, p. 01.

¹⁴⁷ Boletim Cá e Lá. Ano 01, nº 06, dezembro de 1986, p. 01.

¹⁴⁸ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 02, nº 10, julho de 1987, p. 01.

¹⁴⁹ MIGRAÇÃO E CÓLERA. Boletim Cá e Lá. Ano 08, nº 53, abril/maio de 1993, p. 01/02.

¹⁵⁰ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 03, nº 13, maio de 1988, p. 01.

¹⁵¹ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 02, nº 12, outubro de 1987, p. 01.

¹⁵² Boletim Cá e Lá. Ano 02, nº 10, julho de 1987, p. 02.

É comum no boletim o argumento que entrelaça aspectos bíblicos e históricos com as experiências dos migrantes, com intuito de refletir concomitantemente sobre as questões religiosas e mundanas.

No trecho acima, é importante notar que a vida dispersa do trabalhador migrante é lida como responsável direta pela perda das próprias *raízes*, ou seja, a perda das referências. Em uma construção mais extremada sobre o mesmo assunto chega-se a afirmar que *muitas vezes vivem como estrangeiro no próprio país*.¹⁵³

A noção de que o povo migrante é disperso e sem identidade, pelo fato de a migração causar o *desenraizamento do povo*, aparece nas páginas do documento *Igreja e Problemas da Terra*, de 1980, no qual se procurou delimitar as frentes de ação da Igreja Católica.¹⁵⁴

Num pólo oposto à construção *povo sofredor e povo disperso*, é construída a imagem de uma gente que resiste aos problemas enfrentados diariamente:

*Distantes da Terra-Mãe, negociada pelo capital e da Família-Nicho, dividida pela migração, enfrentam com coragem e fé as durezas e enganos constantes a que são submetidos. Buscam proteção e se deparam com a traição. No entanto, conscientes das pequenas e grandes conquistas, que acontecem e podem acontecer, continuam firmes, fazendo a História.*¹⁵⁵

Coragem, fé, firmeza e consciência são características que qualificam o homem migrante para continuar nas disputas cotidianas e fazer *História*. A imagem do povo que resiste vem sempre relacionada à idéia de condições adversas de sobrevivência:

*Estes bravos guerreiros que trazem no rosto marcas de uma dura e cruel luta pela sua sobrevivência e de seus familiares, que ficaram na região de origem, trazem consigo a esperança de um futuro melhor.*¹⁵⁶

Em outros exemplares analisados, a idéia do povo guerreiro que enfrenta a dura realidade aparece na forma de outros adjetivos, como povo persistente, lutador¹⁵⁷, valente, crente¹⁵⁸, insistente¹⁵⁹, entre outros.

¹⁵³ Boletim Cá e Lá. Ano 08, nº 58, setembro de 1993, p. 01.

¹⁵⁴ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Igreja e Problemas da Terra**. Itaci: 18ª Assembléia da CNBB, 1980. Retirado de <<http://www.cptnac.com.br>>.

¹⁵⁵ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 06, nº 16, agosto de 1988, p. 01.

¹⁵⁶ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 11, nº 79, junho de 1996, p. 01.

¹⁵⁷ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 11, nº 79, junho de 1996, p. 01.

¹⁵⁸ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 06, nº 40, junho de 1991, p. 01.

¹⁵⁹ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 01, nº 01, abril de 1986, p. 01.

A idéia abordada no trecho acima, de *um futuro melhor*, geralmente é relacionada com a expectativa do trabalhador migrante e nunca com a experiência vivenciada, pois esta, por ser lida sempre como uma experiência de sofrimento e enfrentamento de condições adversas, está relacionada diretamente com a idéia de um futuro pouco promissor.

Na perspectiva de futuro pouco otimista para o trabalhador migrante surge um outro campo de imagem construído, o qual ressalta a idéia do trabalho:

*É pelas mãos de cada migrante que a terra da região canavieira recebe a semente, o cultivo e a colheita. Essas mãos 'feias' porque calejadas, mas BELAS PELO TRABALHO QUE PRODUZ.*¹⁶⁰

Nessa perspectiva, o migrante aparece como o trabalhador e o desdobramento de tal construção leva a crer que seu intuito é o de legitimar a presença desses sujeitos na região, contestando-se a idéia de que são eles que trazem os problemas para o local.

Alguns trechos do periódico respondem de forma ainda mais direta a tais acusações:

*É preciso que as prefeituras dessas cidades tomem as devidas providências, porque os migrantes não só 'buscam o dinheiro', como dizem... Além de produzirem riquezas com seu trabalho, compram no comércio, que geram impostos para o município. Com a chegada dos migrantes, as vendas dobram no comércio de várias cidades da região.*¹⁶¹

O argumento central dessa construção é o de que os migrantes são trabalhadores que geram riquezas para a região de Ribeirão Preto, portanto estes se tornam sujeitos que merecem todo apoio das prefeituras para a garantia de condições dignas de moradia. Em outras palavras, pede-se no texto acima que eles sejam tratados como cidadãos com direitos iguais aos outros, e não como sujeitos excluídos e diferentes do restante da população desses lugares.

Uma alternativa encontrada também para disputar a concepção de que os migrantes devem ser tratados como cidadãos na região consiste em analisá-los como sujeitos que não possuem condições de enfrentar o mercado de trabalho moderno e, portanto, por serem considerados *desqualificados*¹⁶², necessitam da ajuda de todos para superar as dificuldades.

¹⁶⁰ EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 12, nº 87, junho/julho de 1997, p. 01

¹⁶¹ MORADIA, UM PESADELO PARA O MIGRANTE. Boletim Cá e Lá. Ano 06, nº 42, agosto/setembro de 1991, p. 01/02.

¹⁶² EDITORIAL. Boletim Cá e Lá. Ano 10, nº 70, abril/maio de 1995, p. 01

Com esse argumento, que aparece em poucos editoriais se comparados com as construções analisadas até aqui, clama-se pela piedosa ajuda de todos para auxiliar os migrantes que necessitam *porque ainda não se pensa e não se investe a partir dos fracos*.¹⁶³

As diversas construções da imagem do migrante no boletim *Cá e Lá* analisadas acima revelam a complexidade da disputa cotidiana pela legitimidade de pertencimento na região de Ribeirão Preto e os múltiplos olhares existentes no interior de um mesmo grupo social sobre a questão da migração.

Pelas análises das leituras do boletim *Cá e Lá* e do jornal *A Cidade* sobre a migração e a construção da imagem do migrante na região de Ribeirão Preto, percebemos concepções e posicionamentos opostos e complexos sobre o direito de pertencer ao local.

Em linhas gerais, as imagens construídas sobre o migrante no jornal *A cidade* tendiam a criminalizá-lo, fornecendo argumentos para que grupos ligados ao periódico exigissem políticas públicas ligadas ao disciplinamento desses sujeitos na região. As imagens construídas sobre o migrante no boletim *Cá e Lá* refletiam as concepções da Pastoral do Migrante, a qual, ao se posicionar como defensora desses sujeitos, tendia a vitimá-los, colocando-os sob o universo das ações assistenciais pastorais.

Os dois meios de comunicações impressos possuem diferenças cruciais que precisam ser explicitadas. Conforme observado, o jornal *A cidade* é um periódico que discute temáticas amplas, direcionadas a tratar de diversos aspectos da realidade na região de Ribeirão Preto. É também uma empresa do meio de comunicação, portanto, voltada ao lucro. Perante os leitores se posiciona como um instrumento que divulga a informação, por isso apresenta uma postura supostamente imparcial, como se falasse por e para toda sociedade. O periódico ainda se propõe a agir na sociedade e tem ampla divulgação e alcance na região.

O boletim *Cá e Lá* parte de uma temática específica, a migração, e não possui fins lucrativos. Também se propõe a agir diretamente na sociedade, apesar de ter alcance e divulgação mais restritos. Perante os leitores adota a política de se posicionar (*um instrumento a serviço*) frente ao tema abordado, explicitando suas intenções.

As disputas e concepções diferentes, e em vários momentos opostas, analisadas nesses dois periódicos partem da própria sociedade e, conseqüentemente, não se restringem aos meios de comunicações ou a políticas públicas, mas fazem parte das relações sociais conflituosas travadas no cotidiano da região de Ribeirão Preto.

¹⁶³ EDITORIAL. Boletim *Cá e Lá*. Ano 10, nº 69, março de 1995, p. 01

Mesmo com as tensões provocadas pelas variadas concepções sobre a questão da migração, os trabalhadores migrantes continuaram chegando ao local. As alternativas de sobrevivência construídas por esses sujeitos na região de Ribeirão Preto são analisadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

RELAÇÕES DE CUMPLICIDADE

CONSTRUINDO CAMINHOS PARA A SOBREVIVÊNCIA

*Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim, chegar e partir*

(Milton Nascimento e Fernando Brant, Encontros e Despedidas, 1985)

Neste capítulo discuto como os trabalhadores migrantes pobres chegaram e se estabeleceram na região de Ribeirão Preto. Pelas análises das entrevistas percebem-se as relações sociais vivenciadas para concretizar o processo migratório.

Genivaldo Silva Maciel, conhecido como Gil pelos amigos e familiares, cedeu uma entrevista no início da tarde de um domingo na sala de sua casa, na cidade de Ribeirão Preto, no bairro Parque Ribeirão Preto, onde reside desde 1996 com a mulher Marluce e dois filhos.

Pela manhã, antes de Gil chegar de um serviço, sua casa estava muito movimentada por vizinhos e parentes que vivem no bairro, todos oriundos de outras regiões do país. Foi o momento em que realizei outras entrevistas, recolhi fotos e outros documentos para aprofundar as reflexões sobre o tema.

Deparando-me com as entrevistas transcritas daquele dia, pouco mais de um mês depois do encontro, percebi que de forma direta ou indireta foi Gil quem fez a conexão para a chegada a Ribeirão Preto de todas pessoas que conheci naquele domingo.

Gil, alagoano de 39 anos, oriundo da cidade de Monteirópolis, trabalhou na roça da família até o final da década de 1980, período em que migrou para ser ajudante de pedreiro na cidade de Aracaju, pelo fato de precisar *tirar um salário*, já que nos anos de seca não conseguia nem garantir o próprio sustento.

Foi em Aracaju que Gil aprendeu a profissão de pedreiro:

...o cara fez uma obra, nós começou a trabalhar de ajudante, aí se você for um cara interesseiro você vai olhando o pedreiro trabalhá e cê vai colocando massa, aí ele sempre dá uma mão pra você aprendê, aí cê vai

*pega uma colher e vai mexendo até pegá uma parede e dar continuação até erguer né.*¹⁶⁴

Apesar de aprender a profissão e conseguir o almejado salário, a experiência em Aracaju, de 1988 a 1991, foi interrompida após a propaganda sobre Ribeirão Preto feita por um primo que já trabalhava na cidade: *‘se você quiser ir, volta lá, acerta as tuas contas, chega aqui, nós vamo, vamo viajá tal dia, aí oh, lá é’*, ele me contou como é que era, falava que aqui era melhor.¹⁶⁵

O convite do primo e a promessa de um salário mais alto despertaram o interesse de Gil, que em 15 dias acertou sua situação em Aracaju e mudou-se para Ribeirão Preto. O primeiro trabalho realizado na cidade foi em uma obra no bairro Iguatemi, em seguida passou a trabalhar em outra construção na avenida Francisco Junqueira, sempre morando em alojamentos no mesmo local do serviço.

Os primeiros anos na cidade de Ribeirão Preto são narrados por Gil como um momento difícil: *Cê chega aqui, cê não tem conhecido, não tem ninguém.*¹⁶⁶ Nos primeiros meses de trabalho, Gil conta que sofreu um acidente grave e teve que passar muito tempo no hospital antes de voltar para o alojamento.

A grande dificuldade do início parece haver sido pelo fato de que sua única referência na cidade era seu primo. As amplas relações de amizade que vivencia hoje foram construídas na medida em que conseguiu se estabelecer melhor na cidade e, conseqüentemente, possibilitar a vinda de parentes e conhecidos para a região.

O próprio casamento de Gil com Marluce, alagoana, se concretizou graças às relações estabelecidas com pessoas no local de origem:

*Foi quando eu voltei lá, em 93, cheguei aqui em 91, sofri o acidente, aí meus pais pensavam que eu tinha morrido, eu voltei lá 92, aí nisso nós já deu início, eu fiquei lá uns 15 dias, voltei pra cá novamente, quando foi entrada de 94, dezembro, mais ou menos, 93, aí eu fui lá, aí nós já ficou certo, aí voltei novamente em 94, aí eu mandei busca ela em 94, aí nós foi morá lá no Marquese...*¹⁶⁷

O namoro com Marluce começou em 1992 e antes de ela mudar para a cidade de Ribeirão Preto, o contato era realizado principalmente por cartas. Quando Gil diz que em 1993 *aí nós já ficou certo*, percebe-se que naquele momento ele havia praticamente criado a

¹⁶⁴ Genivaldo Silva Maciel, alagoano de Monteirópolis, casado, residente do bairro Parque Ribeirão, RP, 39 anos. Chegou a Ribeirão Preto em julho de 1991. Entrevista realizada em 24/06/2007.

¹⁶⁵ Genivaldo Silva Maciel. Op. cit.

¹⁶⁶ Ibid.

¹⁶⁷ Ibid.

condição para a vinda de Marluce, ou seja, a saída do alojamento da obra para morar na casa de aluguel do companheiro Lázaro, no bairro Jardim Marquese.

Com a mudança para o Jardim Marquese e a chegada da mulher Marluce em 1994, Gil começa a construir uma rede de relações que não existia nos primeiros anos, os quais são narrados como período de dificuldades.

A foto¹⁶⁸ abaixo, retirada de um álbum de fotografias apresentado por Marluce, mostra Gil, com o violão, em frente à casa em que vivia no bairro Jardim Marquese, cercado de amigos, alagoanos e mineiros. Do lado esquerdo, de boné, vê-se Neneco, irmão de Gil. Ao lado direito, o mineiro Lázaro, dono da casa alugada por Gil. Pela foto, percebe-se que o universo de relações se expandiu, principalmente após a chegada de conhecidos que passavam a integrar as redes de sociabilidade constituídas no local.



F1 – Gil com amigos alagoanos e mineiros no bairro Jardim Marquese, em Ribeirão Preto.

Assim como seu primo em 1991 lhe ofereceu meios para a sua chegada, Gil, a partir do momento em que conseguiu se firmar na cidade, por volta de 1994, também criou condições

¹⁶⁸ Arquivo familiar de Marluce e Gil – Aproximadamente 1994.

que viabilizaram a vinda de outras pessoas. Em resposta à pergunta de como as pessoas conhecidas foram chegando, diz Gil:

*Vai vindo, porque a pessoa vai conforme quando a gente vem de lá, aí o irmão meu, fica na expectativa 'oh, quando tu tivé lá, tu ajeita lá um lugar pra mim', aí o cara vem aqui o cara vai trabalhando, aí quando surge uma vaga no lugar que cê tá, aí cê já passa um telegrama, nessa época não tinha nem telefone nós ligar pra lá, era mais telegrama, carta, essas coisas, aí mandava um telegrama, carta, aí ele vinha, a gente esperava no terminal rodoviário e... isso aí vai evoluindo, vai evoluindo, vem um, vem outro, vem outro, vem outro...*¹⁶⁹

A expectativa e a vontade de migrar dos que permanecem em suas cidades de origem juntamente com o apoio e a cumplicidade dos que partem, possibilitam a criação de meios para efetivar o processo migratório para a região de Ribeirão Preto.

O alagoano Gilvan Lima da Silva, nascido também em Monteirópolis, passou por uma experiência interessante na vinda para a região em 2002. Apesar de ser oriundo da mesma cidade, Gilvan só conheceu o amigo Gil, a quem me apresentou para a entrevista, quando morava no bairro Parque Ribeirão Preto, em Ribeirão Preto.

Gilvan, pedreiro desde a época em que vivia em Monteirópolis, cedeu o depoimento na casa de um único cômodo em que vive com a mulher e cinco filhos, no bairro Jardim São Gabriel, na cidade de Jardinópolis. Ele narra que em Monteirópolis não havia emprego e mesmo quando trabalhava o salário era muito pequeno, não conseguindo arcar com as despesas para o sustento da família.

Antes de migrar para a região de Ribeirão Preto, Gilvan chegou a morar por duas vezes na cidade de Santos, na década de 1990, local em que trabalhou com um tio, mas não conseguiu se adaptar e voltou para Monteirópolis.

No ano de 2002, Gilvan conheceu a região por relatos de colegas que trabalhavam em construções na cidade de Ribeirão Preto:

*Rapaz olha, lá na nossa região tem muita gente de lá aqui, então sempre tem gente vindo e voltando tá, e esses que volta pra lá dá notícia daqui né, esse rapaz que faz linha pra lá fala muito bem daqui também, e eu vim, eu não conhecia né, eu vim com a conversa deles...*¹⁷⁰

¹⁶⁹ Genivaldo Silva Maciel. Op. cit.

¹⁷⁰ Gilvan Lima da Silva, alagoano de Monteirópolis, casado, residente no bairro Jardim São Gabriel, Jardinópolis, 41 anos. Chegou à região em 2002. Entrevista realizada dia 31/12/2006.

A vinda de Gilvan ocorreu pelo fato de ter ouvido falar bem da região e por ter estabelecido contatos com outros trabalhadores que já viviam no local há mais tempo e com a pessoa que fazia o transporte de Monteirópolis para as cidades da região de Ribeirão Preto.

Apesar de ser casado e possuir filhos na época, Gilvan veio sozinho, tanto em razão do preço da passagem quanto pelas dúvidas em relação ao que encontraria no lugar. A primeira vinda foi um teste das condições do local para avaliar se compensaria a mudança com toda a família.

A permanência da família no local de origem significa também a possibilidade de retorno rápido para a cidade de onde partiu, frente às incertezas da migração para uma terra que se conhece somente pelos comentários das pessoas, mas não pela experiência própria.

Indagado sobre como funcionava o sistema de transporte alternativo, denominado por ele como *a carga*, utilizado para a vinda de vários trabalhadores para a região, Gilvan revela a importância das referências para a chegada ao local almejado:

*O pessoal, ele completa aquela lotação né, da camionete e traz, só que quem vem já vem cada um, assim pra casa de um parente, ou um amigo, ele não vem assim pra como se diz pra chegar e largar na rua e dizer 'oh cara se vire', não, ele já traz as pessoa tudo encaminhado já pra casa de seus parentes, é colega, porque o cara também não é doido de deslocá de Alagoas pra cá né, pra chegar aqui o carro pará 'rapaz aonde você vai ficá?', 'ah, não tenho lugar', o cara também não é maluco de fazê uma coisa dessas né, tem que tê um local pra chegá, eu também só vim pra cá porque tinha esses colega meu que me deram essa força, porque se não tivesse eu não tinha vindo.*¹⁷¹

A descrição acima estabelece uma explicação lógica e racional para a vinda, que contrapõe a uma possível interpretação de irracionalidade no ato de migrar: *o cara também não é doido*. A resposta, que surge após uma pergunta que aparentemente propunha outra questão, aponta para um diálogo com interpretações que não percebem a lógica do processo pelas experiências e vivências dos sujeitos, avaliando a vinda dos trabalhadores migrantes pobres para a região como loucura, ou até ingenuidade, por acharem que aqui encontrarão as situações almejadas.

No relato da Assistente social Rose Ane Guimarães Martins Imore, fica explícita a crítica, encarada neste trabalho como uma crítica institucional do Centro de Triage àqueles sujeitos que supostamente chegavam sem referências na região de Ribeirão Preto e não conseguiam emprego, tornando-se alvos diretos da política de triagem local:

¹⁷¹ Gilvan Lima da Silva. Op. cit.

...depois vinham por trabalho mesmo, aí ficavam sabendo 'a vai abrir' por exemplo isso eu peguei muito 'a vão fazer uma barragem numa usina' ia aquela leva, usina hidrelétrica, muitos não tinham qualificação chegava lá não tinha emprego, se era aqui próximo ia acabá caindo tudo aqui em Ribeirão pra depois daqui, ou então aí ia ter uma grande construção de viaduto, de ponte, de prédios, aí vinha aquela leva, o mercado não absorvia todo mundo porque eles não vinham assim, vinham que uma referência era assim 'ouviam falar', às vezes quando chegavam já tinha acontecido ou a própria empreiteira já tinha selecionado, trazia gente de um local específico, mesmo empreiteiras da construção civil, então não tem, às vezes não que eles viessem com referência de alguém de uma pessoa, era coisa que eles imaginavam, ouviam falar e aí vinham aquele monte de gente.¹⁷²

Rose Ane narra que no auge da migração, situado por ela no final da década de 1980, muitos migrantes chegaram por referências de parentes e colegas que já viviam no local. Entretanto, durante a década de 1990 esse quadro teria se transformado: muitos começaram a chegar sem referências no local, somente por *ouvir falar* de ofertas de emprego na região. Desses, muitos que não conseguiam o emprego almejado eram atendidos pelo Centro de Triagem.

O termo *imaginavam*, utilizado por Rose Ane, constrói a noção de que os trabalhadores migrantes estavam enganados sobre a possível oferta de empregos na região. Essa idéia comporta a interpretação de falta de lucidez dessas pessoas no ato de migrar.

O que está em questão é o imaginário social construído em torno daquele que sai de um lugar em busca de trabalho em outro local. Por mais que os sujeitos atendidos pelo CETREM sejam diferentes daqueles entrevistados nesta pesquisa – já que estes encontraram trabalho e se estabeleceram na região – ambos possuem a experiência comum do deslocamento social para uma vida melhor.

Neste sentido, quando Gilvan diz que *o cara também não é maluco* de chegar sem referências ao local, está dialogando indiretamente com a constituição desse imaginário social sobre o migrante, o qual tende a desqualificá-lo perante suas ações cotidianas.

No caso de Gilvan, os colegas que trabalhavam na região foram as suas referências, sem as quais ele não poderia ter buscado essa alternativa para superar as condições adversas vivenciadas como trabalhador na cidade de Monteirópolis, que não oferecia meios para que ele desenvolvesse seu ofício e criasse seus filhos.

Esses colegas, quatro pessoas, moravam em uma casa na cidade de Ribeirão Preto e cederam para Gilvan um lugar para que este permanecesse enquanto procurasse serviço:

¹⁷² Rose Ane Guimarães Martins Imore, assistente social que participou da criação do CETREM e atuou no órgão na década de 1990. Atualmente está lotada no Fundo Social de Solidariedade – Gabinete da 1ª dama – Ribeirão Preto. Idade 49 anos. Entrevista realizada em 08/09/2006.

*...eles saiam trabalhá e eu ficava em casa até arrumá serviço, só que aquela casa é toda dividida a despesa entre os quatro, ou os cinco, o que tivé, só que é um pouco combinado também né, por exemplo, se a gente chega não tem serviço certo, eles vão manter a pessoa até a gente arrumá serviço, depois que a gente começa a trabalhava aí a gente vamo dividi, as despesas, aluguel, água, luz né, aí a gente dividi, mas enquanto não tiver trabalhando, quem tá trabalhando não faz questão, a gente fica, foi o que aconteceu comigo.*¹⁷³

As relações de cumplicidade vão muito além da informação sobre a região, ou sobre um emprego disponível, chegam ao sustento da pessoa no local. É essa rede de apoio que sustenta o processo migratório, por tornar viável a vinda e a permanência dos sujeitos.

Quando Gilvan afirma que *quem tá trabalhando não faz questão*, sua fala indica que esse não é um caso isolado, pelo contrário, é uma experiência compartilhada por diversos outros trabalhadores em situação semelhante, como um princípio moral de solidariedade daqueles que já se estabeleceram na região para com os outros que buscam o local como alternativa de sobrevivência.

Gilvan narra que veio *pra cá tentá a sorte*, que como ele mesmo explica, significa arrumar um emprego mais bem remunerado. Porém, ele não conseguiu emprego em Ribeirão Preto e mudou-se para Franca, onde trabalhava e dormia numa obra, *e já tava desesperado pra voltá pra trás, com saudade*. Foi quando a mulher, Maria Inês, chegou com os filhos, trazida por um conhecido que fazia o transporte alternativo de pessoas para o local. Depois de algum tempo retornou a Ribeirão Preto para viver no Parque Ribeirão Preto.

Gilvan voltou para Alagoas com a família, pois o salário que recebia na empreiteira onde trabalhava mal dava para o aluguel e a alimentação, mas deixou uma filha casada em Ribeirão Preto. A filha mudou-se para Jardinópolis e convidou o pai a retornar, pois, como ele relata, o custo de vida nessa cidade era mais barato.

Em abril de 2006, Gilvan retornou com a esposa e os filhos para morar de aluguel no bairro Jardim São Gabriel, próximo à casa da filha. A próxima foto¹⁷⁴ é de Gilvan, Maria Inês e filhos na casa em que moram atualmente, “de favor” no bairro São Gabriel, em Jardinópolis. Na foto, observa-se que as divisões dos cômodos - quartos, sala, cozinha e banheiro - são realizadas por um armário e por cortinas.

¹⁷³ Gilvan Lima da Silva. Op. cit.

¹⁷⁴ Arquivo pessoal. Foto tirada em 31/12/2006.



F2 – Gilvan, Maria Inês e filhos no primeiro plano, entre um quarto e a sala. No segundo plano, cortinas branca e roxa separam o outro quarto, a cozinha e o banheiro.

Em uma das conversas, Gilvan e Maria Inês me cederam uma carta recente de José Ivan Lima da Silva, irmão mais novo de Gilvan que reside em Monteirópolis com os pais. O conteúdo da carta é significativo para pensarmos na expectativa de José Ivan em torno da vinda para Jardinópolis:

Sim, mais não vamos mudar de assunto, vamos continuar o assunto anterior, eu gostaria de saber se Vanderlei ainda faz linha para cá, ou é melhor ir de ônibus, porque lá pra o dia 10 de agosto eu quero confiando em Deus, já está pegando a estrada pra ir embora, eu mesmo ainda não fui por falta de dinheiro, você sabe como as coisas aqui é difício, mais não se preocupe que eu estou vendendo a minha garrota exclusivamente p/ faser essa viagem, espero em Deus que dê tudo certo, e claro também estou contando com você, com o seu apoio.¹⁷⁵

¹⁷⁵ Carta de José Ivan Lima da Silva, de Monteirópolis, AL, para Gilvan Lima da Silva, Jardinópolis, SP. Enviada em 11 de junho de 2007.

O trecho acima revela a troca de informações sobre a ida de José Ivan para a casa de Gilvan, na cidade de Jardinópolis, São Paulo. Devido à dificuldade do contato pelo telefone, os irmãos trocam cartas para discutir e viabilizar a vinda.

Uma questão que aparece na carta é saber como chegar ao local, no caso, pela pergunta sobre Vanderlei, que é um motorista que realiza viagens periódicas de Alagoas para o interior de São Paulo, levando e trazendo pessoas na caçamba de uma camionete. Vanderlei chega a fazer duas viagens por semana e as vantagens desse transporte seriam o preço menor em comparação com as passagens dos ônibus de linha e o fato de ele deixar a pessoa no endereço desejado.

Outra questão importante que surge na carta é a venda do que se possui para arrecadar dinheiro para a viagem. Esse é um aspecto que ressalta a importância do ato de migrar na vida do sujeito, já que este coloca em risco tudo o que tem numa tentativa aparentemente incerta.

José Ivan explicita na carta a dependência em relação ao irmão, tanto pelas informações de como chegar ao local quanto pela perspectiva futura de moradia, alimentação e emprego: *e claro também estou contando com você, com o seu apoio. O apoio* significa a própria sobrevivência para a concretização dos objetivos almejados na região de Ribeirão Preto.

Sem a presença e o apoio do irmão Gilvan na cidade de Jardinópolis, José Ivan dificilmente poderia pensar na ida para o local. Percebemos suas expectativas e dependência em suas próprias palavras no trecho final da carta: *Gilvan eu espero que quando você receber esta carta, mande alguma solução para mim.*

A alagoana Jicélia Melo, cunhada de Gil, chegou a Ribeirão Preto em março de 1997, após o casamento com o irmão de Gil, Neneco, também pedreiro, que já vivia na região por intermédio do irmão.

A constituição de matrimônio com pessoas da região de origem, depois de um período de namoro estabelecido à distância, e a conseqüente mudança da mulher para o local onde o marido possui um trabalho são fatos recorrentes na experiência dessas pessoas. Esse aspecto revela o universo de relações vivenciadas por estes trabalhadores, tanto no local de origem quanto no de chegada.

Cada conhecido que chega à região, primeiramente desconhecida e pouco hospitaleira do ponto de vista das relações vivenciadas, modifica o lugar, criando-se, assim, maiores

vínculos de identificação e fixação, que possibilitam a constituição de outras formas de convivência no local.

Jicélia conta que desde 1997 tem uma vida com o marido de idas e vindas da cidade de Monteirópolis, Alagoas, para a cidade de Ribeirão Preto. Às vezes, por saudade da família vendem tudo e vão para Monteirópolis, mas depois por necessidade voltam para Ribeirão Preto. Essas idas e vindas só são possíveis pelos vínculos de amizade e parentesco constituídos pelo casal nas duas cidades.

Perguntada se pessoas conhecidas haviam chegado a Ribeirão Preto após sua vinda, Jicélia revela a ampliação do círculo de pessoas conhecidas no bairro em que mora desde 1997:

...logo quando eu vim pra cá só tinha lá do Norte que a gente conhecia eu, a Marluci, e a minha cunhada, minhas duas cunhadas, veio..., era pouca gente que tinha, se tivesse era umas trinta pessoa, hoje em dia tem mais de 300 só de lá, porque o carro vai pra lá toda semana, vai, leva daqui e traz de lá, não pára.¹⁷⁶

A própria Jicélia conta que sempre que vai a Monteirópolis traz alguém para Ribeirão Preto: *cada viagem que eu vou eu trago uma pessoa*. Várias irmãs de Jicélia que vieram a Ribeirão Preto passaram um tempo em sua residência. Atualmente, sua amiga, Leidiane de Jesus, de 18 anos, mora com ela e por enquanto cuida dos filhos de Jicélia, já que esta trabalha fora de casa como empregada doméstica. Entretanto, Leidiane conta que pretende distribuir currículos no comércio da cidade para trabalhar durante os 3 ou 4 anos que pensa em permanecer na cidade de Ribeirão Preto. Além das pessoas que traz consigo quando retorna de Monteirópolis, Jicélia narra que sempre acolhe em sua casa pessoas que chegam à cidade e não têm local para ficar:

Eu tô aqui né, aí eles tão lá no Norte, aí liga, pedino pra mim...aí eu vou e vejo, porque é difícil você chegar aqui né, aí eu tenho dó, deixo ficá na minha casa, o Gil deixa, os meninos também deixa, é assim as pessoas de lá que faz, como fala?, que acolhe as pessoas que vêm, as que já tão aqui, que o chegou meu irmão tá com um mês, tá lá na minha casa, aquele tá lá na minha casa também, isso por quê?, porque não tem onde ficar, aí eu não posso deixá na rua né, porque a pessoa vem do Norte não sabe de nada aqui, vem porque é uma coisa e é outra, porque aqui tem muita violência, lá não tem, lá é livre, aí eu vou e deixo ficá na minha casa, quando quiser sai pode saí, não me importo também, aí se tiver pagano aluguel como eu tô, se tiver 5 pessoas na casa, todos os 5 trabalham, aí a gente divide aluguel,

¹⁷⁶ Jicélia Melo, alagoana de Monteirópolis, casada, reside no bairro Parque Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 31 anos. Chegou pela primeira vez a Ribeirão Preto em 1997. Entrevista realizada em 24/06/07.

*água, luz, despesa, divide tudo, aí a turma vai levando, não tão bom mas dá pra gente i.*¹⁷⁷

Jicélia narra a partir da condição comum de trabalhadores pobres que se deslocam de uma região para outra, cujas únicas estruturas de amparo no local de chegada são aquelas pessoas que passaram pela mesma experiência e que hoje podem oferecer estadia e alimentação por algum tempo. Ela explica que a pessoa que não possui trabalho e, portanto, não tem condições para arcar com as despesas do mês não paga as contas durante o período em que permanece em sua casa.

É justamente essa rede de relações de apoio que vai criando condições para a chegada e permanência de mais trabalhadores em situação semelhante na região de Ribeirão Preto. À medida que a pessoa consegue um trabalho e se muda para outra casa, constitui-se em mais um ponto de referência para viabilizar a chegada de outros sujeitos.

Esse é o caso da experiência de Ernestina Moura das Neves e do marido José Aparecido das Neves, residentes desde 1992 na cidade de Guariba. Dona Ernestina migrou pela primeira vez com a família aos nove anos de idade, na segunda metade da década de 1960. Ela deixou a cidade onde o pai *perdeu* a fazenda que possuía, Barra de São João, no Espírito Santo, para trabalhar em terras doadas pelo Incra na cidade de Carajá, no Paraná.

De Carajá, Dona Ernestina passou por várias cidades com a família até chegar a Cascavel e se casar com Seu José Aparecido. Continuou passando por várias cidades com o marido e depois de viverem por cinco anos em Foz do Iguaçu, local em que Seu José trabalhou na usina de Itaipu, mudaram-se, no início da década de 1980, para a cidade de Marília, no estado de São Paulo.

Em Marília, o casal permaneceu por doze anos trabalhando em fazendas de café e, posteriormente, cuidando de gado. Pela dificuldade do trabalho na lavoura cafeeira, que naquele tempo dava *male má pra comê*,¹⁷⁸ Dona Ernestina e Seu José Aparecido partiram para a cidade de Guariba, com o apoio de familiares que já viviam no local:

*...no nosso caso teve pessoa que veio primeiro, os parente dele veio, foi trazendo os outros, aí no nosso caso foi meu sogro que mandou buscá a gente, é o mesmo caso dos maranhense agora, os maranhense não vai lá e fala e vem num bando, hoje vem 10, quando é no pagamento da semana que vem, vem 20, depois vai multiplicando...*¹⁷⁹

¹⁷⁷ Jicélia Melo. Op. cit.

¹⁷⁸ Ernestina Moura das Neves, capixaba de Barra de São Francisco, casada, reside no bairro Alto, Guariba, 49 anos. Chegou a Guariba no ano de 1992. Entrevista realizada em 27/06/07.

¹⁷⁹ Ibid.

Durante a entrevista, Dona Ernestina articula a experiência que vivenciou com aquela por que passam atualmente milhares de trabalhadores que continuam chegando à região para o trabalho no corte da cana-de-açúcar. Foi esse setor que atraiu o casal, que possuía apenas uma breve experiência no trabalho na lavoura de cana-de-açúcar. Como diversos outros, que na época trabalhavam no cultivo do café em Marília e no Paraná, eles decidiram se mudar para Guariba por ouvirem falar bem da região: *então tem muita gente lá que veio através desse tipo de contato, 'lá tá bom' logo o outro vem, no outro ano 'lá tá bom' vem o resto, então é assim que a gente veio.*¹⁸⁰

As maiores dificuldades encontradas no local são relatadas sempre em relação ao pequeno número de conhecidos: *era muito difícil, porque quando você chega numa cidade que conhece pouca gente tudo é difícil.*¹⁸¹ Tais relatos são construídos em oposição às referências que facilitam a vinda, sejam informando sobre o local, alugando um cômodo ou indicando um serviço.

Mesmo com parentes vivendo na cidade, Dona Ernestina fala do desafio que foi deixar a zona rural de Marília para viver na zona urbana de Guariba:

*...então eu lembro da gente, nós chegava com medo de passá fome, porque não tinha dinheiro, não tinha nada, só tinha mudança e algumas galinhas que a gente trouxe, aí eu falava 'meu Deus do céu Zé, o que que nós veio fazê aqui?' que nosso patrão não queria que nós viesse né, 'que que nós veio fazê aqui Zé?', aí o Zé falou 'vamo pedi a Deus que nós arruma um serviço', aí começemo caçá, aí ele achou, achou ele, meu filho e meu cunhado...*¹⁸²

Para assegurar a alimentação na cidade, caso não conseguisse o almejado emprego na lavoura canavieira, o casal trouxe consigo algumas galinhas. Prática comum da população residente da zona rural, a criação de animais, assim como o trabalho na roça, é uma forma de sobrevivência trazida para a cidade por parte da população migrante.

Poucos migram na *cara e coragem*, como diz Dona Ernestina a partir da experiência própria. Mesmo os trabalhadores que chegam para morar na região somente durante a safra de cana-de-açúcar, precisam contar com o apoio daqueles que já moram ou já trabalham na safra há mais tempo.

Antônio Ferreira de Andrade Filho e Raimundo Gomes dos Santos moram no Maranhão, respectivamente nas cidades vizinhas de Timbiras e Codó. Durante a safra,

¹⁸⁰ Ernestina Moura das Neves. Op. cit.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² Ibid.

geralmente entre os meses de março e novembro, vivem na cidade de Guariba, no bairro Vila Jordão, numa casa alugada com mais quatro colegas maranhenses.

Na foto¹⁸³ abaixo estão Antônio, de camisa azul clara, Raimundo, de camisa azul escura e boné, e mais dois colegas trabalhadores da safra de cana-de-açúcar que dividem com os primeiros a casa de três cômodos em Guariba. Na entressafra, o aluguel da casa é pago com antecedência pelos trabalhadores, para que permaneça fechada até o retorno deles para a safra do ano seguinte.



F3 – Raimundo, Antônio e colegas sentados na cama em um dos quartos da casa de três cômodos e quintal que alugam para trabalhar na safra de cana-de-açúcar em Guariba.

Observa-se também um rádio, levado para a cidade de origem no término da safra. A possibilidade de compra de bens de consumo na região de Ribeirão Preto, com o dinheiro arrecadado pelo trabalho prestado, está entre os fatores que motivaram a ida de Antônio para a safra de cana-de-açúcar. Antônio é casado e deixa a família na cidade de origem para “tirar a

¹⁸³ Arquivo Pessoal. Foto tirada em 16/10/2006.

safra”. Ele conta que ficou sabendo do trabalho pelos *que vinham primeiro aqui*, e voltavam para lá sempre *comprando aquelas coisas que a gente não tinha, né*.¹⁸⁴

Foram esses conhecidos que auxiliaram a vinda de Antônio e Raimundo para a cidade de Guariba: *A primeira vez a gente, dos que foi lá, aí trouxeram a gente, aí chegaram aqui eles arrumaram vaga pra gente trabalhar*.¹⁸⁵

Além do apoio para a vinda e para estabelecer os contatos visando à conquista do emprego na região, é necessária, ainda, ajuda para a manutenção nos primeiros dias, como moradia e alimentação, já que, geralmente, aquele que chega possui uma estrutura financeira precária.

A foto¹⁸⁶ abaixo, da cidade natal de Antônio, Timbiras, foi tirada no Terminal Rodoviário no dia de partida de muitos trabalhadores para a safra na região de Ribeirão Preto. Pela movimentação do local podemos deduzir a importância dessa atividade para a cidade e a ampla circulação de trabalhadores que partem para a safra.



F4 - Terminal Rodoviário de Timbiras, Maranhão, em dia de despedida de trabalhadores locais que viajam para safra de cana-de-açúcar da região de Ribeirão Preto.

¹⁸⁴ Antônio Ferreira de Andrade Filho, maranhense de Timbiras, casado, reside durante a safra no bairro Vila Jordão, em Guariba, 36 anos. Trabalha na safra em Guariba desde 2003. Entrevista realizada em 16/10/2006.

¹⁸⁵ Ibid.

¹⁸⁶ Arquivo da Pastoral do Migrante de Guariba. Data: março de 2006.

A cidade de Raimundo, Codó, maior município da região, também possui meios para a realização das viagens dos trabalhadores para a safra de cana-de-açúcar. A próxima foto¹⁸⁷ é de uma agência de viagens de Codó, a qual transporta trabalhadores para a região de Ribeirão Preto e para outras regiões do país.



F5 - Agência de Codó, Maranhão, que segundo Irmã Inês, da Pastoral do Migrante de Guariba, realiza as viagens dos trabalhadores para o interior de São Paulo.

Seu Raimundo, que também é casado e deixa a família em Codó quando vai para o trabalho na safra em Guariba, conta que já está velho para o trabalho que realiza, mas um de seus dois filhos já está ansioso para “tirar a safra” também.

A relação estabelecida entre os companheiros de casa e de trabalho é de cumplicidade para o enfrentamento de eventuais problemas cotidianos na região. Comparando com as experiências que obteve em outros locais em que trabalhou, ele interpreta a atual situação e ressalta a relação com Antônio e os outros colegas: *nunca se deu mal não, quando ele tem, e*

¹⁸⁷ Arquivo da Pastoral do Migrante de Guariba. Data: março de 2006.

*eu não tenho, eu tenho, e se ele não tem e eu tenho é dele também, nós somo assim, né, unido, e aqui nós somo 6, Graças à Deus.*¹⁸⁸

Outro trabalhador, que também chegou para a safra com ajuda dos colegas, foi o baiano Valdir Pereira dos Santos. Depois de trabalhar na safra em 1985 e 1986, deixando a família na Bahia, na cidade de Itaberaba, decidiu se mudar definitivamente para o estado de São Paulo, em 1987, na cidade de Iracemápolis.

Valdir, que exercia a profissão de pedreiro na Bahia, conta como foi o apoio dos conhecidos para conseguir o trabalho em São Paulo:

*...muitos que nasce na região lá, tem muito muitas pessoas que vêm trabalhar aqui, né, colega meu lá de infância mesmo, trabalha aqui, e muito deles moram aqui há muito tempo, sempre eles iam lá passear e falava pra gente, né, e até deu a força pra gente também, no caso a gente trazer nós pra cá, inclusive uns primo nosso que sempre vinham aqui também e deram a força pela primeira vez, né, pra trazer nós a primeira vez, aí nós viemos com eles, e aí nós gostamos do lugar e continuamos, eu mesmo já tô com 22 anos que tô morando aqui.*¹⁸⁹

Quando se mudou definitivamente para São Paulo, Valdir voltou a exercer a profissão de pedreiro na construção civil, emprego que foi arranjado por uma pessoa conhecida. Mais uma vez, é importante pensarmos nas dificuldades superadas com o apoio de companheiros no local. Geralmente, as experiências narradas nas entrevistas revelam que as condições de sobrevivência tendem a melhorar à medida que as pessoas trazem conhecidos para a região em que migraram. Pois a consequência imediata é a ampliação do universo de relações sociais, nas quais eles podem contar uns com os outros em situações imprevistas.

Depois de passar por várias cidades do estado de São Paulo realizando o trabalho no ramo da construção civil, Valdir vive atualmente com a mãe e alguns irmãos na cidade de Guariba. A maioria de seus familiares vive hoje no estado de São Paulo, somente o pai de Valdir, que é divorciado de sua mãe, e um irmão ainda vivem na Bahia. O processo de chegada desses familiares é semelhante ao processo de vinda que tem sido analisado até aqui nos casos anteriores. À medida que a pessoa cria melhores condições para se estabelecer, esta procura trazer os familiares e conhecidos que desejam tentar a vida no local.

O pernambucano Edmílson da Costa Silva, nascido na cidade de Bom Conselho, sempre contou com o apoio de familiares em suas trajetórias. Em 1985, aos quinze anos de idade,

¹⁸⁸ Raimundo Gomes dos Santos, maranhense de Codó, casado, reside durante a safra no bairro Vila Jordão, em Guariba, 44 anos. Trabalha na safra em Guariba desde 2003. Entrevista realizada em 16/10/2006.

¹⁸⁹ Valdir Pereira Santos, baiano nascido em Itaitê e crescido em Itaberaba, separado, reside atualmente no bairro Centro, Guariba, 42 anos. Chegou ao estado de São Paulo para a safra de 1985 e no ano de 1987 mudou-se definitivamente para Iracemápolis. Entrevista realizada em 16/10/2006.

mudou-se com a mãe e os irmãos para a cidade de São Paulo, onde moraram na casa de um tio que vivia desde muito tempo no local.

Durante o período em que permaneceu em São Paulo, ele trabalhou como engraxate, vigia de carros, vendedor de cachorro-quente, frentista de posto de gasolina, e depois, adquiriu uma lanchonete em parceria.

No início da década de 1990, vendeu sua parte no negócio e se mudou para a casa de uma tia em Ribeirão Preto, no bairro Vila Abranches. Nesse local, continuou no ramo de comércio. Em 2000, ele comprou um terreno e foi morar na cidade de Jardinópolis, no bairro Jardim Morumbi I.

Atualmente, Edmilson possui um mini-mercado e pretende permanecer em Jardinópolis até o fim da vida, pois avalia que não há mais lugar para se ganhar dinheiro: *eu não pretendo sair daqui pra lugar nenhum mais não, lugar bom não existe mais, eu acredito que não.*¹⁹⁰

Um aspecto ressaltado na entrevista de Edmilson, que ajuda a entender a importância das referências para se estabelecer em uma cidade desconhecida, é quando este avalia o fato de não possuir conhecidos quando chegou a Jardinópolis:

*Tudo é difícil, quando você chega que cê não conhece ninguém, as pessoas eles ninguém acredita em você, o mundo tá assim hoje, cê pode sê honesto do jeito que for, mas ninguém vai acreditar em você, as pessoas dificulta de todas as forma, é difícil, eu memo quando eu cheguei aqui em Jardinópolis, nossa aqui era muito difícil...porque era tudo que cê precisava prefeitura qualquer coisa que cê fosse buscá o cara só diz não pra você, só diz não, cê entende, os cara dificultam o máximo, cê vê que é má vontade, é que exemplo que eu poderia te dá, vê se eu lembro de alguma coisa que já aconteceu comigo, é sei lá, até o fato de você, você i num, vo dizê um hospital fazê uma consulta, até isso é difícil.*¹⁹¹

O trecho acima *Ninguém acredita em você* remete às imagens públicas construídas sobre esses sujeitos na região de Ribeirão Preto, como as analisadas no jornal *A cidade*. Essas imagens influenciam o cotidiano desses sujeitos à medida que determinados setores da sociedade vêm com desconfiança suas ações para a sobrevivência, negando-lhes direitos acessíveis a todos.

¹⁹⁰ Edmilson da Silva Costa, pernambucano de Bom Conselho, solteiro, 41 anos, reside no bairro Morumbi I, Jardinópolis. Chegou à cidade de São Paulo em 1985, mudou-se para Ribeirão Preto no início da década de 1990 e para Jardinópolis em 2000. Entrevista realizada em 16/07/06.

¹⁹¹ Ibid.

Se olharmos para a cidade como um todo, perceberemos que o imaginário constituído sobre o migrante, em determinados meios de difusão da memória social¹⁹², tende a dificultar o acesso desses sujeitos a determinados espaços e serviços do local. Nessa perspectiva, se as relações sociais vivenciadas no bairro com vizinhos, parentes e colegas permitem pensar na conquista da cidadania por esses sujeitos, as relações vivenciadas em outros espaços da cidade com outros grupos sociais colocam em dúvida a conquista da cidadania plena, a qual permanece sendo um *privilégio de classe*.¹⁹³

Por ser comerciante, Edmílson, enfatiza as dificuldades burocráticas encontradas para legalizar seu mini-mercado na cidade, além de estender os problemas para uma questão mais geral, ligada ao acesso aos serviços públicos.

Em outras entrevistas com moradores do bairro Jardim Morumbi I, local composto por grande número de moradores oriundos de outras regiões do país, são muitas as queixas relacionadas aos serviços públicos, como: excesso de buracos nas ruas do bairro, elevado número de terrenos baldios descuidados, falta de transporte público, deficiência nos atendimentos hospitalares, ausência de passarela na rodovia que passa ao lado do bairro, entre outros. Tais reivindicações apontam para a dificuldade do diálogo dessa população com os representantes públicos para resolver seus problemas cotidianos e para o descaso de parcela considerável desses representantes para com o povo pobre da região.

As relações de cumplicidade vivenciadas por esses sujeitos vão além da viabilização da vinda para a região de Ribeirão Preto e da ajuda na superação dos problemas iniciais relacionados à falta de conhecidos e referências suficientes para enfrentar os embates do cotidiano.

As relações continuam e se ampliam com as experiências cotidianas desses indivíduos, pois como salientam alguns entrevistados, a região de Ribeirão Preto lhes oferece o emprego que não possuíam na região de origem, entretanto, as contas sempre permanecem apertadas no fim do mês.¹⁹⁴

Neste sentido, as tentativas de se estabelecer numa casa que tenha espaço para todos os membros da família e de deixar de pagar o aluguel, o qual geralmente compromete grande

¹⁹² MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880-1920. In: **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, p. 15.

¹⁹³ CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 53.

¹⁹⁴ Maria Aparecida Messias Silva, alagoana de São José da Tapera, casada, residente do bairro Parque Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 28 anos. Chegou pela primeira vez a Ribeirão Preto em 1997. Entrevista realizada em 10/02/2007.

parte do orçamento familiar, são muitas vezes encaradas com o apoio daqueles conhecidos no local.

Gil conta que comprou o terreno da casa em que mora atualmente, no bairro Parque Ribeirão, com o dinheiro da venda de uma casa que possuía em Alagoas. O material para a construção da casa foi adquirido com cinco mil reais recebidos no ano de 1996, no acerto com a construtora em que trabalhava na época. A casa foi erguida com o trabalho dos irmãos e amigos que viviam no bairro:

Fazia mais de fim de semana, fim de semana a gente se juntava aí, descia o reio, ainda hoje, cê vê que...precisa de encanamento, meus irmãos são encanador, eu sou azulejista, o Gilvan é azulejista, aí nós vem aqui, 'vamo fazer isso aqui', 'vamo', chego o reio.¹⁹⁵

O sistema de construção em conjunto da casa própria é uma alternativa para essas pessoas, que podem contar com o trabalho dos companheiros nos horários de lazer. A foto¹⁹⁶ abaixo é da casa de Gil. Nela observamos a sala construída ao fundo e a garagem inacabada no primeiro plano, com materiais embalados para a finalização da casa e as ferramentas de trabalho ao lado.



F6 – Materiais e ferramentas para o término da construção da garagem, corredores, quartos e quintal da casa de Gil, no Bairro Parque Ribeirão Preto.

¹⁹⁵ Genivaldo Silva Maciel. Op. cit.

¹⁹⁶ Arquivo pessoal. Data: 24 de junho de 2007.

Gilvan conta que sempre que visita o amigo Gil aos domingos, os dois passam parte do tempo mexendo no acabamento final do corredor, quartos e garagem da casa. No dia da visita à casa de Gil, em que Gilvan e a mulher Maria Inês me acompanharam, o principal assunto entre eles era o acabamento final da casa de Gil e a construção da casa de Gilvan, no bairro Jardim São Gabriel, em Jardinópolis.

Naquele dia, depois de Maria Inês me dizer que alguns amigos se comprometeram a ajudar, mas desapareceram no momento do trabalho, Gil combinou com Gilvan uma data para ir a Jardinópolis adiantar a construção do piso da casa.

O terreno da casa que Gilvan está construindo vem sendo pago em parcelas, com as quais só tem conseguido arcar por haver se livrado do aluguel, graças ao apoio de uma vizinha que lhe cedeu um cômodo para a família morar. Os materiais para a obra foram comprados com o dinheiro adquirido com a venda da casa que possuía em Alagoas.

Conforme se observa na foto¹⁹⁷ abaixo, a casa de Gilvan está em fase de levantamento, ainda faltando arrumar o piso, erguer mais paredes e concluir o teto para que a família possa se mudar e devolver o cômodo à vizinha. O material para a construção fica armazenado ao lado e dentro da construção. A obra é tocada, geralmente, aos domingos pela manhã e tarde, já que Gilvan trabalha também como vigia em um posto de gasolina de Ribeirão Preto nas noites de domingo para segunda-feira.



F7 – Gilvan e Maria Inês e filhos posam orgulhosamente para foto em frente à casa que estão construindo no bairro São Gabriel, Jardinópolis.

¹⁹⁷ Arquivo pessoal. Data: 24 de junho de 2007.

A ansiedade de Dona Maria Inês para habitar o novo lar é grande. As narrativas analisadas apontam que nesse sistema de construção adotado por Gil e Gilvan as pessoas mudam para a casa geralmente sem concluir os acabamentos finais, conforme já observamos na residência de Gil.

Dona Ernestina conta que quando chegou a Guariba, alugou uma casa com o apoio do sogro, mas logo conseguiu comprar uma casinha velha com o dinheiro do acerto do trabalho na fazenda de café em Marília:

*...aí nós veio, o dinheirinho dava pra nós comprá aqui, nem era essa casa, não tinha casa sabe era um, até que a parede caiu tudo, se nós não corre caía em cima de nós, a casa que tinha aqui, mas pra nós tava bom, pra quem pagava aluguel não tava dando nem pra comê tava bom demais...*¹⁹⁸

Para sair do aluguel, Dona Ernestina e Seu José Aparecido mudaram para uma casa em péssimas condições. Com o tempo foram construindo a casa em que moram hoje, também com o auxílio de conhecidos. Ernestina conta que após o trabalho no corte da cana *ele chegava e vinha direto pra cá, mete o pau porque se fosse pra pagá o pedreiro nunca ia saí a casa, porque como é que ia a gente cortando cana, meu marido ganhava pouco, pouco, pouco.*¹⁹⁹

É importante notar que grande parte do tempo livre desses trabalhadores não é utilizada para atividades de lazer ou descanso. O tempo que perpassa uma jornada de trabalho e outra é o tempo de buscar a sobrevivência no local, geralmente com a ajuda de colegas de trabalho, parentes e vizinhos.

É comum, para viabilizar a construção da casa no local em que vivem hoje, essas pessoas se desfazerem daquilo que ainda ficou no local de origem. Isto significa que a idéia de viver melhor e permanecer na região torna-se uma realidade mais concreta, pois ao tentarem se estabelecer com a casa própria no local de chegada, são rompidos mais definitivamente os laços que os ligavam ao local de origem.

Entretanto, mesmo aqueles que trabalham na região de Ribeirão Preto somente no período das safras ou aqueles que se fixam definitivamente e conseguem até construir uma casa, ainda permanece, em vários casos, a relação de dependência e apoio para com aqueles parentes que ficaram na região de origem.

¹⁹⁸ Ernestina Moura das Neves. Op. cit.

¹⁹⁹ Ibid.

Esse fato é notável na contínua vinda de parentes e conhecidos e também na ajuda à manutenção daqueles que não migraram, mas convivem diariamente com dificuldades para a própria sobrevivência.

Raimundo conta que todo mês manda de cento e cinquenta a duzentos reais para a família, para ajudar na compra de pão e feijão - produtos que faltam -, pois outros alimentos, como verduras e carne são retirados da roça e das criações no local onde moram.

No caso de Gil, também percebemos as relações de dependência. Em uma carta enviada de Olho D'água das Flores, Alagoas, por sua sogra, Jazira Gama, em 1995, esta manda conselhos à mulher de Gil, Marluci, sobre como ela deveria se comportar para não estragar o casamento, com receio de que a filha que estava grávida tivesse que voltar, pois Dona Jazira não teria condições de sustentá-la com o neto. Em um trecho da carta, Jazira comenta sobre os laços de dependência financeira que possui com o genro: *Genildo não se preocupe com sua casa que eu vou sair só estou procurando outra assim que eu encontrar eu sei da sua casa.*²⁰⁰

As relações de apoio, solidariedade, cumplicidade e dependência verificadas fazem parte da experiência de trabalhadores pobres que a cada dia chegam à região de Ribeirão Preto para viver. Nas vivências estabelecidas para se fixar são construídas as relações que serão essenciais para a transformação do lugar habitado.

Mesmo com a tentativa constante de alguns grupos sociais de impedir a chegada e permanência desses sujeitos nas cidades da região, negando-lhes, portanto, o direito à cidadania no local, as conquistas de espaços das cidades permanecem.

Os trabalhadores migrantes constroem espaços nas cidades, nos quais criam condições para a prática da sobrevivência por meio da constituição das redes de solidariedade. Essas redes são formadas por diversos trabalhadores que, por pertencerem às classes populares e se situarem no universo daqueles que vendem mão-de-obra barata para um mercado instável, percebem que os laços de cumplicidade são essenciais para criar as condições diárias de sobrevivência.

No geral, os trabalhadores migrantes chegam à região de Ribeirão Preto dispostos a realizar qualquer serviço que seja compatível com suas condições físicas e com seus valores morais. Bóia-fria, servente de pedreiro, frentista de posto de gasolina, empregada doméstica, lavadeira, faxineira, vigia, garçom, vendedor ambulante, camelô e engraxate são algumas das profissões comumente exercidas por esses sujeitos.

²⁰⁰ Carta de Jazira Gama, Olho D'água das Flores, Alagoas, escrita por Rosa de Marcones, para a filha Marluci, em Ribeirão Preto, São Paulo. Data: 15/11/1995.

Dependendo da conjuntura, praticam esse ou aquele serviço. Por serem profissões caracterizadas pela instabilidade, seja pela incerteza da continuação do contrato de trabalho - devido a um mercado de trabalho instável -, ou pelo cerco acirrado das ações policiais a algumas dessas atividades, a constituição de uma ampla rede social de conhecidos nos bairros habitados significa a segurança necessária para a permanência no local nos momentos de condições adversas, como o possível desemprego.

Os bairros ocupados por esses sujeitos situam-se, predominantemente, nas periferias das cidades da região de Ribeirão Preto. Eles foram construídos na forma de conjuntos habitacionais, pela doação de terrenos públicos, pela ocupação de terrenos inutilizados e por loteamentos privados.

A geógrafa Sandra Lencioni, em pesquisa realizada sobre a cidade de Jardinópolis, aponta como a urbanização da cidade foi se constituindo de forma segregada desde o início do século XX, reconfigurando-se, mas mantendo-se segregada na década de 1980, momento em que escreve:

*A configuração urbana de Jardinópolis apresenta uma paisagem dicotômica por onde se delineam esses mecanismos; de um lado estrutura-se a área mais antiga contornada por um anel viário e, de outro, uma área mais recente canalizando-se em direção à Anhanguera. A primeira é a mais antiga e também a origem do núcleo urbano que se formou vinculada à uma divisão territorial do trabalho ao tempo da hegemonia econômica do café e, a segunda, praticamente de mesma dimensão territorial, de formação mais recente, é ligada às manifestações de urbanização do trabalhador rural devido ao aumento da capitalização da agricultura desde os anos sessenta.*²⁰¹

Na década de 1960, a prefeitura de Jardinópolis doou terras na Vila Operária, atual Vila Reis, para trabalhadores pobres que viviam de aluguel no bairro Caixa D'água e Vila Sebosa, esta situada na entrada da cidade. Esses trabalhadores construíram suas casas em forma de mutirão. Ainda hoje, o bairro da Vila Reis carece de infra-estrutura adequada.

A doação dos terrenos a esses moradores fazia parte da política que visava remover os moradores da Vila Sebosa, por estes se fazerem muito presentes na cidade.²⁰² O bairro Caixa D'água, renomeado Vila Paulista, recebeu rápida infra-estrutura, principalmente

²⁰¹ LENCIONI, Sandra. **Agricultura e Urbanização** – A capitalização no campo e a transformação da cidade. Jardinópolis, o estudo de um lugar. 1985. 175 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985, p. 148.

²⁰² LENCIONI, Sandra. Op. cit. p. 153.

abastecimento de água, seus terrenos foram valorizados e passou a ser habitado por pessoas de maiores aquisições financeiras.²⁰³

Os bairros loteados tornaram-se mais comuns na cidade de Jardinópolis na segunda metade da década de 1990. Grandes extensões de terra situadas na zona rural, mas próxima à zona urbana, foram loteadas e os terrenos colocados à venda em várias parcelas de pagamento.²⁰⁴

Trabalhadores de várias regiões do país, principalmente trabalhadores migrantes que viviam na periferia da cidade de Ribeirão Preto, optaram por mudar para os novos bairros loteados de Jardinópolis – Jardim São Gabriel, Jardim Morumbi I e Jardim Morumbi II.

O descaso da prefeitura local ocorre desde a época da criação desses bairros, pois os terrenos foram vendidos e as casas construídas sem que houvesse o investimento numa infraestrutura adequada. A fala de um morador do bairro Jardim São Gabriel aponta para o conluio da iniciativa privada com a prefeitura local nas políticas de loteamento implementadas nos bairros:

*e agora tá enganando o povo de novo porque ele abriu outro aí pra cima, tá falando que tem, tá pronto pra construir e não tem água, não tem esgoto, não tem nada ainda, tá vendendo e tá enganando o povo do mesmo jeito.*²⁰⁵

Outra forma de construção dos bairros periféricos habitados por esses trabalhadores é a ocupação de terrenos inabitados e, posteriormente, a luta para permanecer no local e reivindicar investimentos em infra-estrutura.

O bairro Jardim Progresso, situado na cidade de Ribeirão Preto, foi constituído dessa forma, na segunda metade da década de 1990. As casas foram construídas no sistema de mutirão²⁰⁶ e as pressões aos órgãos públicos foram organizadas através MUST – Movimento de União dos Sem Teto. A precária infra-estrutura foi conquistada aos poucos, convivendo ainda hoje com problemas comuns às grandes cidades brasileiras: falta de emprego, violência e discriminação.

²⁰³ LENCIONI, Sandra. Op. cit. p. 153.

²⁰⁴ Um terreno no bairro Jardim Morumbi II, loteamento mais recente feito no mesmo modelo dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I, era adquirido em 2005 por uma entrada de R\$ 200,00 mais 60 parcelas de R\$ 179,00, ou 99 parcelas de R\$ 129,00.

²⁰⁵ Manuel André dos Santos, 55 anos, morador do bairro Jardim Morumbi I, em Jardinópolis, há 4 anos. Entrevista realizada dia 01/04/2005.

²⁰⁶ ZAMBONI, Célia Maria. *Condições de vida, acumulação de riqueza, miséria e pobreza junto à população de migrantes na cidade de Ribeirão Preto*. 2001. 200 f. Tese (Doutorado em Serviço Social)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001, p. 154.

São nesses locais que a grande maioria dos trabalhadores migrantes ocupa seus espaços na região de Ribeirão Preto e constrói as formas de sobrevivência cotidianas. Por abrigarem trabalhadores com experiência compartilhada, sejam trabalhadores pobres migrantes ou locais, é ali que se trava a luta pela cidadania, entendida como a conquista de um espaço e o reconhecimento social num determinado lugar.²⁰⁷

A cidadania conquistada pelos trabalhadores nos bairros periféricos não significa que essa seja plenamente reconhecida em outros espaços da cidade. Os conflitos com alguns setores da cidade permanecem, haja vista a complexidade dos interesses no que se refere à ocupação da cidade e ao direito de pertencer ao local.

A fala de Edmilson sobre as relações vivenciadas com determinados grupos sociais da cidade de Jardinópolis reflete as tensões cotidianas:

...da cidade antiga eu não tenho contato não, aí ficam meio difícil né, o pessoal lá eles são meio, o pessoal de Jardinópolis que nasceu e se criou e são lá do centro, eles são como é que eu vou te dizer, eles discriminam alguém que tá, é você sente, se você chega lá no centro às vezes o cara pergunta pra você 'você é de onde', 'ah eu mora lá no Morumbi', cê já sente que o cara, cê já vê na expressão do cara que ele, ele acha, a maioria lá pro centro ele acha que quem mora no bairro aqui, que mora pra esses lados de cá, são tudo bandido, a maioria pensa assim, não vou dizer tudo, mas a maioria pensa.²⁰⁸

Pelo trecho acima, percebe-se que as dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores quando migram não se resumem à saída do local de origem, chegada na região, estabelecimento no local e conquista do emprego. A conquista do espaço e a busca pelo reconhecimento são questões que não desaparecem do dia-a-dia dessas pessoas.

As relações de amizade tendem a ser construídas no próprio bairro, como ressalta Edmilson: *É com pessoal do bairro né, e lá no centro eu tenho poucos contatos, quase não tenho né, não tenho porque você vem de fora você não tem, é difícil fazer amizade, e o pessoal daqui são preconceituosos, pessoal do centro são.²⁰⁹* Gil também ressalta que as relações de amizade são constituídas no bairro Parque Ribeirão Preto, com pessoas que

²⁰⁷ ARANTES. Antônio A. Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempo de globalização. In: _____. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 133.

²⁰⁸ Edmilson da Silva Costa, pernambucano de Bom Conselho, solteiro, 41 anos, reside no bairro Morumbi I, Jardinópolis. Chegou à cidade de São Paulo em 1985, mudou-se para Ribeirão Preto no início da década de 1990 e para Jardinópolis em 2000. Entrevista realizada em 01/04/2005.

²⁰⁹ Ibid.

compartilham uma experiência comum à dele: *Olha daqui da cidade, dizer que conheço um cara 'sou daqui', não conheço não, tudo de fora.*²¹⁰

A distância dos bairros periféricos analisados em relação às regiões centrais ou aos outros bairros da cidade ultrapassa a dimensão física, tomando proporções que se evidenciam nas relações sociais experimentadas. Vistas por esse ângulo, as cidades da região se revelam locais de constantes conflitos, caracterizadas por uma divisão social do espaço marcadamente segregacionista, apesar de esses espaços serem constantemente transpostos pelos sujeitos que os ocupam.

Podemos ainda, pela análise das entrevistas, pensar numa organização do tempo – racionalizada pelo historiador e não pelos sujeitos – relacionada às diferentes experiências vivenciadas no local. Assim, a periodização adotada em determinados eventos nos depoimentos revela as expectativas e os anseios dos sujeitos entrevistados.

Aqueles sujeitos que migraram com a expectativa da volta para a cidade de origem possuem referências no momento da partida bastante precisas, as quais se transformam quase que em contagem regressiva para o retorno. O presente é apresentado como momento de transição para a almejada volta ao local de origem e reencontro com as pessoas que ficaram: *...cheguei no dia 6 de março, esse ano eu vim mais cedo esse ano, pra pegá um pouco da parada, né, aí terminou a parada e entrou na safra, rapaz já tá com 7 mês de trabalho já, é 7 mês interou agora no dia 13 de outubro...*²¹¹

Entre os trabalhadores que migraram com o intuito de permanecer no local caso conseguissem emprego e condições melhores de vida, continuando a migrar se necessário, as referências à data de partida do local de origem são comumente relacionadas a experiências pessoais, sendo geralmente imprecisas: *Então, eu não me recordo bem, mas eu acho que até....dá pra eu saber mais ou menos quando eu vim pra São Paulo, pra Ribeirão, porque eu tenho um sobrinho que ele menininho para Ribeirão.*²¹²

Nas narrativas dos trabalhadores que não possuem o retorno para a terra de origem como perspectiva futura, ou seja, aqueles que conseguiram a permanência no local, o presente é apresentado como o tempo da conquista, da possibilidade de uma vida melhor, da incerteza em relação ao futuro, da busca da fixação permanente na região.

²¹⁰ Genivaldo Silva Maciel. Op. Cit.

²¹¹ Antônio Ferreira de Andrade Filho. Op. Cit.

²¹² Edmilson da Silva Costa, pernambucano de Bom Conselho, solteiro, 41 anos, reside no bairro Morumbi I, Jardinópolis. Chegou à cidade de São Paulo em 1985, mudou-se para Ribeirão Preto no início da década de 1990 e para Jardinópolis em 2000. Entrevista realizada em 16/07/2006.

As relações analisadas ao longo do capítulo nos auxiliam a entender como os trabalhadores migrantes vão chegando e construindo formas de sobrevivência na região de Ribeirão, fazendo-se presentes e participando ativamente das transformações do local.

Nessas experiências, os sujeitos imprimem suas marcas através das disputas cotidianas, construindo e constituindo seus espaços nessa região, caracterizada por conflitos no que se refere ao direito de pertencimento ao local.

Alguns conseguem a permanência nas cidades da região, conquistando condições de vida satisfatórias. Outros não conseguem construir aquilo que almejavam quando partiram de suas cidades. Por isso, continuam buscando em outras regiões do país melhores condições de sobrevivência. Todos são sujeitos ativos de um processo que os condiciona a determinadas situações, mas não os impede de construir cotidianamente alternativas de sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo migrante foi um conceito problemático que permeou a pesquisa. No dicionário Houaiss migrante é descrito como: *que ou o que migra*.²¹³ Percebe-se pela definição a ausência da noção de classe social para designar o migrante.

Entretanto, nos diversos documentos analisados o termo migrante sempre esteve relacionado às classes populares, mesmo que o migrante nunca fosse apresentado com uma única definição, emergindo diversas concepções sobre o mesmo.

Assim, o migrante era apresentado ora como aquele que conseguiu trabalho na região e se manteve no lugar, ora como aquele que não conseguiu trabalho e continua migrando para outras áreas, ou ainda como aquele que não acredita mais na possibilidade da conquista de trabalho e hoje vive no local ou permanece migrando.

Perceber esse sujeito/migrante na região permanece uma questão complicada que merece outras reflexões, a qual tentamos resolver neste trabalho buscando um fator de união de tais sujeitos, a saber, como trabalhadores que não conseguem a sobrevivência no local de origem e partem, geralmente em busca de trabalho em outras regiões. Nessa trajetória, esses sujeitos experimentam conflitos com outros setores sociais nos locais a que chegam.

Em agosto de 1990, o vereador paulistano Bruno Feder, do então PDS, propunha um projeto de lei com intuito de melhorar o atendimento público da cidade de São Paulo. Feder partia do pressuposto de que os serviços públicos estavam saturados devido à migração para a cidade:

Projeto de lei nº 229/90

Art. 1º - Ficam estabelecidas as seguintes normas para o acesso aos benefícios e equipamentos sociais junto a Prefeitura de São Paulo:

a – Estar empregado e apresentar carteira profissional assinada e atualizada, por período mínimo de dois anos.

*b – Ter residência fixa no município de São Paulo por um período mínimo, comprovado de dois anos.*²¹⁴

O projeto restringia aos desempregados e aos migrantes que chegaram havia menos de 2 anos na cidade o acesso a serviços como escolas, creches, planos habitacionais, transportes, entre outros. A justificativa do vereador era a de *proteger as pessoas que vivem aqui*²¹⁵,

²¹³ HOUAISS: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

²¹⁴ Projeto é acusado de ‘apartheid’ por querer tirar direitos de migrantes. **Folha de São Paulo**, terça-feira, 14/08/1990, p. C1.

²¹⁵ Projeto é acusado de ‘apartheid’ por querer tirar direitos de migrantes. **Folha de São Paulo**, terça-feira, 14/08/1990, p. C1.

colocando restrições à migração para São Paulo. O projeto foi na época considerado inconstitucional e rejeitado.

As políticas orientadas no sentido de restringir a migração não foram exclusividade da região metropolitana de São Paulo. No ano de 1991, o prefeito de Matão²¹⁶, João Fechio, elaborou ações com intuito de frear a migração para a cidade, interpretada por ele como fenômeno que desestrutura *todo processo cultural de formação familiar, religiosa e não contribui em nada porque as pessoas que vêm para a cidade não se identificam com nossa tradição. Então começam os assaltos, roubos e há deterioração do ambiente conseguido ao longo do tempo.*²¹⁷

Além de agir pela restrição de serviços públicos aos recém-chegados, como o acesso aos núcleos habitacionais, foi realizado *um processo de conscientização*²¹⁸ com as pessoas que já viviam na cidade, no qual eram orientadas a não telefonar ou escrever convidando amigos e parentes para virem morar na cidade, já que isso significaria *uma concorrência a mais no mercado de trabalho e no setor de habitação*²¹⁹. Tais políticas indicam a tensão nas discussões no início da década de 1990 sobre a migração e o crescimento populacional das cidades.

Na década de 1990, a discussão que inicialmente se restringia às grandes cidades brasileiras passou a ser pautada também por cidades menores. No caso da região de Ribeirão Preto, no final dos anos 1980 intensificam-se as políticas públicas referentes à migração e a discussão da temática na região.

Os meios de comunicação, entre os quais destacamos o jornal *A cidade*, passaram a debater as transformações que vinham ocorrendo no local, identificando o trabalhador migrante como um dos responsáveis pelas transformações.

É na década de 1980 que surgem importantes órgãos encarregados de agir perante essa parcela da população. No início dessa década, a Pastoral do Migrante de Guariba estabelece uma frente assistencialista em defesa desses trabalhadores na região de Ribeirão Preto, ao mesmo tempo em que defende a organização de tais sujeitos em seu local de origem.

Já no final da década de 1980, proliferaram as políticas de triagem da população migrante, materializadas na criação dos centros de triagem, encarregados de controlar a chegada dessas pessoas na região e disciplinar suas ações.

²¹⁶ Cidade da mesorregião de Araraquara, no interior de São Paulo, situada a 97 Km da cidade de Ribeirão Preto.

²¹⁷ A migração desestrutura a cidade, diz Fechio. **Folha de São Paulo**, 23/07/1991.

²¹⁸ Ibid.

²¹⁹ Ibid.

A pesquisa apontou que apesar das políticas de controle e restrição, esses sujeitos continuaram chegando à região, transformando o local e criando formas de sobrevivência. As relações de solidariedade revelaram formas adotadas pelos trabalhadores migrantes de se organizar na região de Ribeirão Preto, visando melhores condições de adquirir e construir a sobrevivência no local.

O processo de chegada, permanência e sobrevivência no local aponta a ação dos trabalhadores de outros lugares na transformação e conquista de espaços na região. Ao se fazerem presentes nos bairros periféricos das cidades, passam a colocar em questão a noção de cidadania na medida em que reivindicam, pela conquista de espaço, o direito de pertencimento ao local.

A criação de condições para a chegada de outros sujeitos em situações semelhantes àquelas vivenciadas no passado pelos trabalhadores que já se fixaram no local indica os motivos pelos quais as políticas de triagens, assim como a restrição proposta pelo prefeito de Matão, João Fechio – para a qual contava conquistar adeptos entre os próprios trabalhadores pela ameaça de uma possível competição ocorrida com a chegada de outros migrantes -, não obtiveram o êxito almejado.

As redes de solidariedade criadas por essas pessoas significavam estratégias alternativas para a vinda e permanência e se revelaram essenciais nesta pesquisa para a concretização do ato de migrar de trabalhadores de diversas partes do Brasil.

A rede de contato estabelecida entre esses trabalhadores propiciou sua própria manutenção no local. Sujeitos a instabilidades econômicas, desemprego, embates com o poder público, entre outras eventualidades, o contato com conhecidos significou um local de abrigo em eventual desalojamento, referência para emprego e outras cumplicidades necessárias para a sobrevivência humana cotidiana.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antônio A. Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempo de globalização. In:_____. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BATISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres: relações entre campo e cidade**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Entre a palavra e a imagem: o sertão da fome. In: **Famintos do Ceará – imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX**. Tese de Doutorado. Mimeo. São Paulo: PUC-SP, 2004.

BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. In: **Estudos avançados: dossiê migrações**. Volume 20 – Número 57. São Paulo: IEA, Maio/Agosto 2006.

CALVO, Célia Rocha. CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Org.) **Coletânea do Programa de Pós-graduação em História/UFU**. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 11-38.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. III Volume, 1ª edição. Ribeirão Preto: IMAG, 1987 – Summa Legis, 1992.

DANTAS, José. **Sertãozinho: uma sociedade dependente da lavoura canavieira e da agro-indústria açucareira**. 1976. 181 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Pardo, 1976.

FENELON, Déa Ribeiro. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In: **História & Perspectiva**. Uberlândia: EDUFU, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2002.

HOGGART, Richard. Quem são as classes trabalhadoras? e “Nós” e “Eles”. In: **As utilizações da Cultura 1**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

JÚNIOR, Milton Carneiro. **Sociedade e política em Ribeirão Preto**: estratégias de dominação (1960-1964). Dissertação de Mestrado. Franca: Unesp, 2002.

KHOURY, Yara Aun. Diversidade cultural, inclusão social e a escrita da história. In: **XIV Congresso Nacional de História Oral**, Rio Branco-Acre, 2 a 5/05/2006.

LENCIONI, Sandra. **Agricultura e Urbanização** – A capitalização no campo e a transformação da cidade. Jardinópolis, o estudo de um lugar. 1985. 175 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880-1920. In: **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d’Água, 2004.

MENDES, Alexandre Marques. **O conflito social de Guariba** 1984-1985. Franca: UNESP/Franca, 1999.

MORAES, Sérgio Paulo de. **Trabalho e Cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

NASCIMENTO, Eliana Maria de Freitas. **Itinerário da sobrevivência: processo migratório no contexto da expansão e crise do parque industrial francano – 1970/1995**. 1998. 131 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1998.

POPULAR, Grupo Memória. Memória Popular: teoria, política, método. In: **Muitas memórias, outras histórias**. FENELON, Déa Ribeiro. Et al. (Org.) São Paulo: Editora Olho D'água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Tempo 2**, Revista do Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Relume- Dumará, dez/ 1996.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, (14), fev. 1997.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e LINHARES, Maria Yedda L. Região e História Agrária. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 17-26.

SILVA. Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

SILVEIRA, Ubaldo. **A Comissão Pastoral da Terra e os conflitos sociais rurais na micro-região de Ribeirão Preto**. 1996. 236 f. Tese (Doutorado em Serviço Social)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1996.

_____. **Região de Ribeirão Preto e a luta dos trabalhadores rurais pela terra**. 2004. 154 f. Tese (Livre Docência em Serviço Social)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

THOMPSON, Edward P. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. Intervalo: a lógica histórica. In: _____. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 47-62.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VARUSSA, Rinaldo José. **Pastorais Operárias**: religiosidade, propostas e práticas políticas (São Paulo, 1964-1975). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC, dissertação – História, 1995.

ZAMBONI, Célia Maria. *Condições de vida, acumulação de riqueza, miséria e pobreza junto à população de migrantes na cidade de Ribeirão Preto*. 2001. 200 f. Tese (Doutorado em Serviço Social)-Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.

FONTES

Periódicos

Boletim Cá e Lá – década de 1980 e 1990 – Arquivo da Pastoral do Migrante de Guariba.
A cidade - década de 1980 e 1990 – Arquivo Municipal de Ribeirão Preto.
Revista Manchete, 8 de julho de 1989.
Folha de São Paulo, 25 de abril de 1988.
Folha de São Paulo, 14 de agosto de 1990.
Folha de São Paulo, 23 de julho de 1991.
Folha de São Paulo, 6 maio de 2005.

Boletins

MOENDO E ACONTECENDO, nº 28, dezembro de 2006.
Laborshow, informativo especial da Pastoral do Migrante, 05/2005.

Fotografias

Arquivo de fotos da Pastoral do Migrante de Guariba - década de 1980 e 1990
Arquivo pessoal – 2006 e 2007.
Arquivo pessoal dos trabalhadores entrevistados

Filme

CALIFORNIA à Brasileira. Direção: José Roberto Novais. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação – CEDI: UFRJ, 1991, 24 min, VHS, son., color.

Correspondências

Arquivo de correspondências da Pastoral do Migrante de Guariba - década de 1980 e 1990.
Correspondências dos trabalhadores entrevistados.

Entrevistas

Adeildo Felix da Silva, pernambucano de Cachoeirinha, amasiado, 37 anos, reside no bairro Centro, na cidade de Guariba, São Paulo. Chegou a Guariba em 2006. Entrevista realizada em 16/10/2006.

Antônio Ferreira de Andrade Filho, maranhense de Timbiras, casado, reside durante a safra no bairro Vila Jordão, em Guariba, 36 anos. Trabalha na safra de Guariba desde 2003. Entrevista realizada em 16/10/2006.

Edmilson da Silva Costa, pernambucano de Bom Conselho, solteiro, 41 anos, reside no bairro Morumbi I, Jardinópolis. Chegou à cidade de São Paulo em 1985, mudou-se para Ribeirão Preto no início da década de 1990 e para Jardinópolis em 2000. Entrevistas realizadas em 01/04/2005 e 16/07/06.

Ernestina Moura das Neves, capixaba de Barra de São Francisco, casada com José Aparecido das Neves, reside no bairro Alto, Guariba, 49 anos. Chegou a Guariba no ano de 1992. Entrevista realizada em 27/06/07.

Genivaldo Silva Maciel, alagoano de Monteirópolis, casado, residente do bairro Parque Ribeirão, RP, 39 anos. Chegou a Ribeirão Preto em julho de 1991. Entrevista realizada em 24/06/2007.

Gilvan Lima da Silva, alagoano de Monteirópolis, casado, reside no bairro Jardim São Gabriel, Jardinópolis, 41 anos. Chegou à região de Ribeirão Preto em 2002. Entrevista realizada dia 31/12/2006.

Irmã Inês – Inês Facioli, 59 anos, Missionária de São Carlos – Scalabriana. Trabalhou na Pastoral de julho de 1983 (CPT) até novembro de 1995, retornando em fevereiro de 2005. Entrevista realizada dia 11/10/2006.

Jicélia Melo, alagoana de Monteirópolis, casada, reside no bairro Parque Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 31 anos. Chegou pela primeira vez a Ribeirão Preto em 1997. Entrevista realizada em 24/06/07.

José Aparecido das Neves, paulista de Lins, casado com Ernestina Moura das Neves, reside no bairro Alto, Guariba, 51 anos. Chegou a Guariba no ano de 1992. Entrevista realizada em 27/06/07.

Manuel André dos Santos, casado, morador do bairro Jardim Morumbi I, em Jardinópolis, há 4 anos, 55 anos. Entrevista realizada dia 01/04/2005.

Maria Aparecida Messias Silva, alagoana de São José da Tapera, casada, reside no bairro Parque Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 28 anos. Chegou pela primeira vez a Ribeirão Preto em 1997. Entrevista realizada em 10/02/2007.

Padre Garcia - Antônio Garcia Peres, 54 anos, Missionário de São Carlos – Scalabrano. Trabalhou na Pastoral de 1986 até 1991, retornando em 1994. Entrevista realizada dia 11/10/2006.

Raimundo Gomes dos Santos, maranhense de Codó, casado, reside durante a safra no bairro Vila Jordão, em Guariba, 44 anos. Trabalha na safra de Guariba desde 2003. Entrevista realizada em 16/10/2006.

Rose Ane Guimarães Martins Imore, assistente social que participou da criação do CETREM e atuou no órgão na década de 1990. Atualmente está lotada no Fundo Social de Solidariedade – Gabinete da 1ª dama – Ribeirão Preto. Idade 49 anos. Entrevista realizada em 08/09/2006.

Valdir Pereira Santos, baiano nascido em Itaitê e crescido em Itaberaba, separado, reside atualmente no bairro Centro, Guariba, 42 anos. Chegou ao estado de São Paulo para a safra de 1985 e no ano de 1987 mudou-se definitivamente para Iracemápolis. Entrevista realizada em 16/10/2006.

Outros Documentos

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Igreja e Problemas da Terra**. Itaci: 18ª Assembléia da CNBB, 1980. Retirado de <<http://www.cptnac.com.br>>.